

Ramalho Eanes fala amanhã
através da Rádio e da TV

Finalmente o discurso

Pág. 5



MAI confirmou
suspeitas do "DL"

Graves irregularidades em Celorico da Beira

«Graves irregularidades» foram detectadas por inquiridores do MAI na gestão da Câmara Municipal de Celorico da Beira. O relatório respectivo já foi enviado à Assembleia Distrital da Guarda e será discutido por este órgão no próximo dia 12. Na mesma data será apreciado um outro relatório, este sobre a Câmara de Pinhel, que também refere a existência de «graves irregularidades».

O inquérito à Câmara de Celorico da Beira surgiu na sequência de uma série de reportagens do «DL» em que se referiam as suspeitas que recaíam sobre o actual executivo e particularmente sobre o presidente eleito pelo CDS em lista da AD. Esta coligação não se apresentará ao próximo acto eleitoral.

Pág. 9



Adensa-se
clima
político
em Espanha

Chefe da divisão 'Brunete' morto esta manhã

O atentado que esta manhã vitimou, em Madrid, o comandante da poderosa divisão «Brunete», veio adensar o clima político em Espanha. No preciso momento em que Felipe Gonzalez procede à constituição do novo Governo e à transferência de poderes, a morte violenta do general Lago Roman, ainda não reivindicada mas atribuída por fontes policiais à ETA, poderá ter repercussões no seio da sociedade castrense. O general Lago Roman, considerado como um militar duro, mas leal, chefiava uma das unidades mais infiltradas pelos sectores militares golpistas.

Pág. 24

Hoje há
"Ler/
Escrever"



Ciganos portugueses

Da marginalidade imposta à sina da integração

«Marginais» por opção, para manterem a sua identidade mas também por imposição do meio em que se instalam, os ciganos portugueses (cerca de 20 mil) continuam condenados aos subúrbios, continuam a recusar o trabalho assalariado e adaptam-se mal às soluções de integração que lhes são oferecidas pelas autoridades, muitas vezes com inteiro desprezo pelos seus costumes e características próprias.

Pág. 10

Estratégia de Salgueiro para ataque aos défices
da balança de pagamentos e do OGE

Redução dos salários reais e aumento generalizado de preços

São mais atingidos: funcionários públicos, bens alimentares
subsidiados (pão, carne e leite) e transportes

Pág. 7



Alvalade: o golo não chegou, mas o nulo bastou

Embaixada do futebol fica nos pés de Lisboa

Sporting (Taça dos Campeões) e Benfica (Taça UEFA) são os sobreviventes da aventura europeia do nosso futebol. Curiosamente, saltaram sobre os obstáculos de modo diferente: leões fazendo sofrer até à última pinguinha os seus adeptos, a águia novamente passando de uma situa-

ção de desvantagem para o comando do «placard». No caminho, ficou o FC do Porto, que fracassou na esgrima perante os belgas do Anderlecht. Agora, a embaixada do luso futebol fica entregue, exclusivamente, aos maiores lisboetas.

Págs. 14, 15 e 16

crônica de touros

SOLILÓQUIO

Música ao domingo

Praça de touros de Badajoz. Domingo, 17 de Outubro de 1982. Festival do Clube Taurino Estremeño. Um touro da sua ganaderia para Diego Garcia de La Peña, e seis de Felix Cameno para Antoñete, Angel Teruel, Curro Vasquez, Luis Reina, José Cubero «Yiyo» e José Elbal.

Domingo em Badajoz. Manhã de Outono. Pelas ruas há pouca gente, que é dia de prolongar descanso. Da noite ficou uma frescura húmida, da chuva que mal chegou a cair, tímida como o sol que vem chegando de mansinho, a tempo de secar as cadeiras que no Passeio de São Francisco o criado vai tirando, uma a uma, das pilhas arrumadas à casota do bar. É preciso armar a esplanada, antes que comece a chegar gente para o concerto da banda municipal. Don Juan Perez, o maestro titular, sobe pela primeira vez ao coreto depois do seu regresso de Valência, uma honra, fazer parte do jurado do concurso internacional de bandas de música, certame famoso.

A pouco e pouco se anima o lugar. Pelas mesas já o criado tem de estugar o passo no repartir das bandejas erçadas de copos de cerveja, de garrafas de refresco, mais as «tapas» de lulas fritas, apetite também para as moscas que

ao cheiro da fritura se poisam e levantam, indiferentes à música que arrancou vibrante, banda a sério, pois então. No quiosque aumenta a freguesia, chegaram os jornais de Madrid, parangonas largas, eleições à porta, com mistura de ameaças dos golpistas, iguais aos de toda a parte, só que em Espanha mais descarados, com vocação para os alardes e desplantas.

Arrancou a banda com uma marcha militar, mas não faz lembrar Tejero, não conta-mina a placidez da esplanada que cresce à beira do coreto, e por onde no intervalo do concerto se espalham também os músicos, no cavaqueio com a família que neles se veio rever, e os amigos, e os conhecidos; cavaqueio e também um copo, não é isso que irá complicar a afinação da segunda parte, abre com «El duende de España», só mais adiante o intermédio famoso de Giménez, o de «Las bodas de Luis Alonso»: altura

de se emperigar lá atrás o músico quase venerando, cabelos brancos e como põe «salero» nas castanholas, por detrás dos óculos lhe assoma a expressão embevecida.

Além, um menino deitou abaixo uma cadeira da esplanada. Não é coisa bastante para cortar o castiço da melodia, mas não gostou a mãe do que tomou por diabrura, com voz severa lhe reclama a imediata presença, em tom maior que o do pecado. Obedece o petiz, embeijado, olhos no chão, caminha para a mãe naquele passo lento de quem não quer chegar ao sítio para onde vai. Mas já com a estridência dum pasodoble chega ao fim o concerto da banda municipal, extintos os aplausos é hora dos músicos arrumarem os instrumentos, dos mais apurados despirem ali mesmo o casaco branco, para que à próxima chegue limpo e direito, concerto de banda não é só música, é também fardamento.

Domingo em Badajoz. A tarde, na praça de touros, festival do Clube Taurino, a música é outra. E o fardamento também, os músicos

não trajam casacos brancos, nem sequer fatinhos de ver a Deus, cada um vestiu a roupa que estava a jeito. E o maestro da charanga não consta que tenha sido juri em Valência. Nem sequer usa batuta. Ou melhor, a batuta dele é um prato. Sentou-se na bancada, uma fila abaixo dos outros, para que todos lhe vejam a ordem para arrancar com a música, o primeiro sinal é pegar no prato, assentá-lo em cima do seu bombo pintado de azul, maestro de charanga acumula com instrumento, e além disso esta tarde acumula no duro, música nos festivos, já se sabe, é o pão nosso de cada faena.

Claro que existem as raras excepções, como foi o caso de Antoñete, o maestro do toureio pegou na muleta e não deu tempo ao maestro da charanga para pegar no prato, sacudiu rapidamente as moscas do incómodo novilhão: decerto pensou que todos os cuidados serão poucos para outra vez dar as cartas na próxima temporada, já que esta se malogrou na colhida de Barcelona, interregno na glória, e nos milhões que António Chenel começava por fim a ganhar, dos matadores se fizera patriarca. Quanto ao resto, houve

música para toda a gente, salvo erro até para Diego Garcia de la Peña, que não é, não foi, nem será patriarca dos rejoneadores: lidou um touro manso da sua ganaderia («lidou» é força de expressão), o qual teve para com o proprietário o gesto duplo de o deitar abaixo do cavalo e depois, estando Don Diego à sua mercê, ficar a ver a presença com que do chão se levantava, ia com demanda do assustado corcel. Angel Teruel está em rodagem para a sua reaparição, e em Badajoz mostrou que continua tão capaz como outros que por aí andam; se é por vezes vantagista, maneiroso e frio, sobram-lhe o ofício e a cabeça para transmitir suas elegâncias, quando é hora de nelas pôr o sentimento.

Pouco próprio era o de Felix Cameno que tocou a Curro Vasquez, broncote como os manos que dos campos de Olivença vieram; e o de Linares passou sem evocar a sua faena grande de Madrid; e além disso não pareceu em dia de tal inspiração, oxalá a tenha guardada para o ano que vem, para que não seja mais um dessa sua esperança sempre renascida e sempre malograda. Vendo

Luis Reina tão animoso, até custa dizer que por ele não sinto sequer malogradas esperanças: e contudo foi o de Almendralejo quem pôs na tarde a primeira vibração, umas verónicas a receber o quinto, no jogo dos braços iam as pernas ganhando terreno; e cheio de ganas continuou o moço toureiro, com as duas orelhas passeou a arena, entre vozes amigas que da bancada o chamavam felizes, gente decerto da sua terra.

O novilheiro José Elbal encerrou a função, pesado com o estoque depois de ter dado alguns quarenta passes, aqui e ali templados, sem expressão todos eles, no rapaz não vai Badajoz encontrar por fim um toureiro de nome, como «Yiyo» pode vir a ser: foi dele a faena da tarde, em sua muleta levou suavemente o de Don Felix, que acabou a mansear, a soltar-se para as tábuas, querendo libertar-se; mas o jovem madrileño começa a pôr ofício na serena elegância, com ela levantou por fim o festival, em seu toureiro pôs esse ritmo pausado que dispensa outra música, já em si leva a harmonia, conduzida pela batuta dum trapo vermelho.

As correntes pacifistas e a defesa nacional

José Castro Caldas

Não é preciso grande esforço para que, quem quer que seja, independentemente do seu posicionamento político e ideológico, reconheça a existência de «uma corrente pacifista» ou de um movimento da paz (como preferimos chamar-lhes) em expansão e crescimento em todo o mundo e muito particularmente na Europa. Este movimento ou corrente apresentando basicamente duas características — abrange um vasto espectro político-ideológico; mobiliza sobretudo os jovens — intervém já como um factor muito importante na vida política de vários países europeus.

Ao interrogarmo-nos sobre as origens deste fenómeno somos levados a olhar em duas direcções:

1.º — Num mundo em que a informação atinge a massa dos cidadãos (pelo menos nos países mais desenvolvidos), e em que as notícias circulam a velocidades inconcebíveis há bem poucos anos, as questões militares e de defesa deixaram de ser monopólio de um círculo limitado para saltarem para o debate público.

Nesse debate público a questão da corrida aos armamentos, em particular aos armamentos nucleares, ocupa um lugar destacado. Hoje não é um grupo de «Loucos visionários» que clama contra os perigos das armas nucleares, são as grandes massas que ganham consciência de que as armas nucleares, e outras armas de extermínio massivo, deixaram não só de assegurar qualquer tipo de segurança como se transformaram num factor de segurança e perigo permanente.

2.º — A profunda crise económica que vivem os países capitalistas desenvolvidos e os países em desenvolvimento afecta profundamente as condições de vida das camadas laboriosas da população. Sociedades que há pouco tempo conheceram sofisticados serviços de saúde, completos sistemas de ensino, apoio social a desempregados, reformados, etc. a níveis invejáveis,



debatem-se hoje com grandes dificuldades a estes níveis. Os orçamentos de Estado são drasticamente austeros. Excepto num ponto — a Defesa.

Foi a NATO aliás que decidiu um aumento anual de 3% em valores reais dos orçamentos militares dos países membros e fala-se já numa percentagem ainda maior.

Hoje, para as camadas laboriosas, para a juventude dos países capitalistas desenvolvidos, enquanto sobem os preços descem as regalias, enquanto aumenta a procura de postos de trabalho descem as oportunidades. Não há dinheiro para nada excepto para a defesa.

Do ponto de vista objectivo existem razões de sobra para o desenvolvimento dos movimentos em torno da paz e do desarmamento. E se a estas razões somarmos razões de ordem moral mais claro se torna o quadro subjacente à realidade do movimento da paz.

A geração que hoje mais entusiástica e dinamicamente participa na luta pela paz — a juventude — despertou para as realidades do mundo e da vida, numa época particularmente fértil e promissora da história contemporânea — a década de 70, a década do desarmamento e da coexistência pacífica.

Nesta década foi provado que

é possível, não só o diálogo entre países com sistemas sociais diferentes, como a cooperação com vantagens mútuas, extensível à esfera militar e expressa em acordos sobre a limitação e redução dos armamentos. O impacto desta realidade nas mentalidades é enorme. A guerra-fria havia desenvolvido a psicose de um «inimigo» externo ameaçador e onnipotente, o desanuiamento dava lugar a valores menos doentes e mais humanos como a vontade de conhecer o que é diferente, o diálogo e a cooperação.

Um povo aceita, mesmo à custa dos seus interesses mais directos — a segurança, o nível de

vida, o conforto — um esforço de mobilização de recursos para a esfera militar, quando tem consciência de uma ameaça real à sua soberania. Não pode ser levado a crer durante muito tempo numa ameaça imaginária ou em qualquer aventura expansionista e imperialista (e os exemplos históricos abundam).

Quando, em finais de 78, pouco tempo depois da assinatura dos acordos SALT II que haviam confirmado a viabilidade do desarmamento, a NATO decide entre outras medidas instalar os mísseis Pershing II e Cruise, a opinião pública recebe um choque violento.

A pouco e pouco vão sendo

conhecidas as características tecnológicas destes novos mísseis e das doutrinas (guerra nuclear limitada, ataque preventivo, etc.) a eles associados e vai crescendo a consciência de que a não ratificação dos acordos SALT II abria tal como se havia receado uma nova página na estratégia do Pentágono. Alguma coisa havia mudado, incluindo os especialistas, os conselheiros e as equipas. As justificações apresentadas para a mudança de estratégia (Afegistão, Mísseis SS 20) soam a falso aos ouvidos apurados da juventude europeia. A linguagem da agressividade que chegava do outro lado do oceano feria os tímpanos e os corações.

É em função desta realidade, da própria natureza do perigo que ameaça a paz mundial que o movimento da paz dos nossos dias assume fundamentalmente as características de um movimento contra as armas nucleares.

O movimento da paz não assume em confronto com a instituição militar e muito menos ignora as necessidades reais da defesa nacional. Grupos e sectores minoritários como os «partidários de não-violência», os «antimilitaristas» de raiz anarquista, etc., participando no movimento, não lhe definem as características. É este facto que explica aliás a adesão e o destacado papel que têm neste movimento um número crescente de militares de alta patente. O movimento de paz dos nossos dias nada tem a ver com certas correntes pacifistas da década de 60 muito mais próximas de tendências anarquistas.

A imagem de um movimento de paz «antimilitarista», «antitropa», que actua no sentido de desmobilizar das tarefas de defesa nacional, é aquela que os seus detractores e inimigos pretendem divulgar e difundir.

A luta pela paz, a luta contra as armas nucleares tem como objectivo central aprofundar as raízes em que assenta a segurança dos povos e das nações não contradiz nem se opõe às necessidades de defesa nacional.

Na Pista das Raízes

Nova viagem dos portugueses às realidades africanas

Alberto Ferreira

O reconhecimento do direito natural das gentes representa uma conquista do Iluminismo (séc. XVIII). Porém, desde o facto político e filosófico do enunciado de direitos fundamentais do homem, seja qual for o pressuposto teórico ou religioso da sua origem, até à prática daquela política equitativa que resguarde a família humana da excessiva «protecção», do Estado, mediária, e continua a mediar, um estágio de lentas transformações das estruturas da produção e das relações sociais entre as classes e os grupos subalternizantes e subalternizados que compõem o complicado tecido social.

Quando o português viaja no intento de sobreviver ou viver

dantes, meios de existência, somos hoje, como ontem, um povo subdesenvolvido. Bairros de lata, operários miseráveis, rendeiros paupérrimos, marginalidade criminosa para servir os aventureiros, analfabetismo, ignorância atroz, uma agricultura que remonta ao tempo da Maria Cachucha, indústrias controladas pelo estrangeiro, artesanato sem fundos, centenas de milhares de miniproprietários rurais, fabriquetas em que o dono emprega sete e dez «compadres». Universidades que espelham a macarrónica Coimbra de outras eras. Desde o século XVI ao XX fomos um reduto escolástico, gerador de privilegiados. Professores de pedra, fantasmas demenciados pela goela de Saturno, tudo numa salsada, num salsifre indescritível, numa inconsciência de alucinar o mais sensato. A par, no mesmo tempo e no mesmo lugar, uma nova

lheres indefesas, cuja responsabilidade na guerra era nenhuma. A hecatombe nazi, da Espanha mártir e da Guerra Mundial legara-nos ferozes exemplos.

Alguns nosso generais, coronéis e quejandos alimentavam a velha mentalidade imperialista e guerreira. O povo, esse, fazia o que podia. Às vezes passava-se para a banda dos ofendidos, outras poupava-os à tortura da *pide*, outras matava para não morrer, outras fugia, outras até gostava de trucidar os «lurras». Pertence à sabedoria das nações. Também do lado africano ocorriam misérias morais. A estrutura social, a inter-relação classista de interesses e lucros geraram a permuta e a colaboração. De resto, durante a guerra de 1939-45, alguns grupos traíram a pátria dos povos, venderam-se ao inimigo. O fenó-

de os contemplar, numa mesa de negociações, com a busca das formas de cooperação equilibrada que permitisse a solidária esperança em veia do ódio e da desforra.

Importa claramente distinguir entre povo português e povos africanos, entre grupos e classes responsáveis pela deterioração económica, social, política e cultural que provocaram o agravamento do atraso de todo nós, para compreender e sentir o novo sentido da viagem.

Haverá complicitades de grupos, de instituições e pessoas, mas não há responsabilidade colectiva. Teremos de reparar os erros dos que nos precederam neste desastroso desaire da civilização e da cultura. Apontar e combater os aventureiros, os sabotadores, os cépticos, racistas, golpistas salteadores. Não há causa para sorrir da superioridade, que, de facto, não se revela. No escalão directivo dos dirigentes dos países encontram-se homens e mulheres pretos, brancos ou de outras cores, de superior inteligência, tacto e conhecimento. Gente de esmerada educação e actualizada cultura. Os povos, esses sim, continuam vitimados pelas deficiências estruturais, pela falta de assistência financeira, técnica, científica, política e cultural. Irmãos nesta condição desigual de países pobres, a batalha é comum. Levar os países ricos a pagar aquilo que devem aos pobres terá de obedecer a uma estratégia global. Resistir aos cantos de sereia dos que apostam no investimento capitalista só para vantagem de alguns, será outro dos pontos da mesma estratégia. Desarmar as fúrias que dominam o poder militar dos grandes blocos, será ainda mais um elo de idêntico programa de acção. Administrar a justiça, a paz, a economia, os instrumentos de protecção da vida, da cultura e da ciência com bom senso, e fecundante regresso aos grandes ideais do humanismo, que, pelo menos, desde o século XV estão inscritos em letra de ouro nos olvidados anais da História.

Desenvolvimento económico? Muito bem. Desde que se não esqueça o desenvolvimento mental. Não me parece poder afirmar-se a prioridade do económico sobre o progresso da mente. Facto reconhecido em Cabo Verde, em Cuba, na Etiópia, nos países que sofreram mais do que outros as aguras da fome, da doença, da insegurança social, da exploração do homem pelo homem. Dos que foram escravidão e servos, da gleba, mendigos e doentes, marginais sem eira nem beira.

A luta pelo desenvolvimento terá que se efectuar em várias frentes. O erro capitalista do fomento da sociedade de consumo e da economia do mercado está à vista de todos: desemprego, insegurança social, situações desesperadas, cepticismo juvenil, aventureirismo, corrupção, guerra, manipulação da opinião pública, destruição da qualidade de vida, desmoralização generalizada, o perigo nuclear a crescer como monstruosa visão dos infernos. O equilíbrio dos componentes será a grande arte de uma política desajadamente desenvolvimentista.

Ora, segundo creio, é tal política que os dirigentes cabo-verdianos teorizam e praticam. Ela aparece um pouco por toda a parte. Escrito nos documentos nacionais e internacionais que explicitam o sentido e o significado do projecto de vida social deste admirável povo com quem tive a fortuna de estabelecer laços de imperitura simpatia. Lisboa, 15.10.82



melhor, ou de estudar e informar-se acerca do que se passa entre nações e povos, não deveria ignorar a sua condição de antigo navegador, explorador e conquistador de oceanos e terras, enfim, de colonizador privilegiado pela posse dos recursos de outras gentes que até então nos ignoravam e nós a elas. Oprimimos, vendemos, roubamos e compramos, descobrimos, casamo-nos e descasamo-nos, ensinamos, convertemos e violamos sempre sob uma condição pressuposta: os descobertos seriam vassalos sem direito de cidade, com as excepções convenientes. A viagem foi o menos desinteressada possível. Como aliás ocorreu com a viagem de espanhóis, ingleses, franceses, italianos, holandeses.

Por infelicidade, Portugal entrou como pioneiro na magna aventura da descoberta, conquista e exploração do Atlântico Sul, sem haver alcançado, no interior do seu processo histórico, a sua própria soberania e o seu pleno desenvolvimento. Vassalos de segunda e de terceira abundavam neste pequeno país, meio ignorado. A classe dirigente, a nobreza promovida, adoptava desde a Reconquista cristã uma política de discriminação religiosa, económica e étnica muito declarada e extrema. Ainda hoje nos faltam, como

vanguarda de trabalhadores, operários da indústria e assalariados rurais que nasce aí pelos anos vinte do nosso século e se afirma com um papel político e histórico decisivo na década de setenta, crescendo já em aptidão teórica e prática. Todavia, cumpre não nos iludirmos. Tal experiência de classe precisa de recobrar atrasos seculares. Lembremos, tão-só, que a primeira liga comunista surge no processo revolucionário francês com os partidários de Babeuf e Buonarrotti (fins do XVIII).

Com humildade olhemos então o mundo de expressão portuguesa.

Deixemos, por enquanto, os irmãos brasileiros que conquistaram a independência contra a vontade de bastantes revolucionários liberais do dia 24 de Agosto de 1820.

O 25 de Abril marca a primeira grande viragem nacional. Entre outras coisas esse movimento impediu que a rotura colonial atingisse o beco sem saída. A nossa tropa, amestrada na violência repressiva e sanguinária, instruída pela mentalidade fascista, tortionária e suicida, começara pela mão de alguns racistas a executar o massacre, o genocídio, a matança indiscriminada de velhos, crianças e mu-

meno foi, na época, amplamente designado por *colaboracionismo*.

Quando o nosso exército se libertou, finalmente, do pesadelo e, para tanto, teve primeiro de enfrentar os ditadores e o sistema terrorista que nos governava, todos os povos e comunidades empenhados nessa guerra, sem outro futuro que não fosse ruína, atrocidade e ódio, *ganham com a paz*. É a constância de uma premissa histórica: os que trabalham a terra, constroem as casas, fabricam o pão e as espadas, os carvoeiros que nos aquecem e as canalizações que nos abrem nascentes de água em casa ou no campo, são sempre *beneficiados com a paz*. Só os grupos com interesses derivados da guerra ou instruídos para a fazer, ganham com a presença desta besta do apocalipse.

A viagem que hoje desperta tem de ser norteadada pela perspectiva da *cooperação universal*. Olhar e ver o que deve corrigir-se: olhar e ver o que é necessário para acelerar a recuperação dos países mais afectados. Estes são os confraternos. Olhemo-los com humildade e respeito, sem complexos. Saber compreender que as carências são fruto da tradição, da incapacidade dos dirigentes de Portugal das conquistas, sobretudo do grupo que obrigou os africanos às guerras de libertação em vez

ponto a ponto

● O Presidente da República recebeu ontem em Belém Júlio Meirinhos, presidente da Câmara de Miranda do Douro. Na audiência foi confirmado por este autarca o desejo de que Ramalho Eanes visite o concelho, tendo o PR reafirmado, por seu lado, a intenção de corresponder ao convite, logo que possível.



● A rainha Isabel II de Inglaterra considerou ontem como importante objectivo político do seu governo a entrada de Portugal e Espanha no Mercado Comum.

A rainha falava na sessão de abertura do Parlamento britânico e manifestou o propósito do seu governo em colaborar para o adequado funcionamento da NATO e da CEE, participando activamente no desenvolvimento das duas organizações.

Sobre a NATO, Isabel II afirmou que a Grã-Bretanha manterá os seus níveis de gastos defensivos.



● Chegaram ontem de manhã a Lisboa o comandante do Comando Aerotático e o comandante do Comando de Defesa Aérea do Brasil, respectivamente major brigadeiro do Ar, Paulo Roberto C. Camarinha e major brigadeiro do Ar, João Soares Nunes.

Estes oficiais gerais da Força Aérea Brasileira, que se deslocam ao nosso país a convite da Força Aérea Portuguesa, foram recebidos no Aeroporto da Portela pelo comandante operacional da Força Aérea, general Costa Gomes.

● Conforme foi oportunamente noticiado, está a decorrer desde o passado dia 1, na área de Sines, o Exercício «JÚPITER 82» no qual intervêm importantes meios aéreos do Comando Operacional da Força Aérea (COFA) e Tropas Pára-quedistas do Corpo de Tropas Pára-quedistas (CTP), além de uma Companhia da Brigada de Pára-quedistas da Espanha.

A zona do Exercício deslocou-se ontem o chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Lemos Ferreira que, no Teatro de Operações, se inteirou do desenrolar do Exercício.



● A convite do PSOH deslocou-se à Hungria, de 24 a 29 de Outubro, uma delegação de estudo do PCP para assuntos económicos, dirigida por Carlos Carvalhas, membro do CC e que integrava ainda Viriato Pina Moura e Fernando Sequeira, todos da Comissão para os Assuntos Económicos junto do Comité Central.



● O director do Gabinete de Estudos Nacional do PSD e ministro das Finanças, João Salgueiro, preside sábado em Lisboa ao encerramento do seminário sobre «O sector empresarial do Estado no domínio industrial».

João Salgueiro falará sobre «a nova constituição e o papel futuro do sector empresarial do Estado» — anunciou o Instituto Progresso Social e Democracia (IPSD), organizador do seminário. O seminário inicia-se, amanhã, sendo aberto por Vítor Crespo, presidente do IPSD e líder Parlamentar do PSD.

Durante os dois dias, serão abordados diversos temas, nomeadamente os sectores das cervejas, adubos, cimentos e celulose.

● O embaixador da Áustria em Lisboa inaugurou ontem no Porto as instalações do consulado do seu País.

Durante a cerimónia inaugural, à qual se seguiu uma recepção de cumprimentos no Palácio da Bolsa, foi nomeado consul honorário da Áustria no Porto, Fernando Pinto Oliveira.



● O chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Melo Egidio, recebeu ontem, em visita de cumprimentos, H. Allen Holmes, recentemente acreditado embaixador dos Estados Unidos da América em Portugal.

Navegabilidade do Douro em causa**PSD do Porto contesta ministro Viana Batista**

PORTO, 4 — «Consideramos uma ofensa aquilo que o sr. ministro disse sobre a navegabilidade do Douro» — palavras do vice-presidente da Comissão Política Distrital do PSD esta manhã ao «DL», a propósito de afirmações feitas recentemente por Viana Batista.

Armando Moreira confirmava assim a posição de contestação expressa publicamente através de um comunicado daquela Comissão Política. «Incompreensíveis afirmações...» criticava o documento, referindo-se às dúvidas postas pelo ministro acerca do interesse do projecto da navegabilidade do Douro.

O vice-presidente do PSD recordou que a obra já iniciada teve o empenhamento de Sá Carneiro, tendo merecido os

apoios constantes quer de Pinto Balsemão, quer do candidato AD à Câmara do Porto, eng. Paulo Valada. «Não aceitamos de maneira nenhuma aquilo que o sr. ministro disse, como é óbvio» — insistiu Arlindo Moreira. Quanto ao pedido de explicações do ministro, disse, será feito já na próxima reunião do Conselho Nacional do PSD.

O comunicado do PSD reafirma que aquele projecto, tal como o de uma nova ponte rodoviária sobre o Douro, «constituem prioridades absolutas para o Porto e para o Norte do País». E lança um convite amargo: «Se os encantos do Porto e do Norte não o seduzirem, que ao menos não continue a obstruir o caminho imparável desta região para um futuro melhor».

PS de Setúbal acusa o Governo de traição aos seus eleitores

A recente legislação sobre os arrendamentos destinados ao comércio e à indústria «ameaça de falência os comerciantes, traindo sem pudor muitos dos que levaram a actual maioria ao Poder», segundo se afirma num comunicado da Secção de Setúbal do Partido Socialista. Afirmando que «a política monetarista do Governo AD não descança na sua sanha destruidora do poder económico dos portu-

gueses», a secção local do PS apresenta, no mesmo comunicado, exemplos de um comerciante de Setúbal que de uma renda de 7 contos mensais passará a pagar 60 e, de um outro, do Porto, que de 8 contos passará a 260. Salientando que «voltamos à política da terra queimada» a secção de Setúbal do PS insiste ainda na necessidade da demissão do actual Governo.

Praga, Junho de 1983

CMP promove Assembleia Mundial contra a guerra nuclear

A Assembleia Mundial dos Povos pela Paz e a Vida e Contra a Guerra Nuclear, a realizar em Praga, em Junho de 1983, vai provar que é possível derrotar «as forças de divisão e desagregação» do movimento mundial da Paz — considera o Conselho Mundial da Paz, no seu programa de acção para o próximo ano, revelado em Lisboa, no final da reunião da presidência do CMP.

A preparação desta assembleia, que conta já com a adesão de organizações de todos os tipos, desde igrejas a partidos políticos, sindicatos, grupos de intelectuais, de mulheres e de jovens, implica uma série de iniciativas visando a sua realização.

Assim, o comité internacional preparatório para a Assembleia Mundial desenvolverá uma série de programas a nível nacional, regional e internacional que contribuam para o incremento da «dinâmica de massas».

Na minuta diz-se nomeadamente: «é um programa de acção para assegurar negociações bem sucedidas e eficientes com vista a um congelamento nuclear, à travagem da utilização de novos mísseis nucleares na Europa».

O objectivo de «unir as forças da Paz, que o CMP se propõe tem que ver com a opinião da organização sobre as várias, muitas lutas que se travam em diversos pontos do mundo: que não são várias, não são muitas, mas 'uma só'» — como lembrou ontem Romesh Chandra, em conferência de imprensa.

Os que criam o caos na África Austral, através da ponta de lança que é o regime do «apartheid» da República da África do Sul — acrescenta — são os mesmos que querem mísseis nucleares na Europa ocidental.

CMP no Barreiro e na AR

Entretanto, na passada terça-feira, esteve no Barreiro, a convite da respectiva Câmara e da Comissão de Paz local, uma delegação do Conselho Mundial da Paz, constituída por Sabri Bader (OLP), George Baatal (Libano), Mourad Rouatly (Síria) e Manuel Lopes (CPPC).

A delegação do CMP visitou a Quimigal (zona têxtil), foi recebida na Câmara Municipal (saída à entrada por centenas de populares) e participou, à noite, num comício de solidariedade com a luta dos povos árabes e a sua zona central — a Palestina.

António Amado, em nome da comissão organizadora da visita referiu, no comício, a urgente necessidade de se pôr cobro à corrida aos armamentos e acabar

com os focos de tensão no mundo como é o caso do Médio Oriente. Manuel Lopes disse poder testemunhar, regressado do Líbano, os hediondos massacres e crimes de guerra cometidos pelo exército israelita em Beirute com armas fornecidas pelos EUA.

As intervenções dos representantes da OLP, Líbano e Síria, centraram-se sobre a certeza da vitória das suas lutas pela independência nacional, no combate ao imperialismo, contra a guerra e pela paz e a vida sobre a importância da solidariedade internacional com a luta dos povos árabes e com a luta da OLP pela independência e soberania do povo palestino.

Estiveram presentes na mesa do comício, entre outros, o presidente da Câmara Municipal, o presidente da JF do Lavradio e o padre Luís da paróquia do Lavradio.

Uma outra delegação do CMP, composta por James Lamond (Inglaterra, deputado trabalhista), Vasco Cabral (secretário permanente do PAIGC), Georgi Dimitrov (deputado búlgaro), Papadonikolakis (Grécia — deputado do PASOK), Boubakar Seck (deputado do Senegal) e Gualter Basílio (dirigente do CPPC e ex-deputado do PS), foi ontem recebida ao fim da manhã pelo então ainda presidente da Assembleia da República, Oliveira Dias.

Soares em foco na reunião da IS

Mário Soares, actualmente a participar na Suíça, numa reunião da Internacional Socialista, rendeu ontem Willy Brandt na presidência dos trabalhos e expôs os seus pontos de vista sobre a situação no Médio Oriente.

Forte das observações que pôde fazer enquanto presidente da delegação da Internacional Socialista que, recentemente, se deslocou em missão especial ao Líbano, Mário Soares terá informado os participantes na reunião de Basileia das posições que a IS deve tomar em relação à situação no Médio Oriente.

Outro dos temas introduzidos por Mário Soares enquanto presidente da sessão, foi o das situações que vigoram actualmente na América Latina e nas Caraíbas.

Entretanto, o secretário-geral do Partido Socialista teve ocasião de afirmar aos jornalistas destacados para a cobertura da reunião que «a paz é para os socialistas uma condição necessária à promoção e expansão do seu ideal universalista de justiça social e liberdade». Referindo-se ao movimento pacifista, Soares disse que «essa luta significa hoje assegurar a sobrevivência de toda a Humanidade».

Ainda com base no tema da paz, Mário Soares, sublinhou que «os socialistas e os democratas devem ter a humildade, a lucidez e a coragem de repetir que há uma ligação indissolúvel entre segurança, a confiança internacional e o respeito pelos Direitos do Homem e a libertação da sociedade».

**SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS****AVISO****ADMISSÃO DE PESSOAL**

Aceitam-se inscrições para admissão imediata até ao dia 10 de Novembro de 1982 de:

— 3 cabouqueiros de 2.^a classe para a zona de Algés.

Podem candidatar-se todos os indivíduos de nacionalidade portuguesa, com mais de 18 anos de idade, possuidores da escolaridade obrigatória.

Ficarão na situação de contratados a prazo com breve integração no quadro destes Serviços.

As inscrições são feitas no Serviço de Gestão de Recursos Humanos dos S.M.O., das 9.30 às 12 horas e das 14.30 às 17 horas.

Serviços Municipalizados de Oeiras, 29/10/82

O Presidente do Conselho de Administração
Alfredo Carreiro Melo de Carvalho

**SIDERURGIA NACIONAL, E.P.****COMUNICADO DO CONSELHO DE GERÊNCIA**

O presidente, o vice-presidente e outro membro do Conselho de Gerência que recentemente, dia 27 de Outubro, iniciaram as suas funções nesta empresa, deslocaram-se numa visita de apresentação e cortesia às hierarquias e organizações de trabalhadores da Fábrica do Seixal, ontem 2 de Novembro.

Na reunião com a Comissão de Trabalhadores (COTRA) e Comissão Intersindical (CISE) verificou-se, inesperadamente, existir uma firme determinação no sentido de não permitir a saída da sala em que decorria a reunião de apresentação, sem que fosse satisfeita por parte do Conselho de Gerência a reivindicação de pagamento das horas de greve abrangidas pelo sistema «Carrossel».

Embora o CG tenha manifestado a firme disposição de resolver todos os problemas eventualmente existentes e relativos a tal assunto, de acordo com as leis vigentes, os trabalhadores exigiram sistematicamente o compromisso apriorístico do pagamento de todas as horas que reivindicavam.

O CG foi mantido encarcerado por algumas dezenas de trabalhadores que impediram fisicamente a sua saída, com a cumplicidade dos elementos da COTRA e CISE. Além do encarceramento e coações moral e física inerentes a tal situação, ocorreram actos de injúria, ameaças à integridade física, simulações de ataque à sala onde decorria a reunião.

Cerca da 01H30 de hoje, dia 3, verificou-se a intervenção da GNR que libertou a administração, pondo termo ao cenário anteriormente descrito.

Não foi naturalmente feita qualquer cedência pelo Conselho de Gerência que responsabilizará através das vias competentes os autores, cúmplices e encobridores de tais actos.

Lisboa, 3 de Novembro de 1982

O CONSELHO DE GERÊNCIA

Eanes fala amanhã ao País

Discurso terá grande impacto

O Presidente da República, general Ramalho Eanes, falará amanhã à noite ao País, através da Televisão e da Rádio — confirmou esta manhã o «DL» junto do Palácio de Belém.

A comunicação, que será gravada amanhã à tarde, é «viva e contundente» e terá «grande impacto», de acordo com informações por nós recolhidas próximo de figuras políticas que tiveram acesso às sucessivas formulações do texto presidencial.

O discurso terá como trave mestra a análise do Presidente à revisão constitucional que foi feita pela AD e pelo PS. Ramalho Eanes, contudo, não deixará passar a oportunidade sem se referir com pormenor ao comportamento da chamada classe política e alertará os portugueses para a situação grave em que o País se encontra mergulhado.

Fontes contactadas pelo

«DL» referiram que «se houvesse um mínimo de vergonha por parte de certas camadas de dirigentes político-partidários o discurso do Presidente teria inevitavelmente profundas repercussões na vida política»; mas, acrescentou, «pelos exemplos anteriores já conhecidos o que vai acontecer é um recrudescer dos ataques ao Presidente».

As mesmas fontes disseram ainda ao «DL» estranhar as constantes especulações feitas à volta da data em que o Presidente falará ao País, uma vez que — sublinharam — «Ramalho Eanes sempre afirmou que apenas falariade depois de aprovadas pela Assembleia da República, a legislação complementar da revisão constitucional, nomeadamente a Lei de Defesa Nacional e do Tribunal Constitucional, o que só há dias aconteceu».

Os toques finais no discurso serão feitos ao longo do dia de hoje. Esta manhã

o Presidente encontrava-se reunido com os seus colaboradores mais directos, e da agenda de Belém apenas constava uma audiência com o príncipe Talal, embaixador especial da UNICEF, que teve um almoço íntimo com Ramalho Eanes cerca das 13 e 30.

Entretanto, e a propósito do bizarro requerimento apresentado ontem na Assembleia da República pelo grupo parlamentar do PS (com a assinatura de Jaime Gama, solicitando o fornecimento de dados seguros quanto aos gastos da Presidência da República, desde as viagens presidenciais a partir de 76, até ao número de assessores e consultores, passando pelo número de viaturas da Presidência e o modo como estão distribuídas...) o gabinete de Imprensa de Belém disse ao «DL»:

«O senhor deputado Jaime Gama tem o direito

de pôr todas as questões que a lei lhe permite e questões como estas até poderão ser boas para clarificar situações».

Quanto à carta de quatro páginas que Pinto Balsemão enviou ao PR sobre o «novo quadro de relacionamento entre órgãos de soberania», Ramalho Eanes ainda nada disse. «A resposta deverá verificar-se brevemente e tudo indica que o Presidente escolherá também a forma epistolar» — disseram ao «DL» círculos próximos de Belém, não sem alguma ironia.

Por outro lado, acrescentaram, a resposta de Eanes quanto ao convite que Balsemão lhe dirigiu para presidir ao Conselho de Ministros que irá decidir sobre o Orçamento Geral do Estado, será negativa. «Não faria sentido que o Presidente se deixasse envolver nessa questão, para a qual não foi tido nem achado» — concluíram.

Arábia Saudita pretende abrir Embaixada em Lisboa

A Arábia Saudita está interessada em abrir uma representação diplomática em Portugal, foi o que o príncipe saudita Talal Aziz Als Aud manifestou ontem a Pinto Balsemão e a Futscher Pereira.

O príncipe, que visita Portugal a convite do Governo, terá abordado com o Primeiro-Ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros, para além de temas relativos às relações bilaterais, questões relacionadas com as actividades e participação portuguesa na UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância).

Outro dos temas debatidos terá sido o da dinamização da participação de Portugal no programa do Golfo Árabe para as organizações de desenvolvimento das Nações Unidas, de que o príncipe é presidente.

Entretanto, o príncipe teve ontem, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, um encontro com empresários interessados na captação de capitais destinados a serem investidos no AFGUND. No encontro participaram, para além de Futscher Pereira, os ministros da Educação e dos Assuntos Sociais.

Macau

Governo manterá a mesma estratégia

Em relação a Macau, as orientações do Governo não vão ser alteradas já que «a estratégia da acção governativa está desde Junho de 1981 aferida pelo Presidente da República e dela têm conhecimento o governo da República e os próprios membros do Parlamento», declarou o governador daquele território, contra-almirante Almeida e Costa.

Almeida e Costa que produziu estas declarações no regresso da sua visita a Lisboa, salientou no entanto que a não alteração

da estratégia governativa não significa «que não possam ser feitos ajustamentos ou alterações» que, contudo, não especificou.

Almeida e Costa frisou que os grandes objectivos da presença portuguesa em Macau se mantêm: desenvolvimento económico e social de Macau, manutenção do clima de paz e tranquilidade, cooperação com as autoridades da República Popular da China e com Hong-Kong e reforço da amizade entre os povos português e chinês.

Domingo próximo, no Barreiro

Aborto, desemprego e serviço militar serão temas do Encontro Nacional da JCP

A degradação do ensino, o desemprego, o aborto, o serviço militar obrigatório e a questão nuclear — serão alguns dos grandes temas do encontro nacional da Juventude Comunista Portuguesa (JCP), que terá lugar dia 7, domingo, nas instalações da Casa da Cultura dos Trabalhadores da Quimigal, no Barreiro.

O encontro terá a participação de 650 delegados vindos de todo o País e de várias centenas de convidados nacionais. Ao nível das organizações juvenis portuguesas, foram dirigidos convites à JS, às Juventudes da UEDS e da ASDI, à JOC (Juventude Operária Católica), ao Movimento Cristão Estudantil e ao departamento de juventude da CGTP-IL.

Segundo fonte da JCP, contactada pelo «DL», é também objectivo deste encontro, debater as formas de acção susceptíveis de mobilizar a juventude, para a próxima campanha eleitoral de modo a derrotar a AD que, «refugiada em posições conservadoras e desligada da realidade» nada cumpriu das promessas eleitorais feitas há três anos.

Frisou a mesma fonte ser a APU a força «em que a juventude se encontra mais representada, quer pelo número de activistas quer pelos programas e trabalho

realizado».

Nas anteriores campanhas, em que muitos jovens surgiram apoiando a AD, esta força política, mais do que ganhar a juventude apenas a «soube exibir» — declarou-nos aquela fonte. «Desenvolver a luta por objectivos específicos dos jovens, a partir dos seus próprios movimentos unitários» — será pois a meta central da JCP, visando nomeadamente o debate do forte desemprego juvenil, da percentagem de contratos a prazo, da degradação do sistema de ensino, das carências habitacionais, da ausência de uma política cultural e de ocupação dos tempos livres, da questão do aborto, da luta pela paz e de um serviço militar obrigatório que favoreça a formação cívica e profissional dos jovens, etc.

Álvaro Cunhal estará presente na sessão de encerramento do encontro, devendo usar da palavra.

Mário Aguiar (PCP) critica Governo Regional da Madeira

O deputado Mário Aguiar, do PCP, disse ontem na Assembleia Regional da Madeira que «em vez de ser o Governo Regional a subsidiar as autarquias, foram as autarquias a subsidiar o Governo».

«Em 1980 — pormenorizou aquele parlamentar comunista — estavam destinados às autarquias da Região 579.654 contos, segundo o OGE; conferindo, porém, os jornais oficiais da Região, constata-se que, em aplicação da lei, foram entregues às autarquias 225.207.547 escu-

dos, e 60 centavos, ou seja, apenas cerca de 39 por cento».

«Quer dizer: o Governo Regional, em 1981, utilizou 61 por cento das verbas das autarquias locais em proveito próprio» — disse Mário Aguiar. «Mas poderá dizer-se que o Governo Regional entregou dinheiro às autarquias a título de subsídio». Observe-mos que o Governo Regional afectou às autarquias, como subsídios, a quantia de 298.983.171 escudos, o que, somado, dá 524.190.718 escudos e 60 centavos. Significa — acrescentou — que o Executivo

entregou às autarquias menos 55.463.281 escudos e 40 centavos».

Afirmou ainda Mário Aguiar que, «em 1981, verificou-se que as autarquias voltaram a não receber sequer o que lhes estava atribuído» e que no ano de 1982 «a situação é diferente, mas compreende-se facilmente a razão desta mudança. A proximidade das eleições condiciona tudo» — salientou.

«Quando a fatura é muita, o pobre desconfia» — comentou ainda Mário Aguiar, considerando «estranho que, estando

previsto no Orçamento Regional a quantia de 774 mil contos para as autarquias, até ao fim do ano, o Governo Regional já tenha anunciado, em resoluções publicadas nos jornais oficiais da Região, a atribuição de 1.032.647 contos».

Como assim? — «A única explicação para tanto dinheiro é que o Governo não irá entregar aquilo que anunciou» — palavras de Mário Aguiar, para quem «existe uma intenção deliberada de esconder a realidade, tão escandalosa esta seria».

Machel em Portugal no próximo ano

O presidente moçambicano, Samora Machel, deverá visitar Portugal no próximo ano, em data ainda não confirmada.

Segundo um despacho de Maputo enviado pela agência ANOP, a visita poderia realizar-se nos primeiros meses de 83. Em contacto esta manhã com Maputo, o «DL» não obteve, no entanto, confirmação daquela informação.

De acordo com fontes moçambicanas, é dado como certo desde há meses que Samora Machel retribuirá a

visita de Ramalho Eanes no próximo ano, mas não há ainda qualquer indicação oficial nesse sentido.

Quanto à possibilidade da deslocação se efectuar nos primeiros meses de 83 fontes consultadas pelo «DL» não rejeitam essa possibilidade, mas lembram que naquele período as autoridades moçambicanas estarão ocupadas com a preparação do próximo congresso da FRELIMO, que deverá marcar a passagem daquela Frente a Partido.

O despacho da agência ANOP afirma que a questão

da visita de Samora Machel foi abordada na audiência que na última segunda-feira o presidente Eanes concedeu ao ministro moçambicano da Defesa, Alberto Chipande. Acrescenta ainda que o tema foi da iniciativa do membro do Governo moçambicano ao qual Samora Machel teria incumbido a missão de indagar, junto de Ramalho Eanes, da altura em que poderia ser recebido em Lisboa.

As fontes contactadas pela ANOP terão afirmado conhecer os planos de Samora Machel, indicando que Portugal

será dos primeiros países que ele tenciona visitar no próximo ano.

A visita do ministro moçambicano a Lisboa foi considerada em meios políticos de Maputo como um «teste muito positivo», cuja sequência natural só pode ser a própria visita de Samora Machel.

Para o próximo ano devem também ser retomados planos para o presidente moçambicano visitar a Grã-Bretanha, França e Bélgica, planos que tiveram de ser suspensos em 1982 quando já se encontravam em fase adiantada.

MAIS DE MIL CONTOS DE PRÉMIOS

com os CAMIÕES RENAULT de 6 de Outubro a 31 de Dezembro

Os camiões RENAULT oferecem-lhe:

Rentabilidade, Economia, Segurança e Assistência... e ainda mais 10 valiosos prémios! Compre um camião RENAULT entre 06 de Outubro e 31 de Dezembro e fica automaticamente habilitado a

- Um RENAULT 5
- Uma viagem ao Brasil
- Um conjunto Hi-Fi PHILIPS
- 7 (Sete) magníficos televisores a cores PHILIPS

Contacte o Concessionário mais próximo.



RENAULT
Veículos Comerciais



Legalização do aborto

Aviso aos deputados, acusação aos médicos: do voto de uns, ao silêncio de outros

- **PSD sem alternativa**
- **Mário Raposo não estará na sala**

Um projecto alternativo ao Planeamento Familiar a apresentar pelo PSD e voto contra o diploma do PCP sobre a Legalização do Aborto, é a posição definitiva da Comissão Política do PSD. Resta, apenas, saber como actuará, disciplinadamente, no caso de alguns deputados não aceitarem esta indicação obrigatória de voto.

Depois do actual presidente da Juventude Social Democrata ter afirmado ao «DL» que iria solicitar objecção de consciência e do ex-presidente da JSD ter manifestado uma grande «abertura» à despenalização do aborto, também o deputado Jaime Ramos já terá evocado o estatuto de objecção de consciência à direcção do Grupo Parlamentar. Poderemos, também, anunciar que o deputado e jurista Mário Raposo (ex-bastonário da Ordem dos Advogados) não deverá estar presente no hemisfério para a votação. Mário Raposo deu, em tempo, um parecer favo-

rável à despenalização do aborto. Igual atitude deverá ser assumido por um outro jurista do PSD, Costa Andrade.

Natália Correia será de todos estes casos, o mais frontal: enviou uma carta à Comissão Política do PSD, na qual, embora não anuncie que votará, lembra à Comissão Política que não tendo recebido qualquer justificação sobre os processos que lhe foram instaurados (e de que ela teve conhecimento pelos órgãos de Comunicação Social), não se sente vinculada a qualquer justificação da sua intenção de voto.

Os Manifestos

Três manifestos serão, hoje à tarde, entregues aos deputados: um dirigido aos parlamentares, um outro à classe médica e, finalmente, um aos intelectuais. A Comissão de Legalização do Aborto, a CNAC (Campanha Nacional para a Legalização do Aborto e Contracepção) e a IDM (Cooperativa Editora de Mulheres) — a coordenar toda a mobilização pública — em vésperas da votação no Parlamento, chamam a atenção para a necessidade de legalização do aborto.

«As mulheres acusam a classe médica pelo silêncio em que se tem mantido em relação à questão do aborto» — sublinha-se num dos documentos.

«A vossa profissão não vos permite ignorar dramas humanos que todos os dias chegam

até vós e aos quais não podeis ou não quereis dar resposta». E concluem: «Perante a vossa atitude de indiferença ou a vossa cumplicidade, activa ou passiva, as mulheres têm o direito de vos exigir que tomeis posição pública quanto à necessidade de no nosso país ser legalizado o aborto, como medida elementar de saúde pública».

Para além do documento aos intelectuais, estas Comissões dirigem-se aos parlamentares: «Senhores Deputados: as mulheres de alguns de vós já abortaram ou virão a abortar; abortaram, certamente, as mulheres de alguns dos nossos governantes, as mulheres dos juizes, advogados, polícias — confrontados com o cumprimento de uma Lei que não corresponde à prática corrente da sociedade. E por isso é injusta».

Amadeu dos Santos (PSD) e o aborto

Da despenalização à eutanásia...

«Como cidadão, como jovem que já constituiu família em 1976, tendo dois rebentos femininos (com 5 e 2 anos), como político, a minha opinião não difere, não se entrecalha, pelo que a opinião que ora manifesto é a que sinto como justa, como humana» — afirma, em depoimento para o «DL» sobre o projecto de legalização do aborto, o deputado Amadeu Santos do PSD.

Depois destas palavras, o deputado Amadeu dos Santos sublinha-nos: «Aceito totalmente que a gestante aborte quando a sua própria vida esteja em perigo de vida, manifesto e provado; aceito, igualmente, que qualquer ser humano feminino, jovem, de meia-idade, idoso, casado ou solteiro, decida abortar, quando a fecundação teve como origem acto sexual por estupro, violação ou incesto, pois que já bastará o acto em si, como muito marcante na vida desse ser humano feminino, quanto mais ter que ver o resultado final desse acto que

não quis. Se ainda crescer o facto dela ser casada, então tal gravidez poderá, inclusive, ser o fim dum matrimónio.

Considero — prossegue o deputado Amadeu dos Santos — que qualquer mulher que sofra de doença mental ou seja mongolóide, fique grávida, se enquadrar num crime de violação, diferente é verdade, mas não deixando de ser violação, uma vez que tais mulheres não têm posses mentais suficientes para poderem decidir sozinhas, certo tipo de coisas, nomeadamente o seu grau de responsabilidade é exiguo, pelo que não me repugna nada uma decisão de aborto, nestes casos.

Contudo — adianta Amadeu dos Santos — renego total e frontalmente o aborto, por:

— Quando a mulher tiver menos de 16 anos e mais de 40, pois é impossível saber-se quando se inicia ou acaba a capacidade de boa gestação numa mulher. Ela varia tanto

que não é admissível balizar-se 16-40, o período de tempo em que uma mulher pode ter filhos sem que os mesmos, ou gestante, possam apresentar mazelas graves.

— Quando a gestante argumente razões de ordem económica. Francamente! Deverá, neste caso, pugnar-se, isso sim, por uma cobertura estatal do défice económico da gestante, nunca resolvendo o caso pelo aborto.

Quando houver possibilidades do feto poder nascer com doença ou deficiências graves. Nestes casos, para além de se concluir que é POSSIBILIDADES e não certeza, o que logo à partida já seria motivo para não aceitar, acresce o facto de que a instituição clínica não está minimamente apetrechada para poder concluir, com certo rigor, que a percentagem das ditas possibilidades de deformações mentais ou físicas, serem mais ou menos elevadas, se tal se viesse a consagrar, como possibilidade de aborto,

não deixaria de exigir que se legislasse a favor da legalização e despenalização da eutanásia, em Portugal, por razões tão óbvias, que não quero insultar a inteligência de ninguém, se pretendesse aqui enumerá-las.

«Tudo o resto — conclui este deputado social-democrata — nomeadamente a objecção de consciência das entidades clínicas em praticar o aborto ou não, me merecem um acordo, bastante generalizado, julgando, contudo, que uma decisão tardia por parte das instâncias clínicas poderão anular a hipótese de aborto devido ao ultrapassar-se aquele período de tempo, que se julga ser o mais conveniente estado de saúde futuro da gestante, ou seja as tais 18 semanas, que, parece ser um dado largamente assente como verdadeiro, na classe médica, como sendo o período em que será possível o aborto com menos danos físicos, psíquicos e intelectuais à gestante».

Portugal poderá vender material de guerra a Moçambique

Moçambique pretende adquirir a Portugal material de guerra e outro equipamento militar no valor de três mil milhões de escudos — revelou ontem uma fonte oficial portuguesa.

A proposta foi transmitida às autoridades portuguesas pelo ministro da Defesa de Moçambique, Alberto Chipande, que terminou terça-feira uma visita oficial a Portugal.

A concretização da transacção, acrescentou a mesma fonte, depende da assinatura de um acordo de cooperação militar entre os dois países, que está a ser negociado, do lado português, pelo Estado-Maior-General das Forças Armadas e pela Secretaria de Estado da Cooperação, bem como das condições de crédito que Portugal poderá oferecer.

«A proposta moçambicana parte do pressuposto de que Por-

tugal abrirá uma linha de crédito correspondente à totalidade dos fornecimentos de material de guerra e equipamento militar, o que será difícil dadas as actuais dificuldades económicas portu-

guesas» — adiantou a mesma fonte.

Os pedidos moçambicanos são constituídos, fundamentalmente, por espingardas metralhadoras G-3, explosivos, far-

damentos, rações de combate, viaturas tácticas de transporte, postos emissores-receptores e outro material de transmissões fabricado pela indústria militar portuguesa.

Serviço Nacional de Saúde exigido pelo PCP

A reposição em vigor e cumprimento da Lei do Serviço Nacional de Saúde (SNS) foi, no passado sábado, exigido pelo Encontro Nacional de Quadros de Saúde do PCP, que considerou ser a lei do SNS «a única solução global dos problemas de saúde para o povo português».

No mesmo encontro foi ainda proposto a «abolição imediata

das taxas moderadoras e o respeito pelo princípio de gratuitidade dos serviços médicos»; a «colocação dos médicos e outros profissionais da saúde de acordo com as necessidades da população»; a «prioridade à cobertura médico-sanitária a nível nacional através da criação de uma rede de cuidados primários»; e medidas efectivas para a

«melhoria e humanização dos serviços hospitalares».

O Encontro Nacional de Quadros de Saúde do PCP reiterou ainda a necessidade de pôr em prática «a gestão democrática e participada das instituições de saúde», exigindo também uma «clara delimitação das competências das Autarquias, em matéria de saúde».

comunicação social

Segundo o SJ

NP viola CCT dos jornalistas

O Sindicato dos Jornalistas, em posição agora assumida, acusou a agência Notícias de Portugal (NP) de impor «contratos fraudulentos» aos jornalistas que está a empregar. O SJ afirma que a NP viola o contrato colectivo de trabalho da classe ao exigir aos jornalistas contratados a possibilidade de exercerem «funções não compatíveis» com a sua categoria profissional.

«Na cláusula de remuneração (especifica o Sindicato) a NP propõe-se violar não só o CCT dos Jornalistas, mas também a legislação geral do trabalho, ao pretender que, mediante o pagamento apenas de um adicional que corresponde ao mínimo previsto na lei para a isenção de horário de trabalho (pagamento de uma hora extraordinária por cada dia útil de trabalho), os jornalistas possam trabalhar ainda em dias de folga, nos feriados e em horário nocturno e por turnos sem terem direito a qualquer remuneração suplementar ou ao pagamento do trabalho extraordinário que exceda os limites abrangidos pela isenção de horário de trabalho».

Para cúmulo, denuncia ainda o SJ, o contrato que a NP «generosamente oferece diz que o jornalista signatário reconhece beneficiar com tudo isto de um regime mais favorável de retribuição».

Declara o SJ que é evidente que o facto de jornalistas ameaçados «pelo espectro do desemprego» terem sido persuadidos a assinar tal documento «não o torna legal nem isenta a empresa do pagamento das remunerações devidas».

Perante tal atropelo, o Sindicato dos Jornalistas afirma reservar-se «o direito de tomar todas as medidas que vierem a ser necessárias para repor a legalidade e fazer respeitar os direitos dos seus associados».

Pormenorizando a ilegalidade em curso na NP, o SJ diz que os jornalistas persuadidos a assinar os referidos contratos «aceitam um regime de turnos rotativos». Ora como uma agência noticiosa funciona 24 horas por dia, «isso significa que ficam à disposição da entidade patronal para trabalhar a qualquer hora do dia ou da noite, podendo mudar constantemente de horário, com tudo o que isso implica de cansaço adicional e perturbação da vida familiar».

Recorde-se (acentua ainda o SJ) que o CCT dos Jornalistas em vigor diz claramente que as empresas não podem «encarregar os profissionais de tarefas não compreendidas no âmbito das suas funções» quanto mais de funções «não compatíveis».

A menos que na NP (conclui o SJ) «se desconheça o significado das palavras, ou se pretenda ignorar definitivamente o instrumento de regulamentação colectiva da classe».

**Agressões
a jornalistas desportivos**

A frequência com que têm ocorrido nos últimos meses casos de hostilidade que envolvem jornalistas em recintos desportivos, por parte da massa anónima de adeptos dos clubes proprietários das instalações, levou a Direcção do Sindicato dos Jornalistas a manifestar o seu «profundo repúdio» por tal actuação.

Afirma o SJ que «o entusiasmo clubístico com que algumas pessoas encaram o fenómeno desportivo» não justifica os excessos cometidos contra os jornalistas, «mesmo quando estes se pronunciem desfavoravelmente em relação ao clube anfitrião».

Até porque (lembra o SJ) «a actuação dos jornalistas portugueses pauta-se pelas normas do Estatuto do Jornalista, aprovado na Assembleia da República e pelo Código Deontológico dos Jornalistas, aprovado em

assembleia geral do Sindicato».

Ora o Estatuto do Jornalista garante a todos os profissionais da Informação «o direito de expressarem livremente as suas opiniões sem serem submetidos a qualquer tipo de pressão». Apenas reconhece o direito de resposta que a lei assegura a todos os cidadãos ou pessoas colectivas que se julguem atingidas por qualquer publicação periódica ou, então, o recurso aos tribunais.

Perante as últimas agressões a jornalistas (como, por exemplo, a agressão de que foi vítima o jornalista Rui Santos, do jornal «A Bola», verificada no campo do Portimonense), a Direcção do SJ decidiu manifestar publicamente as suas preocupações face à insegurança dos jornalistas em recintos desportivos, ao mesmo tempo que protestou junto da Direcção do Portimonense e da Federação Portuguesa de Futebol, exigindo que garantam aos jornalistas em serviço, nos recintos sob sua jurisdição, «o livre exercício da sua actividade em condições de segurança e imunidade que as leis do País lhes assegurem».

Conselho da Europa

Uma comissão da assembleia parlamentar do Conselho da Europa, encarregada de estudar as questões da Comunicação Social ao nível europeu, reúne-se hoje e amanhã em Lisboa, afirmou a ANOP junto de fonte fiduária.

Trata-se da Comissão das Relações com os Parlamentares Nacionais e a Opinião Pública, presidida por Gertrude Girard-Montet, deputada radical democrata suíça.

A margem da reunião, que se realiza na Assembleia da República, os deputados examinarão em particular os problemas de Televisão directa por satélite, da distribuição de programas de TV por cabo e ainda Rádio e TV livres.

A reunião antecede a que os ministros dos Negócios Estrangeiros dos 21 países do Conselho da Europa efectua em Estrasburgo no próximo dia 10 de Novembro para tomar decisões.

«Paz e Amizade»

Já se encontra nas bancas mais um número da revista «Paz e Amizade», publicação trimestral da responsabilidade da Associação Portugal-URSS, dirigida por Joaquim Seabra-Dinis.

Além de incluir um suplemento especial sobre a República Socialista Soviética da Estónia, da autoria de Tito Seabra-Dinis, o presente número aborda diversas outras matérias, com especial relevo para os problemas da paz e para o 60.º aniversário da criação da URSS.

«DL»: eleito CR

O actual Conselho de Redacção do «Diário de Lisboa», eleito no passado dia 29 de Outubro, é constituído pelos redactores Augusto Vilela, Ernestão Sampaio, Manuel Geraldo e Ribeiro Cardoso.

Apresentou-se a sufrágio uma única lista.

O novo CR, segundo os estatutos, manter-se-á em vigência até Outubro de 1983.

Diminuir o défice da balança de pagamentos

— objectivo-base do Orçamento

Diminuir o défice da balança de pagamentos, que actualmente excede os dois mil milhões de dólares, é o objectivo-base do Orçamento Geral do Estado para 1983. Este défice, que tem de ser financiado por novos empréstimos ao exterior, é insustentável a longo prazo e condiciona todas as demais acções eventualmente voltadas para o desenvolvimento.

De acordo com a teoria económica tradicional, e tal como sublinha a ANOP num estudo do seu serviço de economia, não haveria ligação directa entre o défice do OGE e o défice da balança de pagamentos. Mas, de facto, ao aumento do défice orçamental nas condições objectivas de um pequeno país como Portugal, de economia aberta ao

exterior e sem fortes barreiras alfandegárias, corresponde o aumento do nível de despesas das empresas públicas e dos particulares, com o recurso ao mercado externo para aquisição de bens e serviços com o consequente agravamento da componente importada e a elevação dos gastos em divisas, e do défice das contas externas.

Em Portugal verifica-se, simultaneamente, um elevado défice do orçamento — que nos últimos anos tem sido superior a 10 por cento do Produto Interno Bruto — e um défice da balança de pagamentos demasiado grande para se poder manter, e que tem criado um crescimento insustentável da dívida externa.

A terapêutica de combate desta situação vai, por isso

mesmo, implicar uma redução das despesas públicas como forma de combater, simultaneamente, o défice orçamental e os desequilíbrios externos da economia portuguesa.

Os cortes orçamentais aparecem, em alternativa ou em conjugação, com o aumento da carga fiscal, embora provavelmente a actualização financeira vá passar mais pela redução das despesas do que pelo aumento de impostos.

Este aumento de impostos aparece como problemático numa economia que tem já uma pesada carga fiscal e níveis muito elevados de fuga aos impostos e é em princípio oposto à filosofia política do actual Governo que tem defendido menor

intervenção do Estado na economia.

Por isso, o acento tónico dos esforços para limitar o desequilíbrio deverá residir na redução das despesas públicas o que tanto pode consistir num aumento salarial da função pública consideravelmente menor do que a inflação, com o consequente corte dos salários reais, como sucedeu em 1981 (aumentos de 11 por cento) ou na diminuição do número de funcionários.

Outras medidas possíveis e que foram já ventiladas, poderão ser a redução dos subsídios que o Governo concede aos produtos alimentares de primeira necessidade — como o pão, a carne e o leite — ou às empresas públicas

de transportes.

Em ambos os casos os efeitos destas medidas seriam um forte impulso na inflação, pois os cortes nos subsídios dos produtos alimentares levariam necessariamente à subida dos preços destes e a redução de subsídios a empresas de transportes iria forçá-las a aumentar as tarifas que cobram aos seus utentes.

A redução dos salários reais dos funcionários públicos ou despedimentos na função pública, o aumento dos preços de bens essenciais ou o agravamento do estado de bens de equipamento essenciais aparecem assim como alguns dos pressupostos que condicionam a elaboração do próximo orçamento que vão tentar impor aos portugueses.

Negócios com

Moçambique

Uma missão técnica moçambicana desloca-se brevemente a Portugal para conversações visando elaborar um programa de apoio da empresa portuguesa Tabaqueira às suas congéneres locais.

A iniciativa foi acordada durante uma visita efectuada em fins de Outubro a Lisboa por uma delegação do Ministério da Indústria de Moçambique.

A extensão do apoio a assegurar pela Tabaqueira às indústrias similares moçambicanas deve abranger as áreas do aprovisionamento e de uma assistência técnica à produção, tendo em vista a sua reabilitação.

As quatro grandes fábricas moçambicanas de tabaco manufacturado têm uma capacidade instalada para cerca de 2800 toneladas anuais, mas a sua produção está agora fixada em 1800, depois de quebras mais acentuadas.

Em Paris

Vinhos dominam pavilhão português no Salão Alimentar

Vinte e três expositores e um pavilhão de 232 metros quadrados de superfície representam Portugal no SIAL (Salão Internacional da Alimentação) a realizar em Paris de 15 a 20 de Novembro.

O SIAL é um dos maiores certames da indústria agro-alimentar mundial, e em 1980 registou a presença de cerca de 235 mil visitantes.

Este ano contará com a participação de cerca de 3100 expositores incluindo cerca de 1300 estrangeiros e 51 pavilhões nacionais.

O pavilhão português, cuja organização pertence à delegação em Paris do ex-Fundo de Fomento de Exportação, terá em exposição vinho do Porto e da Madeira, vinhos de mesa e outras bebidas alcoólicas, conservas de peixe, de fruta e de legumes.

A grande novidade será contudo a presença de uma representação da região autónoma dos Açores, que exporá conservas de peixe, licores, queijo, algas, chicória e ananás.

No ano passado, Portugal, exportou para França produtos agro-alimentares no valor de 389,7 milhões de francos, ou seja, o equivalente a 13,8 por cento do valor total das exportações para França.

Dentro dos produtos agro-alimentares vendidos em França existe uma predominância evidente do vinho do Porto, que representa cerca de um oitavo do valor das exportações para França. Esta predominância encontra-se reflectida no Pavilhão Português no SIAL deste ano, pois nove dos 23 expositores serão exportadores de vinho do Porto.

Sistema telefónico vendido a Cabo Verde

A Siemens Portuguesa vai fornecer e montar em Cabo Verde equipamento de telecomunicações no valor de 12 milhões de dólares, segundo contrato assinado ontem na Cidade da Praia com o governo de Cabo Verde.

Duas centrais telefónicas (uma na cidade da Praia e outra em S. Vicente), uma central de telex, os respectivos aparelhos, bem como os cabos necessários às ligações das redes correspondentes, constituem os equipamentos cujo fornecimento e montagem irá ser executada por aquela empresa, que concorreu ao concurso aberto há dois anos pelo governo cabo-verdiano com outras dez empresas especializadas.

Segundo o contrato, assinado na Cidade da Praia, o novo esquema de comunicações do país entrará em funcionamento a partir de Julho de 1984, permitindo a ligação automática de Cabo Verde ao resto do Mundo.

A central telefónica da Cidade da Praia terá uma capacidade final de dez mil números e a de S. Vicente de oito mil. A central de telex, a instalar na capital, permitirá a ligação de 550 receptores.

82 economistas angolanos em visita a Lisboa

Oitenta e dois recém-licenciados da Faculdade de Economia de Luanda, que se encontram em Portugal em viagem de fim de curso, visitaram a sede da Associação Industrial Portuguesa.

Ao receber os economistas angolanos, Morbey Rodrigues, vice-presidente da Associação Industrial Portuguesa, afirmou a disponibilidade daquele organismo para o estreitamento das relações entre os dois países.

Transportadora aérea privada

Um despacho do ministério das Obras Públicas e Transportes com data da passada quarta-feira, autoriza a constituição em Portugal de uma companhia de voos «charter».

A empresa, de nome «Invinciter», propriedade da Sociedade de Construções Soares da

Costa, é autorizada a exercer a indústria de transportes aéreos não regulares entre diversos pontos do continente, e deste com as ilhas e o estrangeiro.

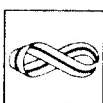
Começando a operar inicialmente com dois aviões, a empresa é a primeira a obter tal autorização no nosso país.

Por muitas razões o Banco Totta & Açores OUVÉ-O

INTERMUNICOM



Saber ouvir é dar atenção aos nossos clientes. Solucionar problemas. Responder com rapidez e eficiência, aquilo que esperam de nós. Ouvindo, enriquecemos todos os dias os nossos conhecimentos. Sabemos lidar com pessoas e, também, com negócios.



BANCO TOTTA & AÇORES
Perto de si por muitas razões

de ontem para hoje

Granada defensiva em Beirolos

A Brigada de Minas e Armadilhas da PSP deslocou-se ontem a Beirolos a fim de recolher uma granada de mão defensiva M/44 que se encontrava abandonada junto à via férrea. Elementos da mesma Brigada foram ainda solicitados a comparecer na Rua Filipe Folque, para vistoriar uma viatura suspeita de estar armadilhada, e na Escola Secundária de Belém, onde um telefonema anónimo afirmava ir rebentar uma bomba. Em ambos os casos nada de anormal foi detectado.

Desapareceu da casa dos pais

Da casa que habita com os pais, em Aqualva (Cacém), no concelho de Sintra, desapareceu José Maria Fernandes Conde (foto), de 22 anos, natural de Vila Chã. O jovem José Maria, que sofre de perturbações mentais, tem 1,68 metros de altura, olhos pretos, cabelos pretos encaracolados e na altura em que saiu de casa vestia blusão de bombazina azul, calça de ganga, camisa e sapatos pretos. Qualquer informação sobre o seu paradeiro deverá ser participada para a Polícia Judiciária de Lisboa, através dos telefones 533131 ou 535380.



Canários devorados por ratos

Quarenta e oito canários, avaliados em cerca de 150 contos, foram roubados em Ponta Delgada e posteriormente comidos pelos ratos numa arrecadação, onde os dois larários os tinham «engaiolado» enquanto procuravam comprador. Os dois indivíduos envolvidos neste e noutros furtos já foram detidos.

Lisboa ainda a mais quente

Lisboa foi ontem pelo terceiro dia consecutivo a cidade mais quente da Europa, ao registar a temperatura máxima de 25 graus e a mínima de 15 (também a mais alta da Europa). Nas «antipodas» de Lisboa aparece Moscovo, onde os termómetros marca-

ram a temperatura máxima de cinco graus e a mínima de menos três graus. Atenas, foi, por outro lado, a segunda cidade mais quente do velho continente com o mercúrio a subir aos 22 graus, enquanto em Madrid se registaram 20 graus.

Cheques sem cobertura no Porto

Durante o passado mês de Outubro deram entrada no piquete da Polícia Judiciária do Porto 247 participações por emissão de 364 cheques sem provisão, no montante de 23 mil contos. De registar que o cheque de maior valor foi de 1300 contos e o de menor importância de 1500 escudos.

Abatido a tiro pelo cunhado

Devido a rixas antigas, dois cunhados envolveram-se num autêntico duelo a tiros de caçadeira, tendo um deles, Arlindo Acúrsio, de 43 anos, acabado por ser atingido mortalmente e o outro, Pedro do Carmo Duarte, de 49, ficou

ferido com certa gravidade. A ocorrência teve lugar numa propriedade rústica de Arlindo Acúrsio, no Alto do Pipa (Mafra), e no duelo envolveu-se ainda o seu filho de 14 anos que saiu ileso.

Estudante assaltado nos Olivais

Um indivíduo munido de pistola, e ainda não identificado, entrou na Escola Secundária de D. Dinis, na Rua Conselheiro Emídio Navarro, em Lisboa, e obrigou um aluno daquele estabelecimento a entregar-lhe o fio de ouro e os óculos, após o que se pôs em fuga. A ocorrência foi participada na esquadra da PSP dos Olivais.

Ponte «internacional» em Monfortinho

Uma ponte internacional sobre o rio Erges, em Monfortinho (Castelo Branco) irá ser construída em breve, segundo revelou ontem um porta-voz do Ministério das Obras Públicas. A ponte será construída na sequência de um acordo firmado entre os Governos português e espanhol, terá 73

metros de comprimento e servirá de passagem à estrada europeia número 3. Responsáveis regionais consideram que o empreendimento irá proporcionar o desenvolvimento daquela região fronteiriça e a aproximação das regiões de Espanha e Portugal.

Cogumelos continuam a matar

Os cogumelos da região do Fundão continuam a matar. Há dias, conforme noticiámos, foi uma pequenita do Carvalhal que morreu, tendo a mãe e duas irmãs escapado por pouco. Antontem aconteceu novo caso fatal, desta vez no lugar de Salgueiro, tendo como vítima Albertina Guiomar Leal, de 47 anos, casada, que não resistiu ao veneno acabando por sucumbir nos Hospitais da Universidade de Coimbra.

Carris em reestruturação

Diminuição de transportes nocturnos e supressão de carreiras de eléctricos

A reestruturação do serviço nocturno das carreiras de eléctricos, iniciada pela Carris no passado dia 1 de Novembro, foi alvo de um protesto por parte da APU de Lisboa que exigiu, no seu encontro distrital da passada segunda-feira, a imediata suspensão das supressões de algumas carreiras integradas na referida reestruturação.

Estariam neste caso as carreiras de eléctricos para a Graça, de segunda a sexta-feira, a partir das 21 horas, sábados a partir das 15 e 30 e domingos e feriados, durante todo o dia e as carreiras entre o Alto de S. João-Belém e volta, Cais do Sodré-Gomes Freire, Poço de Bispo-Algés, Poço do Bispo - Campolide. Segundo a APU estas medidas atingirão dezenas de milhares de pessoas, nomeadamente a população da Graça onde se conta uma elevada percentagem de idosos.

Em contacto com a Carris, o «DL» apurou ser esta a primeira fase de reestruturação do ser-

viço nocturno daquela empresa. Estando igualmente o «Metro», a CP e a Rodoviária Nacional a estudarem uma reestruturação dos mesmos serviços.

No que respeita à Carris, a alteração do serviço nocturno deve-se fundamentalmente à necessidade de se adequar o número de passageiros à noite, com o número de veículos em circulação, visto ter sido constatado que existiria um excesso destes em relação ao número de passageiros. Um outro factor que pesou para esta decisão teria sido a sobreposição de muitas carreiras que não permitiam a racionalização dos transportes e a avaliação das suas frequências. A redução de carreiras permite, segundo a Carris, não só a diminuição dos tempos de espera por parte dos utentes, como também uma diminuição do tempo de percurso, visto que as carreiras que permanecem foram já reforçadas.

Assim, e no que respeita à zona da Graça (até agora ser-

vida pelas carreiras, 10, 11 e 28), passou, a partir do dia 1, a ser servida pela carreira 28. A justificação apresentada para esta modificação centra-se no facto de as três carreiras citadas terem um percurso sobreposto entre a Rua da Madalena e a Graça. Eliminando as 10 e 11 e estendendo a 28 até ao Martim Moniz, os passageiros ficarão com um único troço onde não dispõem de transporte: do Martim Moniz à Rua da Conceição. No entanto, o intervalo das carreiras passou de 16 para 12 minutos, segundo aquela empresa pública.

No que respeita à carreira 17, que liga Belém ao Alto de S. João, foi-nos referido, pela Carris, funcionar esta quase como duas carreiras distintas: por um lado, os passageiros embarcados em Belém e que ficavam no Cais do Sodré e Praça do Comércio e, por outro lado, os que entravam neste último local com destino à Almirante Reis. O serviço da 17 passou a ser assegurado pela carreira 15 (Cruz

Quebrada-Praça do Comércio) que cobre o troço daquela entre Belém e o Terreiro do Paço e pela 19 agora entre Alcântara e S. João (antes partia do Arco do Cego) e que serve os passageiros que tenham como destino a zona da Almirante Reis.

Quanto à carreira entre o Poço do Bispo e Algés (a 16) ela também desapareceu devido aos mesmos motivos da 17, passando o seu serviço a ser garantido pelas carreiras 15 e 3.

Por sua vez a carreira 27 (Poço de Bispo - Campolide) passará também a ter o seu serviço garantido pela 3 e a 24. A primeira do Poço de Bispo ao Arco do Cego e a segunda da Rua da Alfândega ao Carmo.

Também a carreira 20, que liga o Cais do Sodré a Gomes Freire terá o seu serviço feito pelo autocarro 15 (do Cais do Sodré ao Largo do Rato) e pelas carreiras de circulação 25 e 26 que ligam a Alexandre Herculano à Gomes Freire.

ensino

Falta espaço no ICSP

Alunos ocupam hoje instalações

Os alunos do Instituto de Ciências Sociais e Políticas decidiram realizar hoje um dia de protesto, não permitindo a entrada nas instalações do ICSP, dos funcionários da Junta de Investigação Científica do Ultramar (!!!) Laboratório Nacional de Investigação Científica Tropical.

Os 700 alunos do ICSP e os professores têm de repartir as seis salas do rés-do-chão do Palácio Burnay com os alunos e professores da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, porque a Junta de Investigação Científica do Ultramar ocupa, há três anos, todo o primeiro piso do edifício.

«Não há hipótese de dialogar com os responsáveis da Junta, embora o tenhamos tentado ao longo destes três anos», afirmou esta manhã um porta-voz da Associação de Estudantes do Instituto de Ciências Sociais e Políticas. «Eles argumentam apenas que precisam, cada vez mais, de espaço e agora até uma casa de banho do rés-do-chão nos tiraram para a transformarem numa sala».

Os alunos do ICSP têm que ser distribuídos por dois turnos devido à exiguidade de espaço:



os do primeiro e segundo ano têm aulas de manhã e os do terceiro têm obrigatoriamente aulas das 18 às 22, porque de tarde as seis salas do rés-do-chão são ocupadas pelos alunos da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova. Esses alunos (como, de resto, todos os outros), não dispõem duma can-

tina nem sequer dum bar para comerem no intervalo das aulas.

A biblioteca do Instituto, cujos 70 mil volumes fazem dela a mais rica do País em Ciências Sociais, tem muitas vezes que deixar de funcionar como biblioteca para funcionar como sala de aulas.

Em conferência de imprensa

realizada esta manhã, os alunos do ICSP frisaram que a ocupação de hoje culmina um processo de diligências por parte de professores e alunos do ICSP para tentarem resolver os problemas, sem confronto. Até agora nada se resolveu e a situação do ICSP é cada vez mais degradante.

Ontem, em Reunião Geral de Alunos, foi aprovada por maioria absoluta uma moção em que se vincula os alunos à realização de um dia de protesto hoje, englobando essa forma de luta a ocupação do Palácio Burnay durante as horas de serviço dos 60 funcionários da Junta (das 7 horas às 21), esclarecimento à imprensa sobre a situação dos 700 alunos do ICSP; lançamento duma campanha de sensibilização junto dos alunos da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa (que se debatem também obviamente com problemas de instalações) no sentido de os alunos do ICSP poderem vir a ocupar as instalações a que têm direito. Hoje também foi enviado um telegrama aos diversos órgãos de soberania em que é exposta a situação que se vive no ICSP.

SPGL prevê acções de reivindicação para 1983

O presidente do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa afirmou, em declarações à ANOP, que se o aumento salarial for apenas o proposto pelo Governo (de 14 por cento) poderá gerar em 1983 uma série de reivindicações salariais específicas de certas categorias.

Entre essas reivindicações estariam mudanças de letra ou aumentos de subsídio «que globalmente poderão sair muito mais caras que um aumento salarial justo».

O SPGL, que ontem desencadeou na Grande Lisboa uma campanha de esclarecimento sobre a situação dos professores e do ensino, foi recebido pelo ministro da Reforma Administrativa e da Justiça, Meneres Pimentel, que confirmou que o Governo «aprovou a imposição de um limite aos aumentos salariais, o chamado tecto salarial e

que essa medida será tomada por decreto-lei».

O SPGL considera que o aumento proposto não corresponde de modo algum, ao aumento do custo de vida verificado em 1982 nem ao previsível para o próximo ano.

Por outro lado, A. Teodoro

considerou importante que a reunião com o ministro tenha terminado com uma acta assinada por ambas as partes. «Trata-se de um facto inovador neste processo, que esperamos seja um primeiro passo para uma efectiva negociação colectiva, conforme estabelecem as reco-

mendações da Organização Internacional do Trabalho».

O documento ontem distribuído pelo SPGL à população afirma que 90 por cento dos professores são trabalhadores da Função Pública e, assim, ficam abrangidos pelo aumento salarial imposto pelo Governo.

IST solidário com Coimbra

Professores da Instituto Superior Técnico (IST) decidiram ontem não dar aulas (quinta e sexta-feira) nem efectuar lançamentos de notas até à resolução do litígio que os opõe ao Ministério da Educação.

Os professores reuniram-se «para debater a situação que se vive presentemente na Universidade e muito concretamente para debater acções comuns a desenvolver com a Universi-

dade de Coimbra, visando a introdução do subsídio de dedicação exclusiva nos subsídios de férias e nas pensões de reforma e de sobrevivência».

Num comunicado emitido no final da reunião pelo Sindicato dos Professores refere-se que foi também aprovada a realização em data próxima de um encontro com os órgãos de gestão do IST que será aberto a todos os docentes interessados em parti-

cipar.

Este encontro visa perspectivar o prosseguimento das acções.

As aulas de quinta e sexta-feira «serão substituídas por outras actividades».

Entretanto, na Universidade de Coimbra, o segundo dia de greve teve uma adesão quase total. Tanto quando se sabe apenas duas aulas foram ministradas, nas Faculdades de Ciências e Tecnologia e Direito.

Eleições em Celorico da Beira — 2

As listas dão nome à guerra

«Não vejo grandes perspectivas» — diz-nos o cabeça de lista da APU à presidência da Câmara de Celorico da Beira. O reconhecimento da situação é concordante com o número de votos que tradicionalmente a APU mobiliza até às urnas. Agora, crescendo o número de candidaturas, cresce a hipótese de aumentar o número de votantes.

«Depois das legislativas, o Partido Socialista tomou um grande incremento» — contrapõe Carlos Oliveira, olhos postos no candidato que o seu partido encontrou, um jovem engenheiro de 28 anos, António Júlio Gomes Patrício.

Para trás, nas listas do PS, fica a anterior candidata ao lugar máximo da câmara, a vereadora Maria Ivone, após um enxovalhe da autoria do actual presidente, recandidatado pelo PSD. E para trás fica igualmente o vereador PS em exercício, Manuel Pires dos Santos, com uma posição de distanciamento face ao que se passa no seu partido.

«Vieram falar-me na hipótese de Pires Veloso ser convidado para cabeça de lista do PS à Câmara de Celorico da Beira» — conta-nos Pires dos Santos. O repúdio quanto a essa solução saiu-lhe espontâneo, manifesta a sua disposição de não participar nas lides para o processo eleitoral já em curso.

«Isso é estranho à minha pessoa» — comenta Carlos Oliveira. «Houve alguém do PS que, sem qualquer representatividade ou mandato, terá abordado Pires Veloso.»

A verdade, porém, é que ainda aqui se trata de um reflexo do conjunto de problemas vividos no concelho, onde abundaram as acusações ao presidente da câmara, as rupturas, incluindo a saída deste eleito do CDS para o PSD.

O PS não ficou imune às disputas que se travaram à volta da câmara municipal e do exercício das funções dos seus vereadores. Pires dos Santos é acusado mais ou menos veladamente de «conivência» com os actos contestados do presidente, Faria de Almeida.

«Nada disso», diz o vereador do PS. «O meu feito não é andar por aí a falar das pessoas. O que tenho a dizer faço-o nas reuniões da câmara, onde as questões devem ser levantadas. Fi-lo e isso consta das actas.»

APU contra má administração

A APU enfrenta dificuldades reconhecidas no distrito da Guarda, como em outros do

interior Norte. Os militantes comunistas e do MDP nem sempre conseguem ter acesso ao interior dos órgãos autárquicos, obter os elementos necessários para avaliar as situações.

Celorico é disso um exem-

se edificar um outro que está em acabamento, está-lhe «atravessado».

«Havia terreno ao lado para fazer o novo edifício e o antigo poderia valer hoje cinco ou seis mil contos» — entende.

«O património municipal está a ser delapidado. A sul da vila foram vendidos terrenos municipais, para habitação, no único parque florestal que aqui tínhamos. Foi arrasado...»

A má gestão, certos indícios a juntar às vozes constantes sobre corrupções, passam

dade de obterem assinaturas de renitentes.

Um dos factos curiosos verificou-se na freguesia do Baraçal, depois de tudo a origem dos problemas que se verificaram com o actual presidente da câmara. A denúncia das possíveis irregularidades fez-se na sequência da ruptura entre o presidente da Junta de Freguesia do Baraçal e o da câmara, Faria de Almeida.

A recolha de assinaturas necessárias à entrega de listas para as autárquicas levou o CDS a convocar aquilo a que chamam, no local, um «minicómicio», a que o presidente da câmara acabou por comparecer, depois de ter sido alertado.

O rescaldo desta reunião de porta aberta e, portanto, ferida de completa ilegalidade, foi a agressão do presidente da Câmara de Celorico por um dos seus ex-correligionários do CDS.

A ilegalidade patente desta reunião poderá mesmo, ao que apurámos, levar ao consequente procedimento judicial, uma vez que tal é expressamente proibido por lei, até que oficialmente seja aberta a campanha eleitoral.

A corrida às assinaturas nada tem de inédito em toda a região e muito menos em três concelhos que visitámos por terem a particularidade de neles se terem verificado denúncias de irregularidades, possíveis corrupções, certamente pedidos de inquéritos, alguns dos quais concretizados e agora quase, quase, a produzirem efeitos.

«O PSD tem na lista pessoas que nela não podem figurar» — garante-nos, a título de exemplo, Carlos Oliveira, do PS. «É o caso de funcionários da câmara, de um veterinário que também trabalha para a câmara e de um homem que tem negócios com ela» — exemplifica.

A política em Celorico da Beira, na região, faz-se destas pequenas coisas. Fazia-se, ainda há poucos dias de ser conhecido o resultado do inquérito à actividade do respectivo presidente da câmara. O de Pinhel já se sabia: «Graves irregularidades», como falava o próprio ofício do Ministério da Administração Interna.

No caso de Celorico da Beira, sabe-se agora que a mesma situação terá sido constatada...

Rogério Vidigal

Afirma relatório do MAI

“Graves irregularidades”

«Graves irregularidades» foram detectadas na gestão municipal de Celorico da Beira, segundo as conclusões de um inquérito do Ministério da Administração Interna, a pedido do próprio presidente da Câmara.

A sindicância concretizou-se após uma série de reportagens do «DL» em que se levantava a possibilidade de existir corrupção e abuso de autoridade por parte do presidente da Câmara de Celorico da Beira, Faria de Almeida.

O pedido de inquérito foi feito por Faria de Almeida que paralelamente denunciou ao delegado do Ministério Público o autor da reportagem, o nosso director e o presidente da Junta de Freguesia, autor de algumas das acusações. Contudo, nunca fez uso da possibilidade que lhe é conferida pela Lei de Imprensa de esclarecer os factos que respeitavam à sua pessoa e ao seu cargo. O processo já tem julgamento marcado no 1.º Juízo Correccional, do Tribunal da Boa Hora.

O relatório do MAI foi enviado para apreciação da Assembleia Distrital da Guarda, após o que o ministro poderá pronunciar-se pela dissolução da Câmara. Na mesma situação se encontra a Câmara de Pinhel, na qual também foram detectadas graves irregularidades pelos inquiridores do MAI. Ambos os casos serão apreciados pela Assembleia Distrital no próximo dia 11.

Faria de Almeida afirmou entretanto à ANOP que não está de acordo com o relatório e a sua conclusão principal. Para ele, houve pressões do ex-governador civil da Guarda sobre os inspectores do MAI. Diz mais: a sua edilidade é uma «moeda de troca» face ao inquérito movido à Câmara de Pinhel.

Para o presidente da Câmara de Celorico da Beira, as «graves irregularidades» referidas no relatório não passam de «uma vingança do secretário de Estado da Administração Regional e Local, Roberto Carneiro».

plo. A APU não tem representação no executivo municipal, em consequência do reduzido número de votos que obteve. O máximo que conseguiu foi levar um elemento seu à assembleia municipal e aí se bateu pelos seus pontos de vista.

A avaliação do que se tem passado nestes últimos anos é, pois, feita por aquilo que se torna transparente. Eduardo Marques, que integrou a comissão administrativa depois do 25 de Abril, fala-nos de obras nos passeios «feitas por um curioso», de «placards de propaganda que foram logo arrancados».

O caso do antigo edifício da câmara, que foi demolido para

ainda pelas palavras do homem da APU. O dedo de acusação desta coligação não hesita em virar-se contra o PS. «Os cinco elementos abandonaram a assembleia» — diz Eduardo Marques.

«As nossas perspectivas, depois de tudo, não são muito grandes» — acrescenta. «As pessoas continuam a ter medo de aparecer ligadas aos comunistas...»

De terra em terra fazendo listas

A elaboração de listas, com o processo burocrático que implica, mobilizou as forças políticas de Celorico da Beira, que muitas vezes se defrontaram no terreno com a necessi-

Enigma para arqueólogos

em todo o Alentejo

Estelas funerárias da Idade do Ferro com uma escrita até hoje indecifrada

Estelas funerárias da primeira Idade do Ferro espalhadas um pouco por todo o Alentejo (especialmente nos arredores de Ourique) e estendendo-se ligeiramente para território espanhol propõem aos arqueólogos uma escrita até hoje indecifrada.

Trata-se da mais antiga escrita do Ocidente, aparentada (até mesmo importada) com as da Frigia, de Lemos, da Grécia arcaica ou a dos Etruscos, mas a sua leitura, apesar de algumas tentativas de interpretação que hoje não são consideradas como válidas, continua a ser um impenetrável mistério.

Caetano de Melo Beirão, delegado para a zona Sul do Departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Cultural, tem desenvolvido um esforço muito particular neste campo, mas considera que «nem com uma pedra de roseta se conseguirá encontrar uma leitura de um dia para o outro, se é que algum dia isso possa ser feito».

A documentação escrita é constituída, até ao momento, por um conjunto de 70 estelas (12 das quais desaparecidas nas mãos de coleccionadores de «tesouros» e apenas 20 com os textos completos).

No total das estelas, após longos esforços e a releitura de textos mal interpretados, podem contar-se — diz Caetano Beirão — mais de 1300 sinais reconhecíveis, catalogados em 51 formas diferentes.

Apesar do hermetismo da linguagem escrita dos nossos antepassados da Idade do Ferro Antigo, alguns dados já são tidos como seguros.

Quatro sinais (A, N, O e N) totalizam mais de 50 por cento dos sinais catalogados podendo-se, assim, reconhecer tratar-se de um grupo de pelo menos três vogais.

Isto leva a acreditar tratar-se de uma escrita de tipo alfabético, conclusão que não chega, porém, para quaisquer leituras. Tentativas feitas com computador resultaram sem efeito, porque os dados fornecidos à máquina eram excessivamente carentes.

Em mais de metade das estelas encontradas parece repetir-se uma fórmula que os arqueólogos admitem significar qualquer coisa como o futuro «aqui jaz» ou algo semelhante: Deus o

levou, descansa em paz, mas como, na verdade, se desconhecem todos os rituais funerários da época «não é possível avançar na escuridão».

Os arqueólogos italianos, contando com muitos milhares de exemplares da escrita etrusca, não conseguiram ir além da leitura de meia-dúzia de palavras, especialmente de topónimos que se mantêm através dos tempos.

«E os italianos — salienta Caetano Beirão — tiveram a sua 'pedra de roseta' numa múmia encontrada em Zagreb (Jugoslávia) com inscrições em etrusco e outras línguas bem conhecidas».

A leitura das estelas é ainda dificultada porque os tetranetos dos primeiros ocupantes das necrópoles ou as violaram em procura de objectos de ouro (o que tem prosseguido ao longo dos tempos), ou as reutilizaram com uma prática funerária já diversa: a da cremação e sepultura das cinzas, como viriam a fazer os romanos.

A Primeira Idade do Ferro remontará, no território hoje português, ao século oitavo antes de Cristo, embora o material que a evidencie se situe entre os séculos VII e V. Dos vasos e barro e taças feitos sem roda de oleiro passa-se à importação de peças em «verniz vermelho» (como na necrópole de Chada) que explica, igualmente a importação da escrita.

A Primeira Idade do Ferro, de influência e ligações com o Mediterrâneo, vai ser substituída por uma população de raiz continental que já não sabe escrever. Acredita-se que tudo isto tenha a ver com a queda de Tartessos e o crescimento de Cartago, que impede a cultura mediterrânica, sobretudo helénica, de ultrapassar o Estreito de Gibraltar.

A interrupção dos contactos leva a uma rápida queda da cultura dos povos do «primeiro ferro», cuja civilização, de resto, havia já entrado numa profunda área de declínio. Os povoados da primeira Idade do Ferro, com construção em taipa que se manteve praticamente até aos nossos dias, ocupavam, a maioria dos 'montes' alentejanos de hoje e foram precipitadamente abandonados.

ANOP/«DL»

ANDARES

PARA VENDA
PRONTO A HABITARC/área total 140 m2 c/arrecadação
e lareiraURBANIZAÇÃO COM
CENTRO COMERCIAL

PINHAL NOVO

(A 9 km de Setúbal e a 25 km de Lisboa)

CONSTRUÇÕES DOVARI, LD.ª

Rua Almeida Garrett, 11 •Telef.; 2361165

(Atendemos aos sábados e domingos)

PINHAL NOVO

DOSSIER

Uma fronteira vivida nos subúrbios citadinos

Ciganos portugueses entre a marginalidade e a sina da integração

Entre nós são hoje cerca de 20 mil, dos quais uns 800 continuam a percorrer o País, sem domicílio fixo. São cidadãos portugueses por origem e ciganos por nascimento, tradição e cultura. A maior parte é analfabeta. As suas crianças continuam, na maioria, a não frequentar escolas. Dedicam-se essencialmente à venda ambulante. Fixaram-se nos bairros de lata dos subúrbios citadinos, nomeadamente em Lisboa, Porto e Setúbal. Foram, no princípio do século, senhores dos negócios de muars das regiões agrícolas do Alentejo, Trás-os-Montes, Douro Litoral, Beiras e Algarve. A mecanização da agricultura e o empobrecimento das populações destas regiões obrigou-os a seguir um caminho idêntico ao delas: a migração para as cidades. Sedentarizaram-se nas periferias. Aí permanecem, vivendo na fronteira entre os seus valores e os valores que regem a sociedade que os envolve.

SÃO um povo à margem que enfrenta o conflito de, por um lado, prosseguir mandamentos que reflectem a forma como por ele é encarada a vida e, por outro lado, coexistir como os outros, os «gadje», em sociedades onde a integração é encarada como absorção dos valores vigentes e onde o direito à diferença não é reconhecido.

Oriundos da Índia, de onde partiram numa migração massiva entre os séculos IX, X e XI, foram chegando ao nosso país durante o século XV. Aqui confrontaram-se, durante séculos, com sucessivas leis discriminatórias (a primeira data de 1536)

Hoje não existem leis especiais «para ciganos». No entanto, no seu dia-a-dia, vivem uma marginalidade imposta: nas escolas, as crianças deparam com dificuldades no acto da matrícula. Depois, com dificuldades no contacto com os outros alunos, em cujas casas se diz que eles não são boa companhia. Depois, no mercado de trabalho, onde a sua oferta é por vezes recusada porque são ciganos. Quando são realojados em prédios, ou mesmo quando constroem as suas barracas, confrontam-se com a população não-cigana que não os quer como vizinhos. Nos contactos com as autoridades oficiais, os seus costumes e leis tradicionais são menosprezados e desconhecidos.

Eles são um povo que tem atravessado a história com o estigma de «indesejável» por ter preservado a sua diferença. Na margem da sociedade industrializada e de consumo, persistem em defender o que consideram ser a sua liberdade, tornando-se assim artífices do seu próprio «apartheid», como diz Juan de Dios, assistente social espanhol (cigano). Um povo que resiste ainda em aceitar o direito civil da sociedade não-cigana, pesado de «tantas inscrições no Registo Civil, tantos bilhetes de identidade, tantos passaportes, tanto serviço militar, tantos certificados, selos, licenças, patentes e papel de todo o feito...»

Recusa do trabalho assalariado

Menos de 5 por cento dos ciganos portugueses são assalariados. A actividade principal da maioria é a venda ambulante mais conforme com as suas velhas profissões. Apesar de na sua quase totalidade não possuírem habilitações que lhes permitam concorrer no mercado de trabalho, sendo assim discriminados, a não salarização é também uma sua opção tradicional.

O trabalho é entendido por eles como um exercício liberal a que se recorre para satisfazer necessidades prementes. Uma profissão a tempo inteiro, com

horários rígidos e por conta de outrem, é tida como negação da liberdade e independência próprias do homem.

O desejo da realização profissional, ou da «promoção», praticamente não existe entre os ciganos portugueses. São ambições que implicam relações que eles não valorizam, «por resultarem de uniões artificiais». É na família e no clã que o cigano se realiza, ao reconhecer-se nas leis que aí vigoram. É nas actividades que ancestralmente lhes pertencem, e das quais conhecem o segredo, que os ciganos se sentem independentes e possibilitados de defenderem a integridade dos seus valores.

Muitos dos outros trabalhos são, para eles, «sujeitos»: Obedecer a um horário, ser pago por outro, estar encerrado num local significam a limitação da sua condição de homens livres. Cortar com as velhas actividades ciganas é perder parte da sua diferença que lhes permitiu, segundo eles, subsistir até hoje.

Mas não só no campo dos conceitos se situa a recusa do trabalho assalariado. Numa comunidade onde o planeamento está excluído da economia, onde o «amanhã» não existe em termos económicos, o pagamento mensal ou semanal é encarado com desconfiança. Não se enquadra na ideia de que o trabalho só é útil quando se necessita de dinheiro, e de que este, quando existe, é para gastar rapidamente.

No que respeita a horários, a recusa dos ciganos em assumi-los não se centra só na limitação da liberdade que o seu cumprimento impõe. Privilegiando fundamentalmente a vida em grupo, o cigano assalariado vê-se frequentemente na contingência de uma escolha impossível: estar presente nas festas, rituais e cerimónias do seu clã, abandonado o emprego, ou permanecer neste, ausentando-se assim da vivência do grupo.

Recusar o trabalho assalariado numa sociedade onde ele impera é talvez a materialização máxima da fronteira entre os ciganos e o resto da população, mas é também uma «condenação» à miséria económica e técnica. Como continuar a viver da tosquia ou do negócio do gado? Como continuar a actividade de caldeireiros, ferreiros, canasteiros quando a industrialização mata o artesanato?

A desactualização das velhas profissões ciganas e a sedentarização nos subúrbios das grandes cidades já levou, no entanto, a que noutros países, como a Espanha ou a França, os ciganos a procurarem outras formas de subsistência na sociedade dos «gadje». Uma só condição tem de existir para que o trabalho seja respeitado e considerado por eles: a especialização, o serem mestres de um ofício.



A saída da barraca, onde vivem 22 pessoas, para o Bairro das Laranjeiras, implicará o exercício da vingança cigana, o encontro de «contrários».

«Nós» e os «outros»

A solidariedade cigana face ao mundo dos «outros» é um mandamento básico. Nela residem a sua defesa contra as inúmeras discriminações e perseguições de que têm sido alvo. Nela se desenvolveu a ideia original de que o seu tipo de vida é o único «digno do homem». Presente em praticamente todas as manifestações diárias, a bipolarização entre o «nós» e os «outros» assume uma expressão concreta naquilo a que se poderá chamar o «código moral» cigano:

Ele considera que ofendeu a Deus, pecando, quando viola alguma das leis fundamentais do seu clã, quando viola os direitos de outro da sua raça. Mas já não crê que peca quando o «ofendido» é um não-cigano. É assim que a falta à palavra, a mentira ou o roubo são praticamente inexistentes e severamente punidos entre eles. Em relação aos «gadje» elas são, no entanto, prática corrente.

Família

Se é entre os seus que o cigano é obrigado a respeitar os direitos e os deveres estabelecidos pelo grupo, é natural que as leis reconhecidas por ele só se exerçam enquanto membro da família e do clã.

Só nestas duas instituições lhe é possível «ser cigano»: ali pertence a uma etnia com valores, normas e concepções próprias. A família tem o papel mais importante na comunidade cigana (o «clã» é frequentemente formado por pessoas com laços familiares entre si).

A família cigana é extensa, abrangendo geralmente todos os descendentes do mesmo casal, na linha patrilinear. Através dos tempos têm os ciganos visto na unidade e extensão da família a base mais poderosa de sobrevivência como povo próprio. Na comunidade cigana não existe estrutura social que se sobreponha às funções normais de cada indivíduo enquanto membro da família.

A autoridade é representada pelo pai e pelos mais velhos, sendo a do primeiro «indiscutível». Os jovens só começam a ser ouvidos para a tomada de decisões depois de se casarem,

e a sua palavra só começa a ter «força», quando têm o primeiro filho. O lugar social da mulher é a maternidade. A sua ascendência sobre o grupo está relacionada com o número de filhos que tiver. Enquanto mãe é considerada, pelo grupo, como um elemento precioso. Desde pequena a jovem cigana é educada em três princípios: a virgindade antes do matrimónio; o casamento e a perpetuação da raça. Depois de casada deve obediência e fidelidade ao marido. Aliás, e segundo as palavras de um cigano, a mulher aprende «em pequena a obedecer ao seu pai; em jovem a obedecer ao seu pai e irmão; uma vez esposa, a obedecer ao seu marido; já velha, a obedecer aos seus filhos».

Com uma taxa de natalidade tripla em relação ao resto da população (cerca de 60 por cento dos casais ciganos têm entre três e oito filhos e uns 22 por cento têm mais de 9 filhos) existe hoje, no entanto, em algumas ciganas jovens, o desejo de um controlo da natalidade. Esta tendência é repudiada pelos homens. É a fertilidade, o número de filhos, que determina a importância do papel do cigano na sua comunidade. Nela vêem também a perpetuação da sua raça. É, aliás, esta a preocupação de base que leva a que sejam muito pouco frequentes os casamentos «mistos» ou seja, entre ciganos e «gadje».

O cigano que case com um «estranho» terá, aliás, de obedecer a uma condição: continuar a viver entre a família. Quando abandona o grupo, este renega-o por sua vez.

De criada a dona de casa

Os ciganos casam, quase sempre, muito cedo: as raparigas aos 13 anos. Os rapazes aos 15 ou 16. A realização do matrimónio tão cedo tem a sua justificação no preceito «quanto mais jovens, mais filhos terão». Mas não só, pois é também a forma prática, de satisfazerem as suas necessidades sexuais no respeito pelas regras do grupo.

Embora o incesto seja quase inconcebível para os ciganos, os casamentos dos muito jovens funcionam, por outro lado, como um travão para aquela prática.

Se os rapazes, atingida a idade de casamento, continuarem solteiros, abandonarão a barraca familiar, indo dormir ao lado desta.

Não sendo permitidos à rapariga contactos a sós, mesmo que pura amizade, com o sexo oposto, o casamento em idades muito jovens é também uma forma de garantir a sua virgindade antes do matrimónio, condição imprescindível para que este se realize.

Quando casa, a jovem cigana passa a viver em casa dos sogros onde terá de obedecer a todas as ordens, raramente saindo para a venda, até ter o primeiro filho. Depois da primeira maternidade o casal passa a funcionar como uma entidade independente o que, geralmente, se traduz em cozinhar no seu próprio fogão. Mas é só depois do segundo filho que a jovem cigana assume o comando da casa, substituindo a sogra.

«Contrários»

Apesar da solidariedade cigana ser muito poderosa e do «sentimento de família» ultrapassar frequentemente os laços de sangue, existe uma lei na comunidade que institui o direito de vingança quando se ofende, fere ou mata um outro cigano. Esta lei não só abrange os directamente implicados, mas os homens das famílias de que estes provêm.

Passam assim a ser «contrários» ou seja, não se podem encontrar. Caso se encontrem têm obrigatoriamente de se «vingarem». Tais encontros são geralmente evitados pelos ciganos, chegando-se até à delimitação de zonas de presença de famílias «contrárias».

Só que às vezes o encontro é imposto: Esta situação é hoje vivida, por exemplo, por quatro famílias (quatro casais e 14 filhos) que vivem numa barraca, com uma só divisão, à entrada de Moscavide. Habitavam primeiro na estrada que liga aquela vila a

Olivais Norte, esperando há quatro anos serem realojados num dos lotes do Bairro das Laranjeiras, perto do apeadeiro dos Olivais. Entretanto as suas primitivas barracas ruíram, e eles foram obrigados a ocupar uma outra, antiga pertença da comissão de moradores. Agora o terreno desta foi vendido, estando projectadas obras que implicam a sua demolição.

A solução encontrada para estas famílias pela Câmara Municipal de Lisboa, foi a do seu realojamento em andares dos dois lotes atribuídos a ciganos no Bairro das Laranjeiras. Os não-ciganos que aí viviam, foram entretanto mudados para casas em Chelas. Surge então o problema: há cerca de 3 meses, um membro das famílias em causa envolveu-se numa «zaragata» com outro, residente nos lotes referidos. A mudança implicará, assim, o confronto. Esta situação foi exposta, por eles, na Câmara. A resposta veio simples: «Isso é lá com vocês».

Mas, como nos afirmou uma cigana de 33 anos, mãe de cinco filhos, «para o meu marido ser morto ou ter de matar alguém, prefiro ficar cá. Somos muito novos ainda para nos gozarmos. Só se vierem de metralhadoras...» Ao que parece a proposta por eles apresentada de serem mudados para Chelas, para onde irão os não-ciganos, ficou sem resposta. Também ficou sem resposta a possibilidade de lhes darem umas tábuas para

irem construir uma barraca noutra local.

Realojamentos

Quando os lotes do Bairro das Laranjeiras começaram a ser distribuídos pela população das barracas da zona, os últimos a serem colocados foram os ciganos. Primeiro, os seus antigos vizinhos recusaram-se a coabitar com eles nos mesmos prédios. Depois, feitas negociações, acabaram por acordar em que dois lotes lhes fossem destinados.

Ficavam, no entanto, 13 famílias ciganas de fora, esperando a conclusão de um outro edifício. As obras terminaram e o prédio foi distribuído a «gadje». Os moradores não queriam mais ciganos no bairro e a Câmara cedeu às suas pressões...

Discriminados pela população, os ciganos têm-se também defrontado com duas outras questões no que respeita ao realojamento: ou lhes são dadas tábuas e coberturas para construir outras barracas, quando as anteriores ruíram ou foram demolidas; ou são encafuados em casas construídas sem se ter em conta o número de pessoas, por família, a que se destinavam.

Em Benfica e no Prior Velho foi a primeira solução que imperou. No primeiro caso, o terreno onde estavam foi vendido, tendo-lhes sido cedido um outro, para aí construírem as suas barracas. No segundo, as «casas» ficaram destruídas com as cheias do ano passado. A junta de freguesia forneceu-lhes tábuas para construírem no mesmo local. Só que este é um baixo que com qualquer chuva se enche. Descontentes com o local os ciganos optaram, na sua maioria, por permanecer nos prédios do extinto Fundo de Fomento da Habitação, em Carnaxide, cujas obras foram embargadas e que ocuparam quando das cheias. A sua permanência ali está agora a ser negociada.

Para o Prior Velho e para a Buraca, onde 32 famílias se encontram em condições completamente degradadas, foram apresentados projectos de bairros transitórios, cuja autoria pertence à Obra Pastoral dos Ciganos (organização ligada à Igreja Católica e que tem como objectivo a promoção daquela etnia). Segundo a obra, a construção, em terrenos terraplanados e com infra-estruturas sanitárias, de pavilhões prefabricados provisórios, que respeitassem as necessidades dos ciganos, nomeadamente a existência de uma grande sala onde a família se possa reunir diariamente, seria uma hipótese positiva para a aprendizagem da vivência numa casa.

Na Buraca chegou a constituir-se uma comissão formada pelo presidente da junta de freguesia, o comandante da Polícia local, representantes da Câmara, da Obra e da Misericórdia. O terreno estava já cedido e o projecto de obras em estudo. Mas, sem qualquer justificação, a Câmara veio a comunicar que ficava tudo suspenso. No Prior Velho um projecto idêntico não chegou sequer a ser considerado...

Clara Viana

AMANHÃ:

Crianças ciganas ausentes das escolas perpetuam analfabetismo da sua raça

“Não houve sequestro” na Siderurgia

— afirmam as ORT's

Reunidos esta manhã em plenário, na fábrica do Seixal, os trabalhadores da Siderurgia Nacional «repudiaram energeticamente» a actuação «brutal» da força da GNR e da Polícia de Intervenção, constituída por mais de 100 elementos, que cerca da 1 hora e 30 de ontem, invadiu o edifício da administração, partindo vidros e arrombando portas, sob o pretexto de ir «libertar o conselho de gerência».

Acontece, segundo nos referiu esta manhã um elemento da CT, que quando os efectivos policiais chegaram à empresa, o conselho de gerência encontrava-se numa reunião de negociações com os representantes dos trabalhadores (ORT's), que a GNR e PI vieram interromper, com um violento pontapé na porta. Mar-

charam pelos corredores «provocatoriamente», partiram vidros, e só não se registaram incidentes porque «os trabalhadores não lhes deram resposta» mantendo-se impassíveis, o que no entanto não evitou que houvesse alguns empurrões.

A mesma fonte sublinha que, na realidade «não houve sequestro nenhum». Os trabalhadores concentraram-se porque aguardavam uma resposta do novo conselho de gerência, que lhes havia sido prometida numa reunião havida na sede, em Lisboa, dias antes, com os seus representantes.

Se a força policial ali se deslocou, isso poderá ter ficado a dever-se à precipitação do Governo e à exaltação do presidente do conselho de ge-

rência. «Na mente dos trabalhadores nunca passou a ideia do sequestro», referiu ainda o dirigente sindical, acrescentando: «Como poderá falar-se de sequestro, se os administradores assinaram livremente uma acta da reunião, mesmo em frente aos policiais, após um diálogo de várias horas com as ORT's?».

Na opinião dos trabalhadores, a intervenção policial foi «completamente injustificada» e isso pode levá-los a desencadear formas de luta contra a repressão que sobre eles caiu.

O conflito na Siderurgia Nacional prende-se com várias ilegalidades cometidas pelo anterior conselho de gerência, entre as quais o desconto de oito horas nos salários dos trabalhadores,

quando estes haviam cumprido apenas duas horas de paralisação por turno.

Entretanto, e relativamente aos acontecimentos de terça-feira na SN, o Governo emitiu uma nota oficiosa em que afirma «que exercerá a sua autoridade sempre que as leis do País sejam postas em causa». Considera ainda este documento que situação como a ocorrida naquela empresa «cria dificuldades adicionais ao desejado desenvolvimento económico-social do País».

Os representantes dos trabalhadores da Siderurgia Nacional voltam a reunir-se às 16 horas, na sede em Lisboa, com o conselho de gerência, em mais uma tentativa de desbloqueamento do diferendo, estando previsto para a semana novo plenário.

Dirigentes sindicais contra bloqueamento da contratação colectiva

Dirigentes e delegados sindicais ligados aos processos de contratação colectiva vão concentrar-se junto das instalações do Ministério do Trabalho em Lisboa e no Porto a fim de protestarem contra o bloqueamento dos contratos colectivos e de manifestarem a sua oposição à tentativa de revisão de legislação sobre esta matéria. Segundo os sindicatos, o projecto de revisão da lei da Contratação Colectiva agora apresentado pelo MT «põe em causa o direito à livre negociação e restringe o direito à greve».

As concentrações são precedidas de plenários nas sedes dos Sindicatos do Comércio de ambas as cidades.

Porto

PORTO, 4 — Esta tarde dirigen-

tes e delegados sindicais de sectores em luta pelos contratos colectivos de trabalho, vão concentrar-se pelas 15 horas, junto às instalações do Sindicato do Comércio, dali seguindo para a delegação do Porto do MT, distribuindo, durante o percurso, um documento à população.

No MT, uma delegação sindical avistar-se-á com um representante do Ministério a fim de expor «as posições do movimento sindical sobre a actual situação de bloqueio à contratação colectiva e sobre o novo projecto de decreto-lei sobre a contratação colectiva, altamente lesivo dos direitos fundamentais dos trabalhadores» — segundo uma nota emitida pela USP.

Esta jornada de luta é promovida pela USP/CGTP-In e sindicatos.

Entre as 14 e as 17

Metropolitano não anda

Os trabalhadores do Metropolitano de Lisboa vão paralisar hoje, entre as 14 e as 17 horas, a fim de obrigarem o conselho de gerência a cumprir o acordo de empresa (AE) em vigor há oito meses.

Segundo um comunicado difundido pela Federação dos Sindicatos dos Transportes Rodoviários e Urbanos (FESTRU), o CG além de ter uma dívida de cerca de 20 mil escudos a cada trabalhador, pretende retirar direitos consignados na lei aos trabalhadores-estudantes e às mães trabalhadoras com filhos em idade de aleitação,

recusando-se a pagar os subsídios acordados (alimentação, assiduidade e escolar) e a negociar os novos enquadramentos profissionais previstos no acordo. Depois de acusar o CG de «fugir constantemente ao diálogo com os representantes dos trabalhadores, de adiar as reuniões ou não comparecer às que foram marcadas de comum acordo» a FESTRU adianta que o pessoal do Metropolitano ao escolher o período entre as 14 e as 17 horas para a greve tentou «salvaguardar ao máximo o prejuízo e o transtorno causado à grande massa dos utentes trabalhadores».

Governo vai impor “tecto salarial rígido”

Aumentos de 14 por cento para a Função Pública

A comissão negociadora sindical da Função Pública considerou «inaceitável» o aumento de 14 por cento na massa salarial do sector, que o ministro da Reforma Administrativa ontem revelou durante uma reunião que decorreu no Ministério e que o Governo vai tentar impor por decreto-lei.

Segundo os dirigentes sindicais, o ministro afirmou igualmente que o Governo vai impor a todos os trabalhadores portugueses um tecto salarial rígido para vigorar no próximo ano, mas cujo montante se recusou a revelar.

Na reunião ontem havida com os dirigentes da Função Pública, para além da proposta de aumento da massa salarial global, o ministro apresentou para discussão a actualização do subsídio de refeição para 90 escudos, a partir de Janeiro.

De acordo com a mesma fonte, os sindicatos esperam contudo que haja negociação e portanto uma aproximação entre a proposta governamental e o aumento salarial médio de 26,7 por cento, reivindicado pela Frente Comum.

O tecto salarial que o Governo tentou este ano impor, e que em muitas empresas foi largamente ultrapassado, devido à luta dos trabalhadores, foi instituído por uma resolução do Conselho de Ministros (resolução 1-A/82) que previa um montante máximo de acréscimo salariais de 17 por cento, com uma margem de flutuação, de mais dois por cento, ou menos dois por cento, de conformidade com a capacidade

económica de cada sector ou empresa.

De referir que no ano passado o Governo impôs à Função Pública um aumento salarial de apenas 10,7 por cento, que foi absorvido em Julho pela inflação, que segundo dados do Banco de Portugal, este ano ronda os 25 por cento. Nestas circunstâncias, o aumento agora proposto, mais não faria do que repor o salário de Janeiro passado, mas com um ano de atraso.

Reunidos ainda ontem em plenário, os sindicatos da Frente Comum, rejeitaram a proposta do Governo e exigiram que este «respeite o compromisso» de diálogo, e altere de «forma significativa» a sua posição. Os sindicatos decidiram igualmente intensificar nos locais de trabalho a informação e a mobilização para a luta, afirmando que os trabalhadores da FP saberão defender os seus direitos.

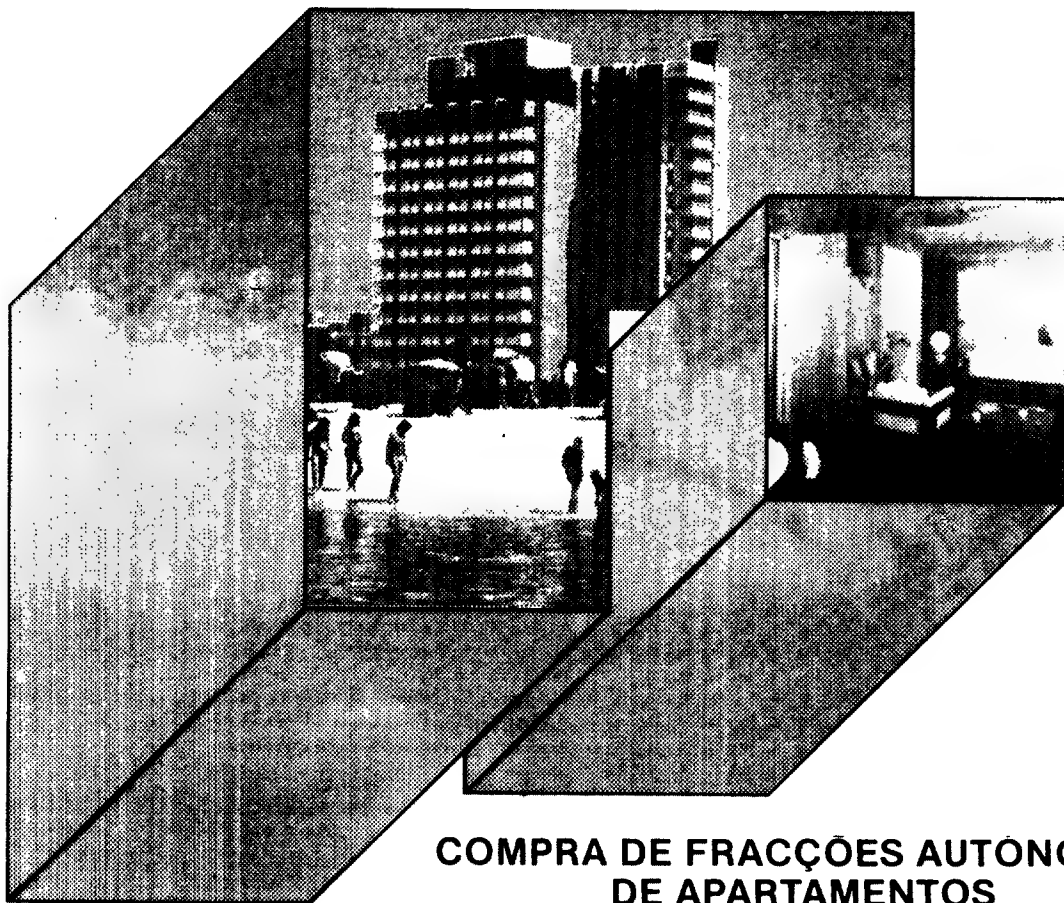
Entretanto, foi marcada para o próximo dia 10 nova reunião entre o Governo e os sindicatos da Frente Comum.

Tecto salarial para 1983

Na nossa notícia de ontem sob o título «OGE impõe tecto salarial de 16% para 1983?» Mário Rodrigues é referido como sendo «dirigente da CGTP». Acontece que Mário Rodrigues é, sim, um jornalista do departamento de Informação da central sindical. Pelo lapso pedimos as nossas desculpas.

SEJA PROPRIETÁRIO DAS SUAS FÉRIAS

COMPRE EM ESPAÇO T



COMPRA DE FRACÇÕES AUTÓNOMAS DE APARTAMENTOS

A FRACÇÃO AUTÓNOMA DE UM APARTAMENTO TURÍSTICO funciona no regime de propriedade horizontal, devidamente fraccionada, não por segmentos horizontais mas por quotas-partes temporais.

Desta forma, as pequenas e médias poupanças poderão participar, com total segurança, na jovem e rigorosa indústria do turismo, tornando-se proprietárias de fracções de Apartamentos Turísticos.

AS FRACÇÕES AUTÓNOMAS DE APARTAMENTOS TURÍSTICOS são vendidas por escritura notarial e registadas a favor do comprador na respectiva Conservatória do Registo Predial, e serão observadas, com as necessárias adaptações, as regras vigentes para a propriedade horizontal, constando do seguinte:

- O início e o termo de cada período semanal (1/52 avos) a que corresponde a fracção autónoma do apartamento;
- Os direitos do proprietário da fracção autónoma do apartamento;
- Os deveres do proprietário da fracção autónoma do apartamento;
- Os poderes e deveres da empresa turística que administra o imóvel.

O proprietário da FRACÇÃO AUTÓNOMA DO APARTAMENTO TURÍSTICO poderá onerá-la ou aliená-la, bem como ceder o seu direito de habitação periódica.

A administração do edifício, incluindo as suas fracções autónomas, respectivos equipamentos e recheios, incumbem à empresa turística que administra o imóvel. O seu preço varia segundo a estação do ano, de acordo com as tabelas turísticas que determinam o preço de aluguer dos apartamentos turísticos em que as fracções estão inseridas.

Em Portugal considera-se o ano turístico dividido em três estações:

ESTAÇÃO BAIXA: Janeiro, Fevereiro, Março, Novembro e Dezembro.

ESTAÇÃO MÉDIA: Abril, Maio, Junho e Outubro.

ESTAÇÃO ALTA: Julho, Agosto e Setembro.

Poderá comparar-se um ano turístico com um prédio de andares, com apartamentos todos iguais, mas com preços de venda e rendimentos diferentes, de andar para andar, correspondendo cada andar a uma Estação Turística. E assim como um prédio pode ser vendido em propriedade horizontal, andar por andar, um apartamento turístico pode ser vendido semana a semana, formando os seus proprietários um condomínio de 1/52 avos; isto é, uma FRACÇÃO AUTÓNOMA DE APARTAMENTO.

Quero receber, sem qualquer compromisso, informação sobre FRACÇÕES DE APARTAMENTOS TURÍSTICOS ESPAÇO T

NOME _____

MORADA _____

COD. POSTAL _____ LOCALIDADE _____

TEL. _____

Corte e envie para ESPAÇO T, Av. Duque de Loulé, 24
1098 LISBOA CODEX

ESPAÇO T — um departamento TORRALTA

EUA acusados de causar epidemias na Índia

A epidemia da febre tropical «Denge», assinalada em particular nas proximidades de Nova Deli, pode ser uma consequência directa das actividades de «biólogos» norte-americanos que desenvolvem na Índia armas biológicas, a pretexto de «experiências genéticas» com mosquitos, declarou no Parlamento indiano o deputado, Dubrabaniam Swami.

Este chamou a atenção para as recentes actividades dos «biólogos» nos Centros de Saúde em Calcutá e Sonipat (estado de Haryana) que fica próximo de Nova Deli.

Segundo o deputado, os «geneticistas» norte-americanos, que fizeram experiências com mosquitos, seriam, na realidade, funcionários da Direcção da Guerra Biológica das Forças Armadas dos EUA. Swami revelou ainda que organismos gover-

namentais indianos estão a efectuar uma investigação sobre as causas da epidemia da actual febre «Denge» na Índia.

Depois de um certo número de «biólogos» norte-americanos terem sido expulsos da Índia, as experiências com mosquitos portadores de graves doenças activaram-se no Paquistão, cujo «Centro de Saúde» em Lahore está directamente subordinado (segundo a agência noticiosa Central News Service) ao Pentágono.

O bem informado semanário «Blitz» salienta que as experiências com mosquitos são efectuadas sob a direcção dos peritos norte-americanos de um serviço americano especializado em bacteriologia, que é uma subdivisão do Pentágono para a guerra bacteriológica e biológica.

Terminou a ocupação do Consulado turco em Colónia

O caso da tomada de reféns no consulado geral da Turquia em Colónia terminou às primeiras horas da manhã de hoje, sem efusão de sangue, com a rendição dos nove membros do «comando» de esquerda turcos e a libertação dos treze reféns que ainda se encontravam retidos.

Dezasseis horas depois do ataque, em pleno dia, do consulado geral, situado numa das principais artérias comerciais de Colónia, os nove membros do «comando» que se reclamavam do «Devrimci Sol» (esquerda revolucionária), renderam-se à polícia, depois de terem obtido a garantia de poder pedir asilo político na RFA.

Pelo contrário, a polícia tinha recusado dar salvo-conduto aos sequestradores e publicar um manifesto político denunciando o regime militar turco.

Os treze reféns — todos de nacionalidade turca — que se encontravam aida no interior do consulado, deixaram o edifício acompanhados pelos seus sequestradores e foram transferidos para a sede central da polícia, para serem interrogados. O caso, que manteve na expectativa a RFA e a comunidade turca, que conta 1,4 milhões de pessoas, começou às 09.50 tmG de ontem.

Os nove membros do «co-

mando» mascarados e armados com pistolas, forçaram as portas do consulado, disparando para o ar provocando o pânico entre os visitantes e o pessoal do consulado, cerca de 30 pessoas.

Cinco pessoas ficaram ligeiramente feridas por bocados de vidro, enquanto um certo número de visitantes aproveitava a confusão para fugir.

Os sequestradores libertam cerca de quarenta pessoas e entre as quais se encontram numerosas mulheres e várias crianças. Depois colocam uma grande bandeira de tecido vermelho na fachada do consulado, com a inscrição: «solidariedade com o combate de libertação do povo turco».

Através de altifalantes, os sequestradores pedem para falar com o embaixador turco na RFA, cujo posto se encontra actualmente vago.

Manifestamente, o seu principal objectivo é o de chamar a atenção da opinião pública alemã-federal e mundial para o regime militar na Turquia e o novo projecto de constituição, que será submetido no próximo domingo aos cidadãos turcos.

A longa negociação entre os membros do «comando», a polícia de Colónia e um diplomata turco, permitiu ao fim da tarde, a libertação sucessiva de quinze reféns, em pequenos grupos.

EUA: maioria votou pelo congelamento das armas nucleares

Os norte-americanos votaram maioritariamente a favor do congelamento das armas nucleares afirmam em Washington os comentaristas políticos ao analisarem as eleições da passada terça-feira.

A proposta de congelamento apresentada em oito estados norte-americanos e 24 cidades, apenas com pequenas diferenças de redacção, exorta a administração Reagan a empreender negociações imediatas com a União Soviética.

A cadeia de televisão CBS noticiou hoje que 55 por cento dos membros da nova Câmara de Representantes dos Estados Unidos é favorável à resolução de congelamento.

A propósito, comentou que este facto, a par do voto popular, exercerá sobre a administração Reagan uma pressão difícil de superar.

Em Agosto, uma resolução deste tipo foi rejeitada na referida Câmara por 204 votos contra e 202 a favor, mas o esforço da maioria democrata leva a crer que futuras iniciativas obtenham facilmente os votos necessários.

Os observadores consideram que o sentimento dos norte-americanos face ao imenso gasto em despesas militares é

de que ele em nada contribui para a pacificação do mundo.

Ao votarem favoravelmente o congelamento, os eleitores dos Estados Unidos disseram sim a programas educativos, sociais de relançamento económico, concluem os analistas políticos.

O único Estado cujos habitantes votaram negativamente a proposta foi o Arizona, precisamente uma das zonas próximas dos locais de experiências nucleares.

Os eleitores norte-americanos, além de elegerem governadores, legisladores e autoridades locais, e se pronunciarem favoravelmente ao congelamento nuclear, votaram também sobre numerosas questões específicas dos respectivos Estados.

Os votantes que acorreram às mesas tiveram oportunidade de decidirem acerca de 52 iniciativas, um recorde desde 1932, pois nesta data o número de propostas ascendeu a 61.

Em referendos estaduais, os habitantes da Califórnia rejeitaram, por uma margem superior a 30 por cento uma proposta para limitar a venda de armas e controlar rigidamente a posse destas.

Em Massachusetts, foi apro-

vada, por 59 contra 41 por cento, uma emenda à constituição deste Estado para legalizar a pena de morte.

Os habitantes de Portland, no estado de Oregon, aprovaram por maioria esmagadora uma resolução em que se pede ao governo norte-americano que suspenda a sua ajuda militar ao governo de El Salvador.

Comentando as eleições, o senador democrata Edward Kennedy e o ex-vice-presidente dos Estados Unidos, Walter Mondale, afirmaram ontem que «o país quer alterar o rumo» de uma política económica da administração que, afirmou, «não funciona».

«Os escrutínios demonstram que o país deseja uma alternativa económica e responsabilizam os governantes do nosso país» — disse Kennedy, que foi reeleito, por maioria esmagadora, para o Senado, pelo Estado do Massachusetts.

Kennedy evitou confirmar ou desmentir que tencione apresentar-se às eleições presidenciais de 1984, especificando, contudo, que a resposta dos eleitores do seu Estado era «reflexo de uma preocupação, não só pela economia, como também

por outros temas como o congelamento nuclear, que defendi em toda a minha campanha».

Comentário da TASS

Os eleitores americanos responderam à política económica de Reagan com «um voto de desconfiança», afirma a agência soviética TASS.

O escrutínio das legislativas americanas saiu-lhes, com efeito, para o Partido Republicano, pela perda de 20 lugares na Câmara dos Representantes — faz notar a TASS.

E isto, apesar dos «fundos recorde» investidos na campanha e da participação pessoal do presidente.

Estas eleições, acentua ainda a TASS, assumiram o aspecto de um «referendo nacional» que permitiu a milhões de americanos oporem um «não categórico» à política económica de Reagan.

Os resultados

Vinte e quatro horas depois de encerradas as mesas eleitorais, ainda não eram conhecidos os resultados finais oficiais das eleições.

Invasão da Nicarágua em preparação

O Governo de Manágua denunciou ontem uma conjunção de actividades dos grupos anti-sandinistas e afirmou «estar a preparar-se» uma invasão da Nicarágua para o mês em curso ou para Dezembro.

A invasão, segundo as autoridades sandinistas, teria a cumplicidade de militares norte-americanos, argentinos e hondurenhos.

O chefe dos organismos de segurança da Nicarágua, Lenin Cerna, numa exposição feita no Ministério do Interior em Manágua, pormenorizou «os planos de destruição da revolução sandinista».

Segundo aquele dirigente, o incremento de acções militares contra a Nicarágua coincide com reuniões havidas nos últimos dias entre o chefe das Forças Armadas das Honduras, general



Uma revolução na mira do imperialismo

Gustavo Alvarez e o embaixador dos Estados Unidos naquele país, John Negroponte.

Lenin Cerna afirmou que, nos últimos meses, entre 3000 e 5000 ex-guardas somozistas receberam «armamento moderno», além de milhares de indios Miskitos, liderados pelo dirigente anti-sandinista Stedman Fagoth, terem igualmente sido armados.

Os órgãos de segurança do Estado da Nicarágua possuem informações de que grupos anti-sandinistas vão desenvolver «operações de grande envergadura», a fim de ocuparem uma zona do território ao longo da costa atlântica do país.

Lenin Cerna disse serem objectivos das forças anti-sandinistas a sabotagem da rede de energia do país, o assassinio de dirigentes revolucionários e as provocações para levar a confrontos com o Exército das Honduras.

O dirigente militar sandinista sublinhou que o armamento acelerado dos grupos antigovernamentais coincide com a próxima realização de manobras militares conjuntas dos Exércitos dos Estados Unidos e das Honduras, as de maior envergadura até hoje realizadas na América

Central e que terão o nome de código «Halcon Vista».

Entre os líderes dos grupos antigovernamentais, Cerna referiu Alfonso Robelo, ex-membro da Junta de Governo da Nicarágua, e Eden Pastora, que classificou de «traidor» que foi vice-ministro da Defesa e chefe as milícias e também é conhecido por Comandante Zero».

Estas afirmações são notoriamente coincidentes com artigos da própria imprensa norte-americana, nomeadamente da revista «Newsweek», que no seu último número denuncia, em reportagem exclusiva, os «preparativos».

Soube-se ao mesmo tempo que Fernando Chamorro e Juan Zavala, opositores do Governo da Nicarágua, foram detidos quando transportavam armas, disse uma fonte do Organismo de Investigação Judicial da vizinha Costa Rica.

Os dois anti-sandinistas foram interceptados na auto-estrada que liga São José com o Norte da Costa Rica.

Além das armas, no veículo interceptado encontrava-se um mapa da província fronteiriça de Guanacaste, no qual estavam assinalados pontos que poderiam ser os acampamentos dos contra-revolucionários.

Guerra d

Violentos no Norte d

Travaram-se ontem violentos combates entre forças iranianas e iraquianas no Norte do Cuzistão, na sequência da nova ofensiva iranianas, «Moharam», lançada na passada segunda-feira com o objectivo de controlar uma larga faixa fronteiriça na região de Ein Khosh, ocupada pelas tropas de Bagdade.

Segundo um comunicado militar iraniano, transmitido pela Televisão, os combates já fizeram desde segunda-feira cerca de 2600 mortos e feridos entre as tropas iraquianas, que também sofreram 1450 prisioneiros no sector sul da frente. Mais para norte, segundo o mesmo comu-

Cimeira dia 23 e

As sessões da décima nona cimeira da Organização de Unidade Africana serão reatadas entre 23 e 26 de Novembro em Trípoli — foi ontem anunciado pela sede permanente da OUA, em Adis Abeba.

A reunião dos chefes de Estado africanos será precedida por uma conferência ministerial preparatória, a realizar na capital da Líbia, entre 15 e 21 do mês em curso — acrescenta o comunicado da OUA.

O anúncio oficial da OUA surge quatro dias depois de a Frente Polisário ter comunicado que a República Árabe Saraui Democrática (RASD) tinha renunciado «voluntariamente e provisoriamente» a estar presente na reunião de Trípoli.

A presença da RASD, em Agosto passado, em Trípoli, levou à suspensão da reunião, por falta de «quorum», dado o boicote de 19 membros da organização encabeçados por Marrocos.

A RASD foi admitida na OUA em Fevereiro passado, como quinquagésimo primeiro membro, apesar da oposição de 19 Estados.

Memorial do Convento

um novo romance de

José Saramago

A sessão de lançamento deste novo livro de José Saramago realiza-se hoje, dia 4 de Novembro, quinta-feira, às 21.15 horas, no Teatro da Comuna (à Praça de Espanha).

José Saramago apresentará o **Memorial do Convento**; o Teatro da Comuna apresentará o seu espectáculo **Não Fui Eu. Foram Eles**.

Entrada livre



editorial CAMINHO

Collecção "O CAMPO DA PALAVRA"

lamento

O território dos EUA não ficará imune a uma guerra nuclear

Entretanto, os resultados provisórios são os seguintes:

Senado: 33 lugares em jogo (19 democratas e 14 republicanos); eleitos: 20 democratas e 13 republicanos; Restantes em exercício: 26 democratas e 41 republicanos; Composição definitiva: 46 democratas e 54 republicanos.

Câmara dos Representantes: 435 lugares.

Democratas: 268 (27 mais que na anterior legislatura).

Republicanos: 165.

Governos dos Estados: 36 cargos (20 democratas e 16 republicanos).

Democratas: eleitos, 27, mais sete em exercício (total de 34).

Republicanos: eleitos 9, mais sete em exercício (total de 16).

Entretanto, num comunicado, o Departamento de Estado salientou, que o presidente Reagan «partilha das preocupações dos eleitores quanto aos perigos das armas nucleares, mas mantém-se convicto de que um congelamento destas armas ao seu nível actual jogaria a favor do avanço militar de que goza a URSS».

Significa isto que a administração não está disposta a seguir o rumo que a opinião pública deseja.

do Golfo

Os combates do Cuzistão

nicado, foram repelidos dois contra-ataques iraquianos.

Segundo Teerão, cinco aviões iraquianos foram abatidos durante o dia de ontem, o que Bagdade desmentiu imediatamente.

Do lado iraquiano, um porta-voz militar citado pela agência INA, recebida em Manama, afirmou que as tropas iranianas estão «cercadas» e a sofrer ataques repetidos dos caças bombardeiros e helicópteros iraquianos.

Os iranianos sofreram pesadas baixas, acrescentou o porta-voz sem contudo dar qualquer precisão numérica.

a da OUA em Tripoli

Conferência de peritos

Uma conferência internacional de peritos dos países africanos, com a participação de representantes de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, República de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, terminou ontem os seus trabalhos em Luanda.

Questões relativas ao reforço da cooperação e da coordenação das actividades nos domínios da organização do trabalho e do desenvolvimento da segurança social estiveram na ordem do dia.

Os conferencistas manifestaram-se unanimemente solidários com todas as forças progressistas do mundo que lutam contra o imperialismo, o colonialismo, o racismo e o «apartheid», diz-se no documento aprovado e condenaram energeticamente a política militarista dos racistas da África do Sul, que não cessam as suas manobras agressivas contra os Estados da «Linha da Frente». Os delegados à conferência exigiram a imediata retirada das tropas de Pretória das províncias meridionais de Angola, ilegalmente ocupadas desde Agosto de 1981.

Novo aviso da URSS

A URSS tomará medidas «de ordem política e militar» em caso de instalação dos mísseis da NATO, em fins de 1983 na Europa, afirmou ontem o general Konstantin Mikhailov, conselheiro do Ministério da Defesa soviético.

Em entrevista ao jornal alemão ocidental «Frankfurter Rundschau», o general soviético considerou que os Pershing II e os mísseis de Cruzeiro são «armas estratégicas cuja implantação modificaria o equilíbrio militar em proveito dos Estados Unidos e da NATO». Seguir-se-ia, acrescentou, uma «desestabilização da situação política» à qual a URSS «responderá no domínio militar e político, e as consequências serão muito pesadas», acrescentou o general Mikhailov.

Os soviéticos «serão obrigados a considerar o território europeu como alvo de uma resposta», afirmou o general soviético. Acusando os Estados Unidos de quererem tornar a Europa em refém, o general acrescentou: «Um conflito nuclear não pode ser limitado e os Estados Unidos também seriam visados».

O responsável militar soviético confirmou que a URSS não utilizará em primeiro lugar as armas nucleares, mas acrescentou que «não permanecerá indiferente em caso de agressão» contra países do Pacto de Varsóvia. «Não combateremos apenas em defesa da União Soviética mas também pela dos nossos aliados», sublinhou.

Por outro lado, o general Mikhailov confirmou que os SS-20 estão apontados contra alvos nucleares da NATO, contra os submarinos atômicos e bases de mísseis. À questão de saber se isso não torna esse míssil numa arma de primeiro ataque, o alto responsável respondeu que «isso pode conceber-se no âmbito militar, mas que não é exacto num ponto de vista político».

Por fim, referindo-se às negociações americano-soviéticas de Genebra sobre os mísseis de médio alcance, o general considerou que «não há motivos para optimismo».

«O síndrome do Vietname»

Os Estados Unidos estão a recuperar do síndrome da guerra do Vietname e estão dispostos a «fazer tudo o que puderem» para contrariar qualquer ameaça comunista contra os seus aliados do Sueste Asiático, afirmou em Banguecoque Caspar Weinberger, numa conferência de imprensa antes da sua partida para Jacarta.

Weinberger, primeiro secretário da Defesa americano a visitar a Tailândia desde a retirada americana do Vietname, há sete anos, declarou que o Governo americano dá prioridade a uma região onde, afirmou, Moscovo tenta estender a sua influência.

Segundo Weinberger, o Congresso está «totalmente desajustado» de autorizar um empenho militar mais importante dos Estados Unidos nessa região. Os

aliados dos Estados Unidos devem agora especificar quais as suas necessidades militares, acrescentou o secretário da Defesa, precisando que esses países já pediram um aumento da actividade «naval e aérea» americana.

Bona: mais apoio à NATO

O novo Governo alemão federal decidiu aumentar a sua contribuição financeira ao programa de infra-estrutura da NATO — anuncia o diário «Frankfurter Allgemeine».

Deste modo, o Governo de coligação democrata-cristão-liberal presidido pelo novo chanceler Helmut Kohl, cumpre os compromissos assumidos pelo anterior gabinete social-democrata de Helmut Schmidt e que não poderam ser cumpridos por falta de fundos.

De acordo com os novos planos, Bona dedicará àquele sector da defesa um total de 140 milhões de dólares, distribuídos em quatro prazos anuais, a partir de 1984.

O programa de infra-estrutura da NATO permitirá aos Estados Unidos, em caso de crise, aumentar de seis para dez as suas divisões na Europa e elevar para 800 o número dos seus aviões, tudo isto num prazo de dez dias.

O «Frankfurter Allgemeine» considera que a resistência do anterior Governo em cumprir os seus compromissos financeiros causou consternação entre os dirigentes políticos de Washington.

EUA- Europa Ocidental

“Guerra do gasoduto” prestes a findar

O presidente do Conselho italiano, Giovanni Spadolini, anunciou ontem, em Washington, que os Estados Unidos tinham preparado uma nova «fórmula» destinada a resolver o diferendo entre os aliados, a propósito do gasoduto euro-siberiano.

No final de uma reunião com o presidente Ronald Reagan, Spadolini comentou que «os Estados Unidos deram um novo passo em frente».

A proposta americana será apresentada na próxima 4.ª feira à noite aos embaixadores em Washington dos países europeus atingidos pelas sanções americanas sobre os equipamentos destinados à construção do gasoduto.

O presidente do Conselho italiano acrescentou que iria «muito em breve» a Paris, a fim de apresentar a posição italiana sobre esta questão ao presidente François Mitterrand.

Spadolini comentou que uma solução para este conflito estava «para muito breve», indicando que se encontrava em Washington como «intérprete das inquietudes europeias».

Spadolini enunciou quatro condições para se conseguir um consenso global «absolutamente necessário» sobre o comércio Leste-Occidente, permitindo a anulação das sanções americanas contra as firmas europeias afectadas pelo embargo de Washington.

Essas quatro condições são: Nenhuma oferta à URSS em matéria de créditos; um maior rigor no domínio das transferências de alta tecnologia;ção de um dispositivo de «segurança» que permita reduzir a dependência ocidental em matérias-primas e energéticas soviéticas. Os contratos já assinados devem ser honrados.

Por seu lado, o governo alemão federal aguarda com certeza nos próximos dias ou nas próximas semanas uma solução para o diferendo com os Estados Unidos, a propósito das sanções económicas contra os países do Leste.

IS não conseguiu resolução sobre o Líbano

A complexa situação no Líbano e a crise económica internacional preencheram o primeiro dia da reunião da Internacional Socialista que ontem se iniciou na cidade suíça de Basileia.

Mário Soares e Jaques Hutzinger, encarregado das relações exteriores do PS francês, apresentaram aos delegados um relatório-síntese sobre a situação libanesa. Falando aos jornalistas, o dirigente socialista português, que chefiou uma missão da IS que no passado mês de Agosto visitou Beirute, mostrou-se pouco optimista em

relação à aprovação de um projecto de resolução comum sobre o Líbano.

Observadores salientam a ausência dos dirigentes austríaco, chanceler Bruno Kreisky, como demonstração da sua oposição à presença nos trabalhos do Partido Trabalhista de Israel, de

Shimon Peres. Por outro lado, a presença em Basileia de um representante do Partido Progressista Libanês de Walid Jumblatt, não facilitará o diálogo entre os vários delegados presentes.

As respostas socialistas face à crise económica mundial e ao tema do desarmamento, especialmente caro aos socialistas-democratas nórdicos, foi o tema central da intervenção do primeiro-secretário do Partido Socialista Francês, Lionel Jos-



Visita papal a Espanha

Quinto dia consagrado a Guadalupe e Toledo

Depois de dois dias — terça e quarta-feira — passados na capital espanhola, o Papa João Paulo II volta hoje — no quinto dia da sua visita a Espanha — a agarrar no bordão de peregrino e retoma o caminho da província.

O Soberano Pontífice deixou a nunciatura, a sua residência madrilenha, às 06H30 tmG, para chegar, uma hora mais tarde, ao santuário da Virgem de Guadalupe, importante local religioso situado no coração da Estremadura, 200 km a sudoeste de Madrid.

João Paulo II foi aí recebido pelo cardeal primaz de Espanha mons. Marcelo Gonzalez, e pelos franciscanos desse mosteiro onde a Virgem de Guadalupe, baptizada «rainha da humanidade» e venerada a esse título em toda a América Latina — chama os peregrinos desde a Idade Média. Muito conhecida na Polónia, a Virgem de Guadalupe, de rosto moreno, parece-se por outro lado com a Virgem Negra de Czesochowa.

Na segunda etapa dessa jornada, a festa de São Carlos de Borromeu, que deu o nome ao papa Karol Wojtyla, esteve em Toledo, antiga cidade à beira do Tejo e cadinho das culturas muçulmanas, judia e cristã, onde celebrou uma missa.

Na parte da tarde — e antes de

regressar a Madrid para aí passar a noite — o soberano Pontífice deslocou-se a Segóvia, onde pronunciou uma homilia e se inclinou perante o sepulcro de São João da Cruz, contemporâneo e confessor de Santa Teresa de Ávila. O Papa polaco, é autor de uma tese sobre este santo.

Durante os dois dias que acaba de passar em Madrid, o Papa avistou-se com o rei Juan Carlos e encontrou-se com as autoridades políticas e militares do país, com diplomatas, com jornalistas e com intelectuais, antes de ir officiar uma missa numa zona periférica operária.

Os pontos fortes das últimas 48 horas foram os dois discursos pronunciados pelo Papa na terça-feira — um dirigido à classe política espanhola para a incitar à tolerância e à concórdia e o outro em direcção aos fiéis, para lhes recordar que a Igreja católica continua firmemente oposta ao divórcio e ao aborto. Outros grandes factos do Papa: os espectaculares ajuntamentos de massas que mobilizaram, primeiramente, um milhão de madrilenos, na principal artéria da cidade, e, depois, 300 000 jovens no interior e nas redondezas do Estádio Santiago Bernabéu, onde no Verão passado se disputou a final do Mundial de Futebol.

Líbano

Gemayel reunido com cristãos e drusos

Efectua-se hoje no palácio presidencial de Baabda, um encontro entre altos dirigentes drusos e cristãos da montanha do Chuf, do Leste libanês, encontro esse que contará com a presença do presidente libanês Amine Gemayel.

A reunião foi convocada após os violentos recontros entre as milícias cristãs e os drusos, no Chuf, onde se registaram duas dezenas de mortos na terça-feira e outras cinco mortes, na quarta-feira.

Do lado cristão estão presentes Camille Chamoun, antigo presidente da República e actual presidente da Frente Libanesa (coligação dos partidos cristãos conservadores) e Pierre Gemayel, chefe do Partido das Falanges, do lado druso, estão presentes Walid Jumblatt, chefe do Partido Socialista Progressista, o Emir Majid Arslane, notável druso, bem como um dirigente religioso, o xeque Fadalallah Talhouk.

Serão estudadas, no encontro, várias propostas tendentes a diminuir os recontros entre as diferentes comunidades, salientando-se a assinatura, por ambas as partes, de uma «Carta de Honra» que preserve a coexistência das diversas comunidades do Chuf.

Entretanto serão necessários 18 meses para a reorganização, reequipamento e aumento de efectivos do exército libanês, de modo a que este se torne operacional em todo o território do Líbano, segundo afirma um relatório militar citado pela agência noticiosa libanesa «Al Markaziya».

O relatório foi elaborado a pedido das autoridades políticas do país, acrescentou a agência.

Por último, as milícias do comandante libanês dissidente Saad Haddad (aliado de Israel) começaram, recentemente, a impor taxas de todas as espécies à população do Líbano-Sul, segundo informam os correspondentes de imprensa locais.

Segundo a imprensa libanesa, a imposição dessas taxas atinge vários sectores da actividade económica: portos de Saída e de Tiro, operações de registo de automóveis e operações imobiliárias. No que respeita aos portos, os milicianos de Haddad impõem uma taxa de 400 libras libanesas (cerca de 100 dólares) por cada navio que neles faça operações de descarga ou de embarque.

Os libaneses que se recusam a aceitar estas taxas deparam com diversas dificuldades, nomeadamente nas suas obrigações de carácter administrativo.

DESPORTO

Taca dos Campeões: Sporting, 0-CSKA, 0

Fel e mel

Fica combinado, Sporting: outra que me façam e apago por aí o maçarico.

É que, amigos, mesmo o espectador mais neutral, mais desapaixonado, mais distante daquela coisinha louca que é o rodopiar quase incessante e indomesticável de uma esferinha de couro tocada habilidosamente por artistas do século vinte, acabou por ficar assim: coraçãozinho como uma avelã, perninhas com tremedeira, cefaleias, náuseas, como se estivesse à beira de um precipício e não tivesse força para recuar um passo.

Escreve quem palmilhou terras do demo ou círculos de sol e luz vendo futebol, carregando na bagagem sonhos amortecidos com tristezas mas, quase sempre, resistindo incólume ao assalto de golos, para já não dizer coisa pior, como costuma ser o descarregar da frustração de uma fatia de plateia sempre que a cor favorita é tocada pela azarina do árbitro ou pelo disparo mal calibrado que só chega fácil e possível e irresistível quando é do outro parceiro e dói como facada. Pois, leitor, à palavra de quem sou: só mamã estrepante esperando um filho deve sofrer deste jeito.

Foi um longo rosário de baques de coração: Primeiro, porque o Sporting jogava lindamente mas não fazia golinho. Depois, porque em cada momento que os rapazes búlgaros (a quem muito respeitosamente tiramos o nosso chapéu) vinham por ali abaixo, libidinosos e concupiscentes como velhaca de alcova ou velozes e relampejantes tais corcéis das estepes, era cá um destes sustos que ainda estamos a Coramina.

Não deve haver, por entre estas cercanias que nos separam da fogosa Espanha, quem não saiba como a coisa se passou: os «leões» sempre procurando acautelar a defesa, fazendo o joguinho defensivo que se impunha e brilhando cintilantemente graças a um quarteto que chegou a impressionar e a pedir bis. Falamos, logicamente, da infernal cadeia de solidariedade criada por Venâncio e Zezinho, José Eduardo e Mário Jorge. À frente de Meszaros. Quatro mocetões que, se tiverem vida e saúde, ainda um dia vão surgir juntos no grupinho dos maiores cá da loja. Mas, desculpem se me perco no rumo, a malta lá da frente é que estava mais desastrada que quando fez o primeiro

exame. Figuras de impressionante gabarito (perdoem a sinceridade) não podem falhar torrentes de livres marcados ingénua e infantilmente, remates à boca da baliza que não admitem desculpa para fracasso, especialmente se a turma está atirada para a frente e quer galgar pela Europa.

Essa foi a incongruência: uma defesa linda e um ataque de susto. De tal modo o peso caiu todo sobre o tal redutozinho cá de trás que, às quinhentas, sabe-se como foi: cada um ao seu e todos ao mesmo, tática e técnica às urtigas, salve-se quem puder, a bola que vá à Alameda que o patrão manda que se destrua, não admite que se recue. E aconteceu o tal período de desnorte espantoso, que culminaria com a bolinha a demorar uma eternidade até conseguir fugir do saco, estavam para aí uns setenta mil a encolherem a baliza com o olhar e muitas outras centenas de milhares de transistor colado ao ouvido, a prepararem-se para a marcha fúnebre, para o baixar das baionetas.

É por isso que eu digo: não contem mais comigo, se é para depois ficar de cama, a pão e laranjas. Ainda quero estar aqui para as curvas e ninguém me paga para morrer fora do meu posto. Melhor dizendo: bem lá dentro, mas depois de passar pelo braseiro da fogueira inquisitorial.

Neves de Sousa

Árbitro: Jan Keizer (Holanda).

SPORTING: Meszaros; Zezinho, José Eduardo, Venâncio e Mário Jorge; Xavier, Nogueira, Oliveira e Lito; Manuel Fernandes e Jordão. A 10 minutos do fim, Manuel Fernandes cedeu o seu lugar a Uchoa.

CSKA: Velinov, Tintchev, Bezinski, Iliev, Bogomilov, e Iedrakov; Jontchev Slavkov e Alexanokov; Dievzove Mladenov. No começo do segundo tempo, Kerinov, entrou para o lugar de Joritchev e (aos 79 minutos) Mladenov substituiu Bogomilov.

Cartão amarelo para Dievzov, por ter afastado a bola para longe depois de o árbitro: haver assinalado uma falta.

Por obra e graça do santo poste...

Por obra e graça do santo poste, o Sporting guindou-se ontem pela primeira vez no seu historial aos quartos-de-final da Taca dos Campeões Europeus. Santo poste que, assim por alto, fará amearhar aos «verdes» a linda soma de 20 mil contintos...

Confirma-se: Deus escreve direito por linhas tortas. Quando ontem, em período de aquecimento, a equipa búlgara treinava o seu guarda-redes, por duas vezes, quase consecutivas, a bola embateu estrondosamente na trave. Perto de mim, alguém murmurou: «Oxalá lhes aconteça sempre o mesmo...»

Aconteceu: precisamente a três minutos do fim, um avançado búlgaro enviava a bola ao poste. Alvalade, a necessitar desde o início da 2.ª parte de doses intensas de coramina, respirava fundo, começava a acreditar que o sonho era possível.

E o sonho aconteceu: o Sporting está nos quartos-de-final da Taca dos Campeões Europeus. Mas de que maneira...

No início tudo parecia simples. Os «leões», como corcéis à solta, caracoleavam no terreno em triangulações primorosas, em investidas rápidas contra o último reduto do CSKA de Sófia. A juventude (Venâncio, José Eduardo, Mário Jorge) e um mouro de trabalho (Nogueira) colocavam os corações ao alto de milhares de portugueses.

Com o decorrer do tempo, porém, a angústia e o medo instalavam-se progressiva-

mente: Manuel Fernandes não acertava uma, «génio» Oliveira estava em noite «não», Lito repetia floreios inúteis e um contra-ataque búlgaro podia impedir a progressão da saga verde na Taca dos Campeões.

Da cavalcada fantástica da primeira parte, passou-se progressivamente para a resistência heróica da segunda. Perante a ameaça búlgara, o Sporting remeteu-se à defesa. Quantas vezes na área leonina a solução foi o meia bola e força para salvar situações cada vez mais constantes.

Angústia, medo, tensão inundavam o estádio. De tal maneira que, uma vez o apito final, Alvalade ficava queto e mudo durante breves segundos. Os olhos, talvez o coração, não ousavam acreditar. Mas é verdade senhores: o Sporting passou a eliminatória, prepara-se para embolsar, na seguinte, uns 20 mil contintos pelo menos e, de mãos dadas com o Benfica, escreveu mais uma página de ouro na História do futebol nacional.

Os búlgaros, esses, arredados da rota do sonho, devem pensar para com os seus botões: Sporting? São verdes, não prestam...

Manuel Anta

Taca UEFA: Lokeren, 1-Benfica, 2

Eriksson: o filho querido da vitória

O jugoslavo Zoran Filipovic, ao marcar dois golos, foi o grande obreiro da vitória do Benfica sobre o Lokeren no jogo da segunda «mão» da segunda eliminatória da Taca UEFA. O Benfica, que há duas semanas vencera no Estádio da Luz (por 2-0), passou à eliminatória seguinte com um total de 4-1.

Depois de uma primeira parte que o Lokeren terminou a vencer por 1-0, mercê de uma maior acutilância no ataque, o Benfica «despertou» vindo a infligir a primeira derrota aos belgas, no seu terreno, em competições europeias.

Esta vitória, além de ter proporcionado a passagem à eliminatória seguinte, manteve a invencibilidade dos benfiquistas desde que o sueco Eriksson tomou nas suas mãos a direcção da equipa.

Os belgas do Lokeren adiantaram-se no marcador (aos 8 minutos) com um golo de Van Der Gijp, na sequência de uma jogada rápida na qual os jogado-

res do Benfica reclamaram falta sem serem atendidos pelo árbitro.

Na 2.ª parte, a equipa portuguesa agigantou-se, e depois do golo do empate obtido por Filipovic (aos 57 minutos), acreditou no êxito e veio a surgir com outro golo do jugoslavo, obtido aos 65 minutos.

Sob arbitragem do checoslovaco Dusan Krehnack, que mostrou o cartão amarelo aos benfiquistas Carlos Manuel (38) e Alberto Bastos Lopes (67) e ao belga Telmie (56) as equipas alinharam:

Lokeren: Hoogenboom; Dobias, Telmie (Christoffe 67) De Schryver e Vancouter; Verheyen, Gudjohensen e Mommens; Somers, Van Der Gijp e Larsen.

Benfica: Bento; Pietra, Humberto Coelho, António Bastos Lopes e Veloso; Carlos Manuel (Diamantino 71), Alves, Alberto Bastos Lopes, e Chalana; Nenê e Filipovic (César 74).



Benfica: Alves e António Bastos Lopes cercam Vancouter

Portugal entre os 15 da roda uefeira

Portugal é um dos 15 países com equipas nas competições europeias de futebol, depois de concluída a 2.ª eliminatória das três provas.

O Sporting e o Benfica sobreviveram (respectivamente) na Taca dos Campeões e na Taca UEFA, enquanto o FC

Porto foi eliminado desta última prova, juntando-se ao Sporting de Braga, afastado na pré-eliminatória da Taca das Taças.

Apenas três países (Alemanha Federal, Espanha e Itália) estão representados nas três frentes, enquanto Portugal e mais cinco países (Inglaterra, França, URSS, Bélgica e Escócia) têm dois clubes em prova. Com apenas um representante figuram a Polónia, Áustria, Jugoslávia, Checoslováquia, Roménia e Suíça. A Polónia (porém) poderá aumentar hoje a lista dos países presentes, se o seu representante na Taca UEFA, o Slask Wroclaw, afastar o Servette (Suíça). O jogo foi adiado devido ao nevoeiro, e, na 1.ª mão, o Servette venceu por 2-0.

Países com tradições nas competições europeias de clubes (como a Holanda e a Hungria) ficaram privados dos seus representantes, enquanto a Alemanha Federal e

a Espanha, com cinco clubes cada, ocupam posição de destaque no futebol europeu ao nível de clubes.

Campeões

O Sporting qualificou-se pela primeira vez na sua história para os quartos-de-final da «Taca dos Campeões» juntando-se a algumas das mais cotadas formações do continente. Os «leões» igualaram sem golos em Lisboa com o CSKA (Sófia, Bulgária), resultado que deixou esta equipa de fora da prova depois do empate por 2-2 registado há duas semanas na capital búlgara.

As duas equipas inglesas ultrapassaram facilmente os seus adversários: o Liverpool ganhou (terça-feira) por 5-0 ao JK de Helsinquia, rectificando o surpreendente desaire por 0-1 sofrido na primeira «mão» na Finlândia e o Aston Villa confirmou a vitória (2-0) no terreno do Dinamo de Bucareste com um novo triunfo por 4-2.

Fácil foi também a tarefa do Hamburgo, que depois de há duas semanas ter ganho no seu estádio ao Olympiakos (Grécia) por 1-0, foi ao Pireu derrotar os locais por 4-0. A Juventus de Boniek, Platini, Rossi e vários outros elementos da selecção campeã do mundo de futebol impôs-se em Turim por 2-0 ao Standard de Liège, depois de ter empatado (1-1) na deslocação à Bélgica. O Dinamo de Kiev já estava apurado há semanas, depois da anunciada desistência do seu adversário, o Nentori da Albânia. O Widzew Lodz virou o resultado de 1-2 com que regressara há quinze dias da Áustria, vencendo o Rapid por 5-3. O campeão de Espanha, o Real Sociedad de San Sebastian, suportou o impeto do Celtic de Glasgow (antigo vencedor da competição) e saiu de campo com uma derrota por 2-1 suficiente para continuar na prova, já que ganhara na primeira «mão» por 2-0.

Continua na pág. 16

TOTO BOLA a chave

A chave do concurso extraordinário do Totobola é a seguinte:

Sporting - CSKA		X
Juventus - Standard Liège		1
Celtic - Real Sociedad		1
Widzew Lodz - Rapid Viena		1
Barcelona - Estrela Vermelha		1
Inter - AZ		67,1
Ujpest - Real Madrid		2
Bayern - Tottenham		1
Porto - Anderlecht		1
Lokeren - Benfica		2
Banik - Valência		X
Sevilha - Salónica		1
Kaiserslautern - Nápoles		1

DESPORTO

ponça esquerda

Inglêses: os costumes distúrbios

Os futebolistas cuja conduta no campo provoque a reacção do público e estimule as desordens nas bancadas, podem ir para a prisão na Grã-Bretanha, anuncia a Polícia de South Yorkshire. O chefe da Polícia de South Yorkshire (Bob Goslin) esclareceu que os «incendiários» não serão detidos durante o jogo, mas que, uma vez terminado, podem ir para a prisão se tiverem transgredido a lei. O comentário do chefe da Polícia relaciona-se com as cenas de violência ocorridas no último jogo de futebol entre as equipas do Leeds e do Newcastle, em que alguns jogadores foram agredidos pelo público. Bob Goslin declarou que os jogadores que insultam, discutem as decisões do árbitro e provocam o público com gestos, ateam o rastilho que depois origina verdadeiros tumultos nas bancadas.

Peru: desastre destroça equipa

Sete futebolistas de uma equipa distrital peruana morreram e 11 ficaram feridos, vítimas de um acidente de viação — informou a Polícia de Pisco, localidade a 250 quilómetros a sul de Lima. De acordo com as informações policiais, o autocarro que transportava a equipa de futebol chocou de frente com outro veículo, desconhecendo-se as causas do acidente.

Best contra Keagan

George Best, comentando uma recentealusão feita por Kevin Keagan, afirmou à Imprensa britânica: «Keagan não serve, sequer, para atar-me as botas». Keagan tinha-se referido à antiga «estrela» do Manchester United, dizendo que com o seu comportamento fora dos campos prejudicou a imagem do futebol, ao que Best reagiu indignado. «Keagan não tem o direito de me insultar» — disse. «Ele é um bom jogador, mas não se compara a uma estrela» — adiantou.

George Best (36 anos) bem conhecido do público português, disse que tem cerca de uma dúzia de convites para voltar ao futebol profissional.

Futebol: Brasil «torce» pelo mundial

A realização do mundial de futebol-86 nos Estados Unidos seria praticamente apenas um espectáculo para televisão, enquanto que no Brasil contaria com o apoio e o calor de um povo que ama o futebol. Esta afirmação foi feita pelo presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Giulite Coutinho, em análise às possibilidades que o Brasil tem de organizar o mundial-86. Coutinho assinala que não recebeu ainda o documento que especifica as exigências da FIFA para os países que queiram organizar o mundial, o mesmo que foi apresentado à Colômbia, embora acrescente que «existem algumas exigências aceitáveis e outras que não o são. Como por exemplo (disse) obrigar a que se faça uma ligação ferroviária entre o Rio de Janeiro e o sul do Estado limítrofe de Minas Gerais».

O presidente da CBF considerou a rede hoteleira brasileira, assim como os transportes terrestres e aéreos, aeroportos e o sistema de comunicações «com um nível parecido ao dos países mais desenvolvidos do mundo». afirmou que a situação monetária do país não pode servir de argumento para que o mundial não se realize no Brasil. Explicou que, da mesma forma que são organizados «pacotes» para os turistas, que são vendidos no exterior por empresas de turismo, poderiam fazer-se «pacotes» para serem vendidos ao adepto brasileiro e até com um ano de antecipação.

Política metida nisto

A intenção do Brasil organizar o «Mundial» de 1986, em vez da Colômbia, tomou um carácter político devido a eleição, em Dezembro, do novo presidente da Confederação Brasileira de Futebol. Giulite Coutinho, actual titular do organismo, pensa apresentar-se à reeleição, embora os comentadores desportivos admitam que a sua recandidatura está muito prejudicada pela derrota da selecção brasileira no «Mundial» de Espanha.



Lozano partiu os rins a uma defesa que era um passador



Anderlecht: um simples passado ou pouco mais

Taça UEFA: FC Porto, 3-Anderlecht, 2

Belgas: um espanto!

Para quem tinha dúvidas, o jogo de ontem à noite foi esclarecedor. O Anderlecht é de facto uma grande equipa europeia, que pratica um futebol adulto, que dá gosto ver jogar. Dez minutos, se tanto, bastaram para que a grande mole humana que emoldurou as Antas — e foram cerca de 50 mil — se rendesse à evidência. De um lado, o futebol de salão, feito de passes e mais passes que morriam sistematicamente na cabeça ou nos pés da defesa belga. Do outro, o futebol «todo terreno», veloz, objectivo, que confunde e abre fendas. Se a comparação nos é permitida, diremos que o F.C. Porto pareceu-nos um carro pequeno, acanhado, lento, próprio para utilização interna, ao passo, que o Anderlecht deu-nos a sensação de um bólido espaçoso, rápido, adaptado para grandes viagens...

A diferença que existiu e foi de facto notória, em especial no

primeiro tempo, teve como não podia deixar de ser os seus reflexos no desenrolar dos acontecimentos. Com quatro golos no bortal, os belgas, longe de se acomodarem no conforto dessa vantagem, optaram, e muito bem, por garantir a eliminatória, também nas Antas, não fosse o diabo tecê-las. Tendo em vista esse objectivo, os pupillos de Van Himst dispuseram-se num «5x3x2», aparentemente defensivo, sistema que cedo se revelou extremamente eficiente para colmar, por um lado, as tentativas esforçadas dos portistas na área de rigor, e pelo outro, para abrir as portas do contra-ataque em que são mestres.

Contra-ataque que ia dando os seus «frutos» logo aos quatro minutos, não fora a circunstância de ter aparecido Simões a oferecer o peito (e a mão?), mesmo sobre a linha de baliza, impedindo assim que Vercauteren inaugurasse o marcador. Na

verdade, por cada tentativa forçada pelos portistas, respondiam os belgas, mas com mais acutância e menos esforço despendido.

Há outros aspectos do sistema tático do Anderlecht que importará, também, realçar. Um diz respeito ao «pressing» que os belgas utilizaram permanentemente, sobretudo no miolo do terreno, o qual não só baralhou os armadores de jogo portistas, como criou situações embaraçosas para Amaral e companhia. Outro aspecto ainda prende-se com a manobra defensiva do Anderlecht, tendo em vista a criação de situações de fora de jogo. Sempre que o esférico estava no meio-campo do FC Porto, em vias de ser despaçado para a «confusão», os belgas, qual harmónica, movimentavam-se em bloco, deixando três ou quatro jogadores portistas completamente deslocados.

Pelas razões expostas, fácil será deduzir que o Anderlecht foi de facto, um espectáculo e que justificou plenamente a passagem à eliminatória seguinte. A sua supremacia foi mais evidente, como dissemos, no primeiro tempo: vantagem que se traduziu em dois golos sem resposta, a elevar o marcador para 6-0, no conjunto dos dois jogos.

Árbitro: Jan Redelfs (RFA), auxiliado por Klans Cjajus (bancada) e Herbert Eli (arquibancada).

FC Porto: Amaral; João Pinto (Romeu, aos 40 m.), Simões, Eurico e Teixeira; Frasco, Rodolfo, Sousa (Penteado, aos 40 m.) e Costa; Walsh e Gomes.

Anderlecht: Munaron; Hofkens, Peruzovic, Olsen, de Broos e de Croote; Frimann, Coeck (De Greef, aos 84 m.) e Vercauteren; Van Den Bergh (Brylle, aos 49 m.) e Lozano.

Marcadores: Coeck (17 m.), Van Den Bergh (41 m.), Costa (63 m.) e Walsh (67 e 77 m.).

A partir daí, os belgas descansaram e os portistas puderam, finalmente, dar um ar da sua graça.

Pouco antes do intervalo, o técnico António Moraes fez sair João Pinto e Sousa, substituindo-os por Romeu e Penteado. Pretendeu, como diria no final, arriscar tudo por tudo, pois já nada tinha a perder. Esta alteração do figurino postista, aliada a um certo conformismo dos belgas, deu azo a que o período complementar fosse mais emotivo, quicá mais espectacular, pelas situações constantes de apuro junto de ambas as balizas.

A ordem era para atacar e rematar de qualquer maneira e os «azuis e brancos» (com especial destaque para Gomes) cumpriram à risca essa determinação, forçando, conseqüentemente, algumas ocasiões de golo, das quais concretizaram três. Constituiu, por assim dizer, um prémio de consolação para quem tanto remou contra a maré e para os milhares de adeptos postistas que jamais deixaram de incitar a equipa.

De qualquer forma, teremos de considerar que o resultado final não traduz, nem o modo como se desenrolou o jogo, nem a diferença que existiu entre as

Continua na pág. 16

Receita: 11 mil

Sem ter esgotado a lotação, o Estádio das Antas registou, ainda assim, uma «casa» assinalável que rendeu cerca de 11 mil contos. Nada mau, se tivermos em conta que o resultado da 1.ª mão não abria grandes perspectivas...

Quanto a ciclismo

No intervalo do encontro, a nova equipa de ciclismo do FC Porto foi apresentada publicamente, recolhendo para si os grandes aplausos da noite. Uma superequipa, diremos nós, visto que é constituída por nomes so-

nantes como os de Alexandre Ruas, Fernando Fernandes, Luís Vargues, Belmiro Silva, António Fernandes, Benedito Ferreira, Carlos Santos e, ainda, António Alves e Manuel Cunha. O técnico será (como na época transacta) Emídio Pinto, enquanto a nível de dirigentes o destaque vai para Abílio Lemos e Oscar Rocha. Ao contratar os ciclistas acima referidos, o FC Porto pretendeu, conforme fez questão de salientar Jorge Nuno Pinto da Costa, honrar os seus pergaminhos, constituindo um conjunto ao nível do clube.

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO

N.º 62 DE 7 DE NOVEMBRO DE 1982

Clube do Ar: 222 211 111 X111; Diário de Lisboa: 222 21X 221 1111; Diário do Porto: 222 211 11X 1112; O Jornal de Felgueiras: 2XX 211 XX1 111X; O Algarve: 222 21X 111 X112; Ritmo e Amizade: 222 211 111 111X; RDP/Secção Desportiva: 222 2X1 1X1 X11X; RDP/Centro Desporto em Análise: 22X 21X X21 1112; RDP/Tempo Desporto: 222 211 112 1111; Música e Não Só: 222 212 XX1 1112; Ponto de Encontro: X12 X22 21X 1X12; Pátio das Cantigas: X1X 212 11X 11X2; Café com Leite: 222 211 11X 1112; Bola Branca: 2X2 211 XXX 1112; Manhã Manhã: 2X1 21X 21X 1X1X; Cardeal Saraiva: 221 21X 111 2111; Rádio Totobola: 222 211 12X 1112; Correio de Coimbra: 222 21X 11X 111X; Correio do Vouga: 22X 211 121 1112; Ecos do Cacia: 222 X11 121 1112; Eu Sei Tudo: 222 21X 111 1112; Folha do Domingo: 222 21X 121 1111; Jornal da Beira: 22X 211 1X1 1112; Jornal de Sintra: X2X 211 1X1 111X; Jornal Linhas de Elvas: 1X1 211 12X X111; Maria da Fonte: 22X 221 1XX 1112; Notícias de Évora: 2XX 211 1X1 111X; Notícias de Gouveia: 2X1 211 121 1112; Reconquista: 22X 211 1X1 1112; A Voz das Beiras: 222 211 111 1112; Alvo Desportivo: 1X2 2XX 1XX X11X; O Comércio de

Leixões: 22X 21X 1X1 11X2; Estádio 64: 22X 21X 121 XX12; Jornal de Gaia: XX1 21X 1XX 111X; Jornal da Graça: 222 212 X21 2111; Jornal de Notícias: 2X2 211 111 1112; Manchete Desportiva: 222 211 X22 1112; Penalty: 2X2 21X X22 1112; O Primeiro de Janeiro: 222 211 X21 1112; Quadrante Norte: 222 211 111 111X; Rádio Alvo: 111 111 111 1111; Repórter do Dia: 222 211 111 111X; Resenha Desportiva: X22 21X 11X 1112; A Voz dos Ridículos: 22X 1X1 1X1 1112; Jornal o Porto: 22X 211 1X2 1112; Jornal a Voz do Ave: 221 X11 11X 1112; Rádio Placard: 111 111 111 1111.

1. E. PORTALEGRE - SETÚBAL
2. O. DO BAIRRO - RIO AVE
3. VIZELA - AMORA
4. PORTALEGRENSE - GUIMARÃES
5. P. FERREIRA - CHAVES
6. SESIMBRA - BARREIRENSE
7. OLIVEIRENSE - RIO MAIOR
8. NAZARENOS - U. MADEIRA
9. VALDEVEZ - LOUROSA
10. TORRIENSE - OLHANENSE
11. FAMILIÃO - ODIVELAS
12. PENAFIEL - ANADIA
13. GUARDA - A. VISEU

a) - Nos termos do Artº. 14º, do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

R E S U M O B O L A S									
1 X 2					1 X 2 a)				
4	5	38			1	1	10		
4	10	33			1	3	8		
8	13	26			2	3	7		
2	4	41			1	1	10		
44	2	1			10	1	1		
28	15	4			7	4	1		
36	8	3			9	2	1		
20	14	13			5	4	3		
29	14	4			7	4	1		
37	7	3			9	2	1		
44	3	0			11	1	1		
45	2	0			11	1	1		
9	12	26			2	3	7		

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
222 211 111 1112



DESPORTO

Nós entre os olímpicos

A Federação Internacional de Futebol (FIFA) reunida, em Zurique, procedeu a composição dos quatro grupos europeus para as eliminatórias do torneio olímpico de futebol, estando Portugal representado no grupo «D». São os seguintes os países que fazem parte destes grupos.

- Grupo «A»: URSS, Hungria, Bulgária, Turquia e Grécia.
- Grupo «B»: RDA, Polónia, Finlândia, Noruega e Dinamarca;
- Grupo «C»: Jugoslávia, Roménia, Itália, Áustria, Holanda e Liechtenstein.
- Grupo «D»: Portugal, França, Espanha, Bélgica, RFA e Israel.

Aprender trampolim

Nas instalações do Instituto Nacional dos Desportos decorre, em colaboração com a Federação Portuguesa de Ginástica, um Curso de Treinadores de Trampolim, acção que é a primeira no género que se realiza em Portugal: e recorda-se que a especialidade do trampolim é relativamente nova entre nós (apareceu há cerca de quatro anos) motivo que levou os responsáveis a realizar este curso.

A acção encerra hoje e teve como prelector Heinz-Peter Michels (técnico nacional da Alemanha Federal) diplomado em Koln, que se deslocou ao nosso país ao abrigo do «Projecto de Cooperação» existente entre os dois países. Posteriormente, nos dias 6 e 7, este técnico também orientará um «Curso de Juizes de Trampolim», estando envolvidos nestas duas acções cerca

de uma centena de indivíduos, de ambos os sexos. Nos dias 8, 9, 10 e 11, em princípio, Heinz-Peter Michels orientará vários treinos englobando os melhores atletas portugueses na difícil especialidade do trampolim (cama elástica).

Porto: o adeus

Continuação da pág. 15

duas equipas. Em boa verdade, mesmo no período de «ouro» do FC Porto, jamais o Anderlecht pareceu uma equipa inferior ou subjugada.

A arbitragem não foi má, embora em nosso entender tenha pecado por permitir determinados excessos que podiam ter dado mau resultado.

Manuel Neto

Continuação da pág. 14

O Bayern (Alemanha Federal) afastou da «Taça das Taças» o Tottenham (Inglaterra), antigo vencedor da competição, derrotando-o em Munique, por 4-1. A equipa de Rummenigge tinha empatado há duas semanas em Inglaterra (1-1) e integra assim o grupo de oito equipas que discutirá os quartos-de-final da competição, em 2 e 16 de Março de 1983.

As duas mais famosas equipas espanholas continuam na competição: o Real Madrid confirmou (em Budapeste) com uma vitória por 1-0 o triunfo de 3-1 obtido há duas semanas em Madrid e o Barcelona, detentor do troféu, infligiu também segunda derrota ao Estrela Vermelha (2-1, depois de na primeira mão, em Belgrado, ter ganho por 4-2).

O Paris St. Germain tornou-se a primeira equipa da capital francesa a passar aos quartos-de-final de uma competição europeia de futebol ao derrotar o Swansea por 2-0 depois de na primeira «mão», no País de Gales, já ter ganho por 1-0. Um segundo êxito foi também obtido pelo Aberdeen: a vitória por 1-0 no campo do Lech Poznan (Polónia) seguiu-se à de 2-0 obtida em casa há duas semanas.

Quarta-feira uefeira

O Benfica foi uma das três equipas que ganhou fora na segunda mão da segunda eliminatória da Taça UEFA.

Além do Benfica, apenas o Werder Bremen (RFA) e o Spartak de Moscovo, (URSS) ganharam no terreno dos adversários: os alemães federais venceram o Bragge, Suécia, por 6-2 (8-2 nos dois jogos) e os soviéticos bateram o Haarlem, Holanda, por 3-1 (5-1).

O Sevilha (Espanha), o Bordéus (França) e o Colónia (RFA) recuperaram da desvantagem da primeira mão e eliminaram em casa o PAOK, da Grécia (4-0 depois de 0-2), o Hajduk Split, Jugoslávia (4-0 depois de 1-4) e o Glasgow Rangers, Escócia (5-0 depois de 1-2).

O Universitatea Craiova (Roménia) bateu o Shamrock (República da Irlanda) por 3-0, repetindo o 2-0 da primeira mão, enquanto o Sarajevo (Jugoslávia), o Bohemians (Checoslováquia) e o Zurique (Suíça) resolveram tudo na segunda mão (4-0 ao Corvinul, Roménia; 4-0 ao Saint Etienne, França; 1-0 ao Ferencvaros) depois de empates (4-4, 0-0 e 1-1 respectivamente).

O Valência (Espanha) empatou a zero com o Banik na Checoslováquia e garantiu o apuramento graças ao 1-0 da primeira mão e o Dundee United (Escócia) empatou a zero em casa com o Stavanger (Noruega) e passou a eliminatória graças ao triunfo no

campo do adversário, por 3-1.

O Roma, que ganhou o jogo da primeira mão, perdia ao fim do tempo regulamentar por 1-0, com o Norkoping, da Suécia, pelo que foi necessário recorrer a um prolongamento, período durante o qual não se registou alteração no marcador. Os italianos acabaram por vencer através de grandes penalidades (5-3).

O encontro Servette (Suíça)-Slask Wroclaw (Polónia) foi adiado para hoje devido ao nevoeiro. O sorteio dos oitavos de final da competição efectua-se amanhã em Zurique.

Cartaz de resultados uefeiros

● TAÇA DOS CAMPEÕES:

Sporting - CSKA (Bulgária), 0-0; Liverpool (Ing.) - Helsingborg (Sue.), 5-0; Aston Villa (Ing.) - Din. Bucarest (Rom.), 4-2; Celtic (Esc.) - Real Sociedad (Esp.), 2-1; Olympiakos (Gr.) - Hamburgo (RFA), 0-4; Widzew Lodz (Pol.) - Rapid de Viena (Áust.), 5-3; Dinamo Kiev (URSS) - Nentori Tirana (Alb.), (albaneses desistiram); e Juventus (Itál.) - Standard Liège (Bélg.), 2-0. Apurados: Sporting, Liverpool, Aston Villa, Real Sociedad, Hamburgo, Widzew Lodz, Dinamo Kiev e Juventus.

● TAÇA DAS TAÇAS:

Waterschei (Bélg.) - Boldklubben 1893 (Din.), 4-1; Barcelona (Esp.) - Estr. Vermelha (Jug.), 2-1; Inter Milão (Itál.) - AZ 67 Alkmaar (Hol.), 2-0; Lech Poznan (Pol.) - Aberdeen (Esc.), 0-1; Áustria Viena

(Aust.) - Galatasaray (Tur.), 0-1; Paris St.-Germain (Fr.) - Swansea (P. Gales), 2-0; Ujpest Dozsa (Hung.) - Real Madrid (Esp.), 0-1; e Bayern Munique (RFA) - Tottenham (Ing.), 4-1.

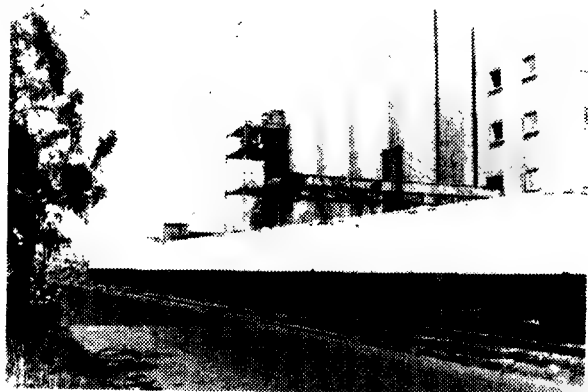
Apurados: Waterschei, Barcelona, Inter, Aberdeen, Áustria de Viena, Paris Saint-Germain, Ujpest Dozsa e Bayern de Munique.

● TAÇA UEFA:

Lokeren (Bélg.) - Benfica, 1-2; FC Porto - Anderlecht (Bélg.), 3-2; Servette (Suí.) - Slask Wroclaw (Pol.), (adiado para hoje); Ike Brage (Sue.) - Werder Bremen (RFA), 2-6; Banik Ostrava (Chec.) - Valência (Esp.), 0-0; Rch Haarlem (Hol.) - Spartak Moscovo (URSS), 1-3; Bohemians Praga (Chec.) - St. Etienne (Fr.), 4-0; Dundee United (Esc.) - Vik Stavanger (Hol.), 0-0; Norkoping (Sue.) - AS Roma (Itália), 3-5; Gir. Bvrdéus (Fr.) - Hajduk Split (Jug.), 4-0; Colónia (RFA) - Glasgow Rangers (Esc.), 5-0; Zurique (Suíça) - Ferencvaros (Hungria), 1-0; Sevilha (Esp.) - PAOK Salónia (Grécia), 4-0; Kaiserslautern (RFA) - Nápoles (Itália), 2-0; Sarajevo (Jug.) - Corvinul (Rom.), 4-0; e Univ. Cracovia (Rom.) - Shamrock Rovers (Irl.), 3-0.

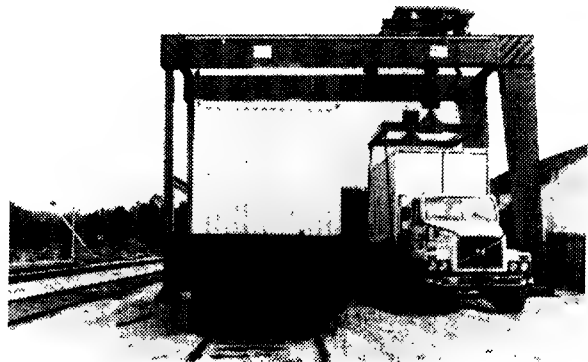
Apurados: Benfica, Anderlecht, Werder Bremen, Valência, Spartak de Moscovo, Bohemians de Praga, Dundee United, Roma, Girondins de Bordéus, Colónia, Zurique, Sevilha, Kaiserslautern e Sarajevo.

Um novo serviço novos horizontes



A CP oferece agora um novo serviço, inédito em Portugal, para abastecimento de cereais. Já em pleno funcionamento, esta nova modalidade tem sido adoptada com pleno êxito pela Fábrica de Rações Valouro, que vê, assim, totalmente resolvidas as suas necessidades quanto ao abastecimento de milho. Essencialmente, trata-se dum comboio completo de 10 vagões, transportando 20 contentores num total de 500 toneladas. São inúmeras as vantagens deste novo serviço. É a grande capacidade de transporte. É o rápido e livre abastecimento nos silos da EPAC. É o trajeto feito durante a noite, livre e desimpedido. É o transbordo ferro-rodoviário à velocidade de 1 contentor por minuto. Pelas suas claras vantagens face às tradicionais formas de abastecimento, este serviço assegurado pela CP abre novas perspectivas verdadeiramente animadoras.

Um novo serviço... novos horizontes.



Comboio, a opção inteligente.

CP/Design



COM INÍCIO NO DIA 4 DE OUTUBRO DE 1982 MAIS UM SERVIÇO EXPRESSO

EXPRESSO COVA DA BEIRA

Entre Fundão e Porto, com o itinerário de: Fundão, Covilhã, Ginjal, Guarda, Celorico da Beira, Fornos de Algodres, Mangualde, Viseu, S. Pedro do Sul, S. João da Madeira e Porto, com a intenção de servir com um transporte rápido e cómodo a zona industrial das Beiras com a cidade do Porto.

HORÁRIO

7.00	FUNDÃO	23.00
7.25	COVILHÃ	22.35
7.50	GINJAL	22.10
8.10/8.15	GUARDA	21.45/21.50
8.45	CELORICO DA BEIRA	21.15
9.00	FORNOS DE ALGODRES	21.00
9.25	MANGUALDE	20.35
9.45/9.55	UISEU	20.05/20.15
10.20	S. PEDRO DO SUL	19.40
12.25	S. JOÃO DA MADEIRA	17.35
13.00	PORTO	17.00

Efectuam-se às 2.ªs, 4.ªs e sextas-feiras



INFORMAÇÕES: LISBOA
CASTELO BRANCO
FUNDÃO
COVILHÃ
GUARDA
VISEU
PORTO

540079/540129 (dias úteis)
Telf. 23380/23471
Telf. 52142
Telf. 22170
Telf. 22720
Telf. 22822
Telf. 321459

PARA MAIS INFORMAÇÕES CONSULTE AS AGÊNCIAS E FILIAIS RN.



Cascais à vista

José Duarte

«Canto mal mas, em compensação, tenho uma voz péssima»

Vasco Santana

É hoje o dia de retomar, a colaboração regular nas colunas deste jornal. Desde Junho de 1960 que textos meus aqui têm sido publicados, com frequência por vezes sacudida e sincopada, como aliás tão bem convêm aos sons que abordam.

A década de 60 foi um período de luta com uma prática franco-atiradora onde se disparava à toa, pelo menos para que constasse. Nos anos 70 o Jazz apanhou por cá o rock de costas e pôs a cabeça de fora, graças aos inesquecíveis primeiros festivais de Cascais. A presente década parece ser a da acomodação, com o Jazz a recuar um passo, a dimensionar com maior realismo o seu público, a ganhar o seu espaço possível no mercado da informação escrita, falada e televisiva, no mercado do disco, no ritmo e qualidade dos concertos, no esforço e prática dum maior número de músicos. Mas, como quando o que quer que seja se acomoda tem tendência para adormecer e ficar mais vulnerável ao monópólio, convém contrariar a inércia e exigir mais e melhor.

Quando não se der pelo Jazz é que tudo estará bem. Quando o Jazz sair dos ghettos da rádio e da televisão; dos concertos isolados ou fins-de-semana no Estoril e fizer parte natural dos hábitos de vida, daqueles que são culturais e pelos quais não se dá por isso, nessa altura é que valerá a pena louvar os históricos focos de resistência e seus guerrilheiros. Até lá, a luta pelo Jazz deve continuar quer fora, quer dentro dele.

entre os que o promovem e que nessa luta se incompatibilizaram mais ou menos. Aliás em Portugal, patriazinha do desentendimento permanente e desencanto cíclico, esta zanga crónica nos pequenos meios virados para as artes, é muito engraçada. É no teatro, nas plásticas, no cinema, na música. Somos poucos mas bem divididos.

Claro que no Jazz o grande cisma, que vem desde os fins dos anos 50, não tem nada a ver com Sarah Vaughan nem com o estilo de Kansas City, tem a ver com coisas que, em breve, serão para aqui chamadas...

Cascais, o doze, está à vista e vai repetir a nova localização. Cascais será no Estoril.

Repete ainda a fórmula pela primeira vez ensaiada o ano passado: dois grupos de músicos em cada um dos três concertos. Ao longo dos doze anos de vida a fórmula mais usada tem sido (com excepção de 71, 72 e 78 em que só teve 2 concertos) três grupos em cada um dos três concertos.

O festival mirra, já sem falar que, este ano, o grupo belga bisca. Toca como suporte no primeiro dia e no dia seguinte volta a tocar sozinho. Atenção que não há aqui espírito tendencioso-ó-depreciativo.

E apenas uma mera arrumação imparcial de dados reais e nem sequer é estatística a qual, dizem, é uma ciência...

Este ano o festival abre com Rão Kyao acompanhado por estrangeiros. Não é a primeira vez. Pergunta a ingenuidade: onde estão os outros músicos portugueses, os da subsidiada escola do Hot Club de Portugal, a orquestra, o professor, os cantores, os solis-

tas? Eles e nós sabemos que eles não são estrelas, mas nós gostávamos de os conhecer.

Segue-se o quarteto duma nova estrela a brilhar em alto: o saxofonista Richie Cole. Técnico espantoso, com uma curta e irregular obra gravada, discípulo de Phil Woods, sem a chama deste, cria reticências como um John Klemmer. Se calhar, um dia destes passa-se para a música de fusão, onde acabam, regra geral, os que falam muito bem e dizem muito pouco. Uma tripla é o mais aconselhável.

O quarteto de Jacques Pelzer não faz cá falta nenhuma. A sua presença tem o gosto da água, mais o seu sabor. Vem também visitar os velhos amigos Jean Pierre Gebler, barítono belga aqui residente nos anos 50, bom rapaz e já então mundialmente desconhecido. Enfim, decisões saídas da imaginação e simpatia da organização.

Seguir-se-á no palco um sexteto de músicos americanos, todos com fama e com boas provas dadas. Estiveram mais ou menos ligados à música de Mingus e deles há a esperar um espectáculo em forma de jam-session com grande espaço para solos e para todos. Se tudo correr bem, e no Jazz não se pode prometer nada, vamos ouvir boa música.

No domingo o Jazz vai da actualidade até aos Blues.

Arthur Blythe é um grande saxofonista, grande mesmo, que balança entre as formações clássicas com piano, bateria e baixo e aquela que traz ao Estoril, com tuba, viola, violoncelo e bateria. Será uma sonoridade diferente, uma experiência intrigante, uma aventura e opção contempo-

râneas. A avaliar pela escassa discografia disponível as influências da tradição neste tipo de músico vem de muito longe e também de outras áreas. Mas isto será para discutir ou confirmar depois.

O fim deste Cascais será, com os Blues, receita certa e útil.

Gente de Chicago, que nunca será célebre na vida, mas que muito tem contribuído para a fama de muitos. O festival acabará assim com gotas de lágrimas, só porque o grupo se chama «Teardrops», porque, musicalmente, o público regressará com a esperança de que em 83 será melhor. E não é sonhar muito, porque já este ano, há quinze dias, em Madrid, para não ir mais longe, se realizou o seguinte: conferências e filmes de Jazz no Museu de Arte Contemporânea com entradas gratuitas; cinco dias de concertos com os Heath Brothers, B.B. King, Phil Woods, Sonny Rollins, Art Ensemble of Chicago, Max Roach, Elvin Jones, Freddie Hubbard, Arthur Blythe, Oscar Peterson e duas dezenas de músicos espanhóis, duas. Foi o Festival Internacional de Madrid.

Não devo acabar sem chamar a atenção para a repetição este ano duma excelente iniciativa que o Cascais Jazz realizou o ano passado e que, ao que parece, vai, no futuro, ser uma actividade paralela constante do âmbito do festival. É o ciclo «Jazz e Cinema» que inclui inúmeras preciosidades históricas, testemunhos filmados da história do jazz. Este ano está a decorrer no cinema Nimas às 18.30 e 23.45, os filmes são quase todos os mesmos do ano passado e os bilhetes custam 130 escudos cada um.

Em vésperas de festival

Jazz investe nas discotecas

Em vésperas de Cascais-Jazz/82 — sexta, sábado e domingo no Pavilhão dos Salesianos, do Estoril —, o jazz continua a entranhar-se nos escaparates das discotecas. E o resultado dessa investida não é nada mau...

«Broken Wing», do trompetista Chet Baker, surge como uma das peças mais ricas agora postas ao alcance dos amadores. A sonoridade «extraterrestre» de Chet Baker, onde o lirismo e a nostalgia se confundem, é um fruto suculento, um encanto para qualquer ouvido.

«Rei» dos anos 50/60, Chet Baker demonstra em «Broken Wing» a justeza da tese: os anos passam, a Arte fica. A sua trompeta, a harmonia dos sons que dela emanam, continuam a ser feitos. Gravado em 1979, com o Quarteto de Phil Markowitz, «Broken Wing» é ainda ocasião para se concluir que Chet Baker conseguiu sair, com sucesso, do «fosso» — mas também *maná* de sonoridades de *sonho*... em que uma *musa* chamada droga, por vezes o fez cair. Chet Baker, que a plateia do Cascais-Jazz/81 aplaudiu, «regressa» a Portugal em grande forma. E marca encontro em «Broken Wing», pois claro!

Chik Corea

Uma das outras novidades jazísticas merecedora de referência é o longa-duração «Now he sings, now he sobs», do compositor e pianista norte-americano Chik Corea.

Empenhado em rasgar hori-



Chet Baker
Lirismo e nostalgia...

zontes para a música de jazz. Corea tem caracterizado a sua carreira por um interesse cada vez mais evidente em criar pontes entre o jazz e a música erudita. «Estou interessado em deitar abaixo as barreiras existentes hoje em dia entre o jazz e a música clássica (...) há uma tradição e uma estética tão ricas em ambos os campos que não posso fazer outra coisa», afirma.

Natural, pois, que a sua música tenha constituído um real desafio para o jazz dos anos setenta e que, nesse aspecto,

«Now he sings, now he sobs» se assumia como obra notável.

De referir, por último, o brilho intenso que caracterizou a ac-

tuação em «Now he sings, now he sobs» dos já consagrados Miroslov Mitous (contrabaixista) e Roy Haines (baterista).

Andrew Hill

«Last but not the least»! Neste curto trajecto pelo que de novo há a assinalar nas recentes edições ou reedições de discos de jazz, também há lugar para um músico pouco conhecido entre nós — Andrew Hill.

Pianista com provas dadas ao lado de grandes músicos — Gene Amons, Johnny Griffin, Roland

Kirk, Be Webster, etc. —, Andrew Hill parece não ter caído nas graças dos deuses. Razões para tal? Quicá o facto de ser um acérrimo defensor dos direitos dos negros, causa que o levou nos primórdios da década de setenta a participar numa extensa digressão pelas prisões americanas. A sua forte personalidade — prescindiu de acompanhar «estrelas» de primeiro plano porque, segundo ele, «quando se acompanham músicos de outros grupos, temos de adoptar o seu estilo e acho que me encontro numa fase em que tenho de ganhar maturidade por mim próprio» —, também deve ter tido algo a ver com o facto de ter sido subestimado.

Músico de vanguarda, Andrew Hill reúne em «Point of departure» um lote de nomes consagrados — Kenny Dorham (trompete), Eric Dolphy (Saxofone alto, flauta e clarinete), Joe Henderson (saxofone tenor), Richard Davis (Contrabaixo) e Anthony Williams (bateria) —, músicos que se identificam plenamente com a forma de Andrew Hill encarar a música.

O resultado é um jazz com grande densidade dramática, por vezes electrizante, encarregado todo ele para o abrir de novas pistas. No fundo, e este talvez seja o maior elogio que se pode fazer a «Point of departure», esta gravação (efectuada em 1964) tem personalidade própria, é imaginativa, não soa a cópia.

M.A.

23.º CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Alameda das Linhas de Torres, n.º 253

NOTÁRIO
LIC. HENRIQUE VAZ LACERDA

O signatário, Ajudante do Vigésimo Terceiro Cartório Notarial de Lisboa,

CERTIFICA

UM — Que a fotocópia desta certidão está conforme com o original.
DOIS — Que foi extraída neste Cartório da escritura exarada de folhas oitenta e folhas oitenta e três do livro de notas para escrituras diversas, número oito-F
TRÊS — Que ocupa sete folhas que têm apostos o belo branco deste Cartório e estão, todas elas, numeradas e por mim, Ajudante, rubricadas.

Lisboa, trinta de Setembro de mil novecentos e oitenta e dois.

O 3.º Ajudante
(ilegível)

CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADE

No dia vinte e oito de Setembro de mil novecentos e oitenta e dois, no Vigésimo Terceiro Cartório Notarial de Lisboa, perante mim, Licenciado Henrique Vaz Lacerda, seu Notário, compareceram como outorgantes:

PRIMEIRO

João Manuel Gonçalves da Silva, natural da freguesia de São Sebastião da Pedreira, desta cidade, habitualmente residente na Rua Vitorino Nemésio, número 4, 4.º esq.º, em Lisboa, portador do bilhete de identidade número 0006045, de 7 de Julho de 1980, emitido pelo Arquivo de Identificação de Lisboa, casado no regime de comunhão de adquiridos com a quarta outorgante, e contribuinte fiscal número CO 7974952.

SEGUNDO

Feliciano Dias Baptista Dinis, natural da freguesia de Cambas, concelho de Oleiros, habitualmente residente em Corroios, concelho do Seixal, portador do bilhete de identidade número 2485494, de 13 de Setembro de 1977, emitido pelo Arquivo de Lisboa, contribuinte fiscal número 118 378 643, casado no regime de comunhão de adquiridos com Maria do Rosário Ramos de Almeida Dinis.

TERCEIRO

Manuel Joaquim Cunha Lobo, natural da freguesia de Crasto, concelho de Ponte da Barca, habitualmente residente na Rua A — Quinta da Alegria, número 19 — 6.º Esq.º, em Almada, portador do bilhete de identidade número 0960523, de 7 de Setembro de 1979, emitido pelo Arquivo de Lisboa, casado no regime de comunhão de adquiridos com Albina de Sampaio Moreira Cunha Lobo, contribuinte fiscal número 153 802 448;

QUARTO

Maria Luisa Alves dos Santos Silva, natural da freguesia e concelho de Sines, portadora do bilhete de identidade número 7158475, de 7 de Julho de 1980, casada no regime de comunhão de adquiridos com o primeiro outorgante, consigo habitualmente residente, e contribuinte fiscal número CO 7974951.

Verifiquei a identidade dos outorgantes pela exibição dos seus referidos bilhetes de identidade.

E pelos outorgantes foi dito:
Que constituem entre si, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação «TECNOMÉDICA — EMPRESA TÉCNICA DE SERVIÇOS ELECTROMÉDICOS, LIMITADA», tem sede e estabelecimento em Lisboa, na Rua Vitorino Nemésio, número doze-A, freguesia da Ameixoeira, desta cidade, e a sua duração é por tempo indeterminado, a contar de hoje, podendo no entanto abrir filiais, sucursais ou escritórios em qualquer localidade por simples deliberação da Assembleia Geral.

SEGUNDO

O objecto da sociedade é a venda e prestação de serviços, com fabricação, importação, comercialização de equipamentos e acessórios nas áreas de:

- a) electromedicina
- b) electrónica industrial
- c) instrumentação e telecomunicações.

TERCEIRO

O capital social é de UM MILHAO SEISCENTOS E SESENTA MIL ESCUDOS está integralmente realizado em dinheiro e subscrito igualmente em quatro quotas de QUATROCENTOS E QUINZE MIL ESCUDOS, pertencentes respectivamente aos sócios João Manuel Gonçalves da Silva, Feliciano Dias Baptista Dinis, Manuel Joaquim Cunha Lobo e Maria Luisa Alves dos Santos Silva.

QUARTO

Qualquer dos socios poderá fazer prestações suplementares de capital, assim como poderão fazer à caixa social os suprimentos de que esta carecer, tudo nas condições que convierem e que ficarão constando de acta da Assembleia Geral.

QUINTO

A sociedade poderá associar-se com pessoas singulares ou colectivas e participar no capital de outras empresas, alargar a sua actividade a outras áreas desde que os fins a prosseguir, respeitem integralmente a lei e as deliberações tomadas em Assembleia Geral.

SEXTO

A administração e gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, serão exercidas por todos os sócios, com iguais direitos e obrigações e com dispensa de caução, podendo, por isso, qualquer deles obrigar a sociedade em actos contrários a documentos respeitantes a negócios e interesses sociais.

Parágrafo primeiro — Para que a sociedade fique validamente obrigada, é necessário as assinaturas de três dos gerentes.

Parágrafo segundo — Aos gerentes é expressamente proibido obrigar a sociedade em actos ou contratos que não digam respeito ao seu objecto e fins, tais como fianças, abonações, letras de favor ou outros semelhantes.

Parágrafo terceiro — Qualquer dos gerentes poderá delegar por meio de procuração, todos ou parte dos seus poderes de gerência, em outro sócio ou terceiros, podendo ainda a sociedade constituir mandatários por meio de procuração, com os poderes que venham a ser designados em Assembleia Geral.

SÉTIMO

A cessão de quotas a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade e de quem mais for sócio, tendo aquela em primeiro lugar e os demais em segundo lugar o direito de preferência na sua aquisição e, não tendo nem a sociedade nem os sócios usado esse direito, poderá a quota alienanda ser livremente cedida.

OITAVO

A sociedade poderá amortizar a quota que for penhorada, arrolada ou de qualquer outro modo sujeita a procedimento judicial e a amortização considerar-se-á efectuada, mediante depósito feito à ordem do respectivo Juízo, da importância que corresponder ao valor encontrado num balanço dado expressamente para esse fim. Uma vez feita a consignação em depósito cessarão todos os direitos e obrigações do sócio proprietário da quota, ou a ela inerentes.

NONO

No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, a sociedade continuará entre os sócios sobreviventes ou capazes e com os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdição, que exercerão em comum os direitos inerentes à respectiva quota, enquanto esta se mantiver indivisa, devendo os respectivos herdeiros escolher entre si um que a todos represente; no caso de desajarem afastar-se da sociedade terão o direito ao recebimento do valor nominal da quota e de quaisquer outros créditos, de harmonia com o último balanço aprovado.

DÉCIMO

Os lucros líquidos que resultarem do balanço anual, que será efectuado no fim de cada ano civil e reportando-se sempre a trinta e um de Dezembro, depois de deduzida a percentagem de cinco por cento para fundo de reserva legal e outras importâncias destinadas a outros fundos, serão divididos pelos sócios na proporção do valor das suas quotas.

DÉCIMO PRIMEIRO

No caso de dissolução da sociedade, serão liquidatários todos os sócios. ASSIM O DISSERAM E OUTORGARAM.

Adverti os outorgantes da obrigatoriedade do registo deste acto na competente Conservatória no prazo de três meses, a partir desta data.

Apresentaram-me e arquivo no maço de documentos respeitante ao presente livro de notas, sob o número 60, uma certidão emitida em catorze de Julho deste ano, pela Repartição do Comércio, comprovativa da exclusividade da denominação adoptada nesta escritura.

Esta escritura foi lida e o seu conteúdo explicado aos outorgantes, em voz alta e na presença simultânea deles, esclarecendo eles outorgantes que o segundo outorgante, reside mais propriamente na Quinta do Rouxinol, número 75, 3.º andar, esquerdo, em Corroios — Seixal.

Assinaturas ilegíveis



Floriano Teixeira, um índio no Estoril

Pintura com poesia dentro

«Não distingo as terras umas das outras, interessam-me mais as pessoas. Se me tratam bem num lugar gosto dele...» Floriano Teixeira, brasileiro do Maranhão adoptado, definitivamente, pela Baía gosta mesmo de gente. Inclinação que não reprime, que deixa fluir na sua arte onde a figura humana surge, sempre, em evidência. Seja pintura, desenho ou gravura... tem gente. Gente que é do povo, esse povo simples e deserdado que ele debruça de ternura.

Porquê essa preferência, essa proximidade afectiva à gente do povo? Pergunto-lhe horas antes de ter sido inaugurada, acto solene e envernizado, a exposição dos seus trabalhos no Casino do Estoril. «... É nessa gente que resta ainda alguma poesia. Vive com autenticidade enquanto nas outras classes sociais há uma espessa camada de artifício», diz Floriano Teixeira, voz cálida, macia como fruto tropical. Talvez manga-rosa. O seu olhar ainda está apto a descobrir a poesia, a render-se ao sentimento. Jorge Amado, amigo dos antigos define-o assim: «Um homem que ainda não foi agarrado pela sociedade de consumo.»

Jorge Amado, exactamente. Aqui connosco, neste momento, a tentar acabar mais um romance. Veio das «europas», fez um pouco de jogo social na inau-

«... durante arriscadíssimos anos praticou esse luxo: a coragem».

Cangaceiros, desprovidos de ferocidade, habitam a pintura de Floriano. São homens vulgares, camponeses fartos de lamber a terra, de engulir humilhações. Que «em vez de pegar no laço pegam na arma». Vestem fatos de coiro tal qual os vaqueiros. O tradicional chapéu e as cartucheiras cruzadas completam o traje com que entraram já na lenda, na ficção. Vivem na região da catinga, assaltada de mato, «terra fechada e seca de carrascal, muita espinha, muita cobra». Os fatos, concebidos para o meio, servem-lhes de armadura. «As vezes é preciso ir buscar o boi ao carrascal... onde entra o boi entra o vaqueiro com o seu cavalo», narra Floriano.

Na sua pintura o cangaceiro é

o homem que «por não aceitar a lei do coronel cria uma lei própria». Cangaceiro e vaqueiro parecem-se como duas gotas de água. A diferença reside na arma. De resto as expressões são as mesmas. Mulher de cangaceiro também é tema caro a Floriano. As Marias Bonitas que combatem e morrem ao lado dos homens. A propósito: Lampião não lhe merece especial apreço. «Era um pouco safado». Prefere António Silvino, o correspondente em brasileiro de Robin dos Bosques, bandido social, misto de herói romântico.

Floriano Teixeira pinta símbolos que vão morrendo no Brasil, um país com forte tendência a «americanizar-se», a esquecer as suas raízes afro-latinas. O Brasil de Cacá Diegues, ao qual só nos resta dizer adeus. Vai-se dissolvendo, uniformizando, degradando. Alegrem-se. Claro que existem, ainda, alguns redutos, algumas fortalezas, pequenas ilhas. Os resistentes como Floriano que teimam em ser poetas, à sua maneira. «A arte não é uma mercadoria...», acredita nisso. Não é?

Arte vende-se a preços inacreditáveis. Um negócio dominado por intermediários, os «marchants», uma mafia. «No

Brasil as coisas mais importantes estão em mãos inadequadas (concorda Floriano). Os tipos que trabalham com arte poderiam trabalhar com fruta. O que vier à rede é peixe, tanto lhes faz. Querem é vender. Como não há contrato assinado, tudo se processa verbalmente. Podem enganar facilmente os artistas.»

— Podem enganar?
— Não podem. Enganam (acrescenta Floriano categoricamente).

Em resumo: o artista está nas mãos do «marchant». Onde o mundo chegou! «Não controlamos o mercado e temos de nos submeter às regras dos comerciantes. Aliás eles tinham obrigação de fazer o nome dos artistas... o que não acontece porque trabalham somente com nomes já feitos.»

Tudo se consome, se deglute. Os comilões já se aperceberam dessa «lei» implacável. E aproveitam-se (puderá!) carteira recheada de cheques. «A arte vende-se muito e caro. Demais. Quem compra? Justamente aqueles que a inflação não atinge, os milionários. É bonito ter pintura, em casa, porque os homens de cultura a

têm. Por outro lado nunca baixa de preço. O próprio ministro Delfim Neto diz que a melhor maneira de investir é comprar ouro, obras de arte, imóveis e antiguidades. São investimentos seguros...»

Mulher

Não obstante Floriano permanece atento. A lucidez encravou-se-lhe no espírito, apesar do sucesso, do relativo êxito na arte que cultivava. Despojou-se, é certo, de alguma pureza, de alguns sonhos. Mas continua, como afirma James Amado (irmão de Jorge) com «seu jeito cabreiro e sonso de índio manso em posto de governo». Vi na sua arte uma dose muito forte de amor por tudo o que se move e respira. Um romantismo que se inspira no povo, de onde provém.

É a mulher de pernas grossas, ancas largas. Mulher sem equívocos. «Acho que a mulher traduz uma certa força que talvez o homem não tenha...» (diz). Um sensualismo sadio, isento de artifícios. Do tamanho da natureza. É a pastora que se sobrepõe à paisagem, bois recortados ao fundo. «Não há direito de chamar vaca ao meu boi...», protesta Floriano, com humor. É a mulher que «virou cachorro», um tema da literatura popular «de cordel», do Nordeste. Normalmente essas histórias eram orais, cantadas nas feiras por cegos que tocavam violão. Narrações de amores infelizes, de episódios insólitos dramas de faca e algarida. É a mulher que calcoteia quilómetros, pés doridos, rosto sofrido, a tal pagadora de promessas a santos com cara de cangaceiros. É a mulher, versão da casta Suzana que se despe fingindo não saber «que tem homens a espreitar...»

— E esta bandeira vermelha? — pergunto, imaginando-a símbolo revolucionário.

— Não, não é revolução. Apenas o estandarte da festa do Divino Espírito Santo.

Lembro-me das procissões, quase fantasmas, no filme «António das Mortes», de Glauber Rocha, esse brasileiro genial que morreu de desespero. «O Nordeste é terra de romelras que rezam o tempo todo, de beatos que também são cangaceiros... Rezam e matam.» Foi no Ceará que viveu António Conselheiro, um (?) — não sei como classificá-lo. Talvez um anarquista. Pelo menos criou uma cidade e fundou uma comunidade em pleno sertão. Esse mágico feito em escultura por Mário Cravo, uma peça ímpar da arte brasileira.

Duas pombas brancas beijam-se, num quadro de Floriano Teixeira. «Estão em colóquio amoroso», garante o autor. Homagem ao amor, sem ramifícios de oliveira e corações latejantes. Simples sublinhado. Tão banal como o quotidiano dessa gente, «com muitos filhos, cheio de feijão e carne ao sol», ou as cenas de amor que nos mostra em quatro aspectos, tipo banda desenhada. Um casal em namoro, depois à briga. Segue-se uma cena de cama e outra doméstica. A vida vulgar. O amor.

Amor que Floriano Teixeira põe nas suas telas, «nos óleos de pinceladas largas, em geral grandes planos» (descreve Carybé), a par das miniaturas integradas no quadro, o seu lado «de monge medieval ou de persa». Essa minúcia surpreendente que o torna um cronista. De detalhe. Aquela mania dos textos paralelos dentro da sua obra. «O mundo múltiplo» de que fala o norte-americano, John P. Dwyer, amigo do pintor.

Floriano Teixeira não se define afecto a esta ou aquela escola de pintura. «Já fui impressionista;



Sou um operário da pintura...

surrealista, concretista... Hoje sou talvez o resultado de tudo isso. Não digo que seja o meu caminho definitivo porque um artista anda sempre numa permanente procura. Com esta exposição tive a preocupação de mostrar a cultura do meu país, da região onde nasci. Tentei caracterizar o Nordeste. Não adiantaria trazer arte abstracta...

Operário

Cultura terceiro mundista? (ui, que chavão!). Que sabemos nós portugueses do Brasil? Que tem telenovela, carnaval, samba. E que mais? João Soares. Zero. «A maioria dos europeus do Brasil só conhecem café e Pelé... Uma tristeza. Ainda agora a América Latina permanece desconhecida. O que dela se sabe é através da política. E, no entanto, tem gente como Pablo Neruda, Romulo Gallegos, João Cabral Melo Neto...»

E Graciliano Ramos? «Ilustrei capas dos seus livros. Era também nordestino, de Alagoas». Foi efectivamente Floriano o criador das capas para os 12 volumes das Obras Completas do autor das «Vidas Secas», romance cinematizado por Nelson Pereira dos Santos. «No Ceará passam três e quatro anos sem chover. Mas o cearense, um emigrante por excelência, quando chove volta para a terra dele. Pode estar na China... larga tudo e vem embora.»

A verdade é que Floriano não voltou. Ou por ter nascido no Maranhão ou porque se apaixonou pela Baía, um lugar de «gente cordial, amiga, brincalhona, a mais simpática do Brasil». Naquele tom, bem brasileiro, ele comenta: «A topografia de Salvador inspira, dá alegria na gente, compreendeu?»

Foi o primeiro director do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará. E até tinha uma vida estável quando Jorge Amado o desinquietou. Num rasgo de aventura decidiu, então, partir para a Baía com a mulher Alice e os seus seis filhos. «Bem... comecei uma carreira no estilo locomotiva: que se inicia em marcha lenta e depois se desenvolve com rapidez. Hoje, felizmente, sou conhecido em todo o Brasil e no mundo.»

Ele, esse homem de tez escura, sorriso condescendente, que nunca se impacienta gosta de se intitular um operário da pintura. «Nem sequer «atelier» tenho, trabalho numa garagem. Não ligo muito às questões materiais. Dentro do meu talento, que é pequeno, faço o que posso...» Obscuro pela perfeição desenha os seus heróis de que nunca se despegam: cangaceiros belos, cabelos compridos, lenços vermelhos ao pescoço, «atentos ao perigo», crianças que brincam descuidadas, jangadeiros que fumam maconha. Os heróis do sertão e do mar. Gente valente. De coragem.

É esta a sua memória. Porque a outra, do «robot», não possui. «Não gravo número nenhum, a não ser do telefone e da porta de casa. Esqueço-me das datas... Sou assim.»

Lourdes Féria



Jangadeiro, um dos seus heróis...



O cangaceiro do mar...

guração da exposição de Floriano, posou para a fotografia... e zás, agarrou-se à caneta. Curiosamente: foi ele quem convenceu o pintor a instalar-se na Baía, em princípios dos anos sessenta e a juntar-se ao grupo dos plásticos que constituía o chamado Movimento de Renovação, liderado pelo escultor Mário Cravo. «Sim... Mário é diabólico, dotado de uma imaginação fértil e de um raciocínio rapidíssimo». Outros nomes constam desse vanguardismo artístico que a Baía derramou no Brasil. Cito: Carybé, Carlos Bastos, Jenner Augusto e Calasans Neto, todos eles ilustradores das obras de Jorge Amado.

Cangaceiro

Floriano nasceu no Maranhão, com sangue índio a marcar-lhe as feições e a escurecer-lhe a pele, mais ou menos de um castanho cerrado. Durante vinte anos morou no Ceará, terra incrível que fica mesmo «dentro do polígono da seca», no extremo do Nordeste. Uma região, classificada pelo pintor como «sofida, dura, de fome». Terra de cangaceiros, beatos, romelras (as mulheres que levam a vida a pagar promessas) e de jagunços. No contraponto, os coronéis. Terra, portanto, de exploradores até ao osso. E de gente «muito valente». Daquela, de quem Jorge Luís Borges diria:



Um acto solene, envernizado...com secretários de Estado

Braz Teixeira na reabertura da Casa de Garrett:

Teatro Nacional "não pode fechar-se sobre si próprio"

A revelação ou o desocultamento das obras mais representativas da cultura teatral portuguesa «irá marcar decisivamente» a actividade do Teatro Nacional D. Maria II na temporada de 82/83 — revelou ontem em Lisboa o seu director.

António Braz Teixeira falava na cerimónia de abertura das actividades da Casa de Garrett. Na ocasião, o ministro da Cultura e Coordenação Científica deu posse aos vogais da Comissão Consultiva do Teatro, Jorge Listopad, António José Saraiva e — em representação dos trabalhadores da Casa — o actor Rogério Paulo. O acto integrou também a inauguração de uma exposição sobre a vida do escritor António Patrício, cuja peça «Pedro, o Cru» será estreada dia 12 pela companhia residente.

O início das actividades para este ano do Teatro Nacional incluiu a representação de «A História do Soldado», de Ramuz Stravinsky, pelas Marionetas de S. Lourenço.

«Três momentos ou três ciclos da vida da dramaturgia portuguesa, merecerão a nossa atenção nesta temporada» — disse Braz Teixeira, para precisar: «O período vicentino, a década de 1910-1920 e a actualidade».

O primeiro período — informou o director do Teatro Nacional — apresentará «O Auto de Santo António» de Afonso Ávares, «O Auto de Vicente Anes Joeira», de autor anónimo, e uma obra do primeiro dramaturgo ibérico conhecido, Henrique da Mota.

O segundo inclui «Pedro o Cru», de António Patrício, «Castro», de António Ferreira, textos dramáticos de Fernando Pessoa, Mário de Sa Carneiro, Almeida Negreiros e um espectáculo dedicado ao Teatro da Pre-



«A Sobrinha do Marquês» perdeu-se na província...

sença.

O terceiro período será assinada pela representação da peça de Jaime Salazar Sampaio, «Fernando (talvez) Pessoa» e — afirmou Braz Teixeira — «de outros textos de dramaturgos portugueses vivos».

Outras montagens previstas para a presente temporada: «A Casa de Bernarda Alba», de Lorca, «A Anunciação a Maria», de Paul Claudel, «A Longa Jornada para a Noite», de Eugene

O'Neill, e «Esta Noite improvisa-se» de Luigi Pirandello.

Braz Teixeira disse que o Teatro Nacional «não pode nem deve fechar-se sobre si próprio» pelo que sob a actual direcção passará a ser «espaço de diálogo e local de encontro e troca de experiências aberto a todo o complexo universo do restante teatro português».

Para o efeito o Nacional chamará a colaborar «alguns dos

mais significativos encenadores, cenógrafos, figurinistas e compositores nacionais», montará espectáculos em co-produção com outras companhias, cederá a Sala Experimental a grupos que não dispõem de palco e convidará companhias de fora a apresentar os seus trabalhos.

Precisando este último ponto, Braz Teixeira divulgou que pela Sala Experimental do Nacional deverão passar até Julho, entre outros, a Casa da Comédia, Teatro à Beira da Estrada, Teatro do Mundo e o Grupo de Teatro Hoje, todos de Lisboa. Da província, o TEAR e o Centro Cultural de Évora.

Admitiu que alunos da Escola Superior de Teatro do Conservatório Nacional apresentem ali trabalhos.

Informou, por outro lado, que o Nacional procederá à realização de actividades paralelas, nomeadamente conferências colóquios, recitais, pequenos concertos e projecção de filmes «de acordo com um plano ajustado a cada uma das peças e segundo um programa oportunamente a anunciar».

A abrir estas actividades, o

subdirector do Nacional, Afonso Botelho, fará dia 10 uma conferência a propósito de António Patrício, «A Saúde e a Morte».

No dia 17 será exibido o filme «Inês de Castro», de Leitão de Barros, e no dia 24 o dramaturgo e crítico Luís Francisco Rebelo apresentará um trabalho sobre o tema de Inês de Castro no Teatro Universal.

Na ampla exposição da direcção da Casa de Garrett sobre os seus planos para a actual temporada, duas coisas, porém, ficaram por explicar: Por que razão um ciclo dedicado ao período vicentino não integra nenhuma peça de Gil Vicente, e que aconteceu à «Sobrinha do Marquês», de Garrett, apresentada no Porto e na província e com estreia anunciada em Lisboa na actual temporada. Garrett, patrono da Casa, não precisa de ser «desocultado», é evidente. Mas não levar «A Sobrinha» em Lisboa, com o espectáculo supostamente pronto, é pelo menos uma misteriosa forma do primeiro teatro do país «comemorar» o 2.º Centenário da Morte do Marquês de Pombal.

Publicidade do FITEI arrancada pela Câmara

O pessoal dos Serviços municipais do Porto retirou, indiscriminadamente, todos os panos que tinham sido afixados, nalgumas artérias e praças da cidade, pelo FITEI, destinados a fazer publicidade do próximo Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica.

O facto torna-se tanto mais insólito quanto é certo que o FITEI pedira a respectiva autorização para a colocação da referida publicidade, pagando, para o efeito, as respectivas licenças na repartição camarária competente.

Por outro lado, os referidos panos foram colocados de modo a não ofender as disposições legais pelo que não se justifica semelhante atitude por parte de quem procedeu a essa acção, ou por quem a mandou executar.

O caso foi levado ao conhecimento do presidente da Câmara Municipal, mas já ninguém poderá evitar os graves prejuízos sofridos pelo FITEI, que despendeu dezenas de milhares de escudos na preparação desses panos de publicidade, na sua colocação e no pagamento das licenças.

Por fim, e perante os protestos apresentados, a Repartição de Publicidade da Câmara conseguiu inventar argumentos que lhe permitiram multar o FITEI.

... a mais devastadora máquina de guerra jamais construída...

A missão... Roubá-la!

CLINT EASTWOOD



FIREFOX

Clint Eastwood em 'Firefox' · Produtor Executivo Fritz Manes ·

Argumento de Alex Lasker & Wendell Wellman

Baseado na novela de Craig Thomas · Produção e Realização de Clint Eastwood

Música original composta e dirigida por Maurice Jarre · Panavision® Color by Deluxe®

DISTRIBUTED BY WARNER BROS. A WARNER COMMUNICATIONS COMPANY

IMPÉRIO

HOJE ÀS 21.30 — ESTREIA

POLITEAMA

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

DOPEFILME



Um padrinho no mundo do crime e a sua luta pelo poder!

um filme de ALEXANDRE ARCADY

o dia da vingança é

O DIA DO PERDÃO

LE GRAND PARDON



ROGER HANIN

CLYD GOLOSMITH

RICHARD BERRY

BERNARD GIRAUDEAU

ANNY DUPEYRE

JELOUS TRINTIGNANT

ROMA

ESTREIA HOJE ÀS 15.30 H

Alack Sinner



Banda Desenhada
de Muñoz e Sampayo

91

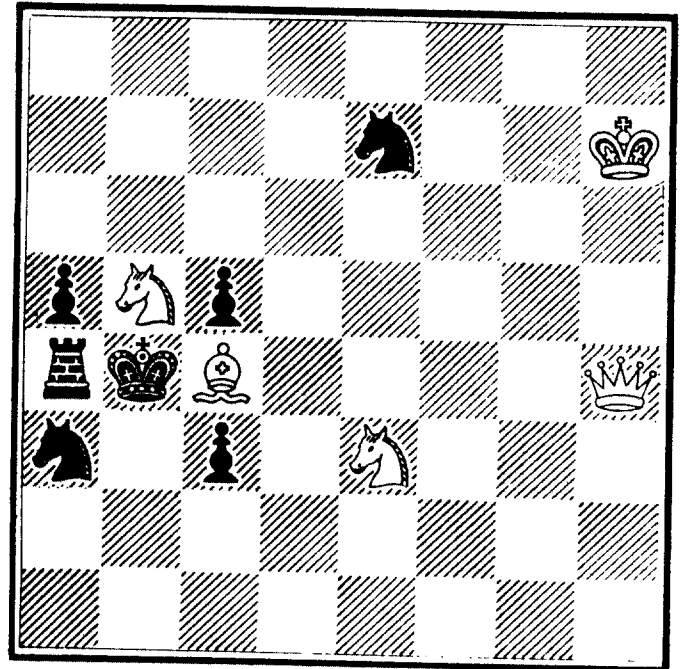


© COPYRIGHT Muñoz e Sampayo/Quipos/ADS

continua

Problemas de Xadrez

Leitor, não ceda à tentação de resolver este bloqueio incompleto, utilizando a bateria branca D/B.



Otto Wurzburg
«American Chess Bulletin» 1936
(2 lances)

SOLUÇÃO
1. Cc4 cxd4 2. Dxd4 Dd5 3. Cc3 Dc6 4. Cb5 Dc7 5. Cxd6 Dxd6 6. Dd3 Dc6 7. Dc4 Dc7 8. Dd3 Dc6 9. Dc4 Dc7 10. Dd3 Dc6 11. Dc4 Dc7 12. Dd3 Dc6 13. Dc4 Dc7 14. Dd3 Dc6 15. Dc4 Dc7 16. Dd3 Dc6 17. Dc4 Dc7 18. Dd3 Dc6 19. Dc4 Dc7 20. Dd3 Dc6 21. Dc4 Dc7 22. Dd3 Dc6 23. Dc4 Dc7 24. Dd3 Dc6 25. Dc4 Dc7 26. Dd3 Dc6 27. Dc4 Dc7 28. Dd3 Dc6 29. Dc4 Dc7 30. Dd3 Dc6 31. Dc4 Dc7 32. Dd3 Dc6 33. Dc4 Dc7 34. Dd3 Dc6 35. Dc4 Dc7 36. Dd3 Dc6 37. Dc4 Dc7 38. Dd3 Dc6 39. Dc4 Dc7 40. Dd3 Dc6 41. Dc4 Dc7 42. Dd3 Dc6 43. Dc4 Dc7 44. Dd3 Dc6 45. Dc4 Dc7 46. Dd3 Dc6 47. Dc4 Dc7 48. Dd3 Dc6 49. Dc4 Dc7 50. Dd3 Dc6 51. Dc4 Dc7 52. Dd3 Dc6 53. Dc4 Dc7 54. Dd3 Dc6 55. Dc4 Dc7 56. Dd3 Dc6 57. Dc4 Dc7 58. Dd3 Dc6 59. Dc4 Dc7 60. Dd3 Dc6 61. Dc4 Dc7 62. Dd3 Dc6 63. Dc4 Dc7 64. Dd3 Dc6 65. Dc4 Dc7 66. Dd3 Dc6 67. Dc4 Dc7 68. Dd3 Dc6 69. Dc4 Dc7 70. Dd3 Dc6 71. Dc4 Dc7 72. Dd3 Dc6 73. Dc4 Dc7 74. Dd3 Dc6 75. Dc4 Dc7 76. Dd3 Dc6 77. Dc4 Dc7 78. Dd3 Dc6 79. Dc4 Dc7 80. Dd3 Dc6 81. Dc4 Dc7 82. Dd3 Dc6 83. Dc4 Dc7 84. Dd3 Dc6 85. Dc4 Dc7 86. Dd3 Dc6 87. Dc4 Dc7 88. Dd3 Dc6 89. Dc4 Dc7 90. Dd3 Dc6 91. Dc4 Dc7 92. Dd3 Dc6 93. Dc4 Dc7 94. Dd3 Dc6 95. Dc4 Dc7 96. Dd3 Dc6 97. Dc4 Dc7 98. Dd3 Dc6 99. Dc4 Dc7 100. Dd3 Dc6

TV côr

51cm
41.800\$

56cm
43.800\$

M. L. FERREIRA
RUA D. ESTEFÂNIA, 48 - A
AV. DA REPÚBLICA, 54 - B

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS

ANÚNCIO

Na Acção de Investigação de Paternidade n.º 48/82 pendente na 2.ª Secção do 3.º Juízo, movida pelo Digno Agente do Ministério Público contra Luis Manuel Lopes Andrade, residente em parte incerta na Inglaterra e com última residência conhecida na Rua Fontes Pereira de Melo, n.º 1 - Largo da Rola em Carnaxide, é este réu citado para no prazo de trinta dias contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, contestar, querendo, o pedido feito nos aludidos autos e que consiste em que o menor João Pedro Pereira Lopes seja reconhecido como filho de Raul de Sousa Andrade, e cujo duplicado da petição inicial se encontra à sua disposição na referida secção e Juízo.

Oeiras, 22 de Outubro de 1982.

O JUIZ DE DIREITO

(José Nuno Almeida Valadas)

O ESCRIVÃO DE DIREITO

(Joaquim Matoso Carreira)

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz-se saber que pela 2.ª Secção do 14.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de contrato de trabalho, registados sob o n.º 119/80, em que é A. Abel de Sousa Fernandes, solteiro, serralheiro civil, residente na Musgueira Norte, Rua n.º 4, n.º 1 em Lisboa e R. Trindade & Gaspar, Lda, com última sede conhecida na Rua Tenente Viriato C. Lacerda, n.º 7-1.º Dt.º, em Lisboa, e neles correm editos de trinta dias, citando a referida Ré, para no prazo de dez dias, findo o dos editos, contando-se estes a partir da segunda e última publicação deste anúncio, contestar, querendo, a referida acção, sob pena de, não o fazendo, serem dados como confessados os factos articulados pelo Autor. Fica ainda citada para, em igual prazo, contestar, querendo, o pedido de assistência judiciária requerido pelo A. O duplicado da PI, encontra-se ao dispor da Ré, na respectiva Secção de Processos, onde poderá ser levantado nas horas normais de expediente.

Lisboa 6 de Outubro de 1982

O Juiz de Direito

Fernando José Leal Loureiro Pipa

O Escrivão de Direito

Luís Lourenço Santo Caria

NATAL

EMPRESAS

Agência artística organiza o seu SHOW da FESTA DE NATAL; temos Palhaços, Ilusionistas, Ventriloquos, Fantoches, Cançonetistas, Conjuntos Musicais e mais variedades.

Contacte — SOARTI — Telef. 9854584

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA lembra aos condutores de veículos de 2 rodas que devem usar sempre capacete de protecção devidamente apertado, mesmo quando a distância a percorrer é curta.

Caminhos de Ferro Portugueses Informação

ENGENHEIROS TÉCNICOS CIVIS

OS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, E.P., pretendem admitir para os quadros efectivos ENGENHEIROS TÉCNICOS CIVIS na área de EVORA.

CONDIÇÕES EXIGIDAS

- Bacharelato em Engenharia Civil
- Idade até 35 anos
- Serviço militar cumprido ou dele isento

OFERECE-SE

- Remuneração adequada
- Estabilidade de emprego
- Possibilidades de acesso na hierarquia da Empresa
- Outras regalias sociais

Os interessados poderão apresentar as suas candidaturas até 11/11/82 acompanhadas de «curriculum» detalhado, directamente ou por escrito ao:

SECTOR DE RECRUTAMENTO DA CP
Calçada do Duque, n.º 20
1294 LISBOA Codex

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados

em BATAS PROFISSIONAIS

TINTURARIA GUANABARA

Dep. de Confecções

Av. João XXI 5-D - 1000 (metro Areeiro) - Rua Infante 16, 55-C - 1300 LISBOA

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

TV negra, humor negro

O filme engenhoso e poético para o serão. Muitos sorrisos à «peanuts». A certa altura, algo que tem a ver igualmente com esta desgraça de sermos telespectadores portugueses, hoje. Num diálogo entre médico e doente dos olhos em fase de operação:

— Devo dizer-lhe que pode vir a ficar cego.

— Que se há-de fazer. Ao menos não verei Televisão.

Claro, para TV negra, humor negro.

Será presidente mas não nosso

No Telejornal, a propósito de eleições parciais e intercalares nos Estados Unidos, fala, durante imenso tempo fala, Reagan. Fala dos casos, incidências e repercussões locais. Como se nós tivéssemos alguma coisa a ver com aquelas americanices.

Aliás, durante todo o dia, praticamente em todos os noticiários, houve referências às ditas eleições. Seria interessante fazer um levantamento das sucessivas formas que, a tal respeito, as «informações» foram assumindo. Impede-mo a exiguidade do espaço. Um dia, com mais largueza, talvez seja possível.

«Freeze» cada vez mais quente

Para já, uma observação: ao longo do dia, por vezes, foi referido que o povo americano votara maciçamente pelo congelamento das armas nucleares,

conforme Brejnev propusera. Aliás, recordo-me de ter aqui dito, reportando-me a grandes meios de comunicação americanos, que a palavra «freeze» (congelamento) se tornara na palavra mais popular no quotidiano do povo dos Estados Unidos.

Pois bem: Telejornal acentuou e desenvolveu números, declarações, folklore — mas quanto ao referendo, boca fechada!

Ah, mas em contrapartida tivemos o grato prazer de conhecer pessoalmente o sr. João Gomes Bastos, comentador da RTP em Nova Iorque. Sim, senhores. A embalagem está perfeitamente de acordo com o conteúdo.

Telejornal: na imagem da anedota, a anedota da imagem.

O brinquedo

Eu tenho um helicóptero que voa e faz zunzum o trânsito vigia não lhe escapa nenhum.

Abarca o horizonte desce a garganta funda ora está sobre a ponte ora está na Rotunda.

Eu até uma vez varando o infinito já lhe vi o Marquês a fazer o manguito.

Só se sente feliz com o trânsito fechado. E é fácil. O País está todo engarrafado.

Onde se quis chegar com isto eu adivinho: foi pôr a trabalhar o menino Quinzinho.

Portugal, por capricho, está condenado à toa, a mastigar o bicho e o trânsito em Lisboa.

E neste ponto eu acho que a TV desanima — se não ganha por baixo quer-nos ganhar por cima.

Eu tenho um helicóptero e só me falta, ó gente, uma riminha em óptero para ficar contente.

Falemos de sequestro

Ao longo de todo o dia, em todos os noticiários de todas as meias-horas: o sequestro dos administradores da Siderurgia.

Dentro da regra de combate na guerra-fria (que nada tem a ver com a objectividade da informação) a Televisão comprometida com este projecto social, utiliza abusivamente certas expressões carregadas de antipatia. A finalidade é pôr em causa a justiça da luta dos trabalhadores da Siderurgia.

Estes, fatigados das desculpas, demoras e subterfúgios da administração em questão que basto os feria, cortaram-lhe a saída até que se resolvessem a dialogar. Apenas isso. O trabalhador entrevistado está com a razão quando recusa a ideia de

sequestro.

A ideia de enclausurar, apartar, isolar («Na Flandres murmurava-se da crueldade e desamor de um despota que mantinha em sequestro as filhas do rei» — Aquilino Ribeiro) só muito relativamente no caso da Siderurgia se verifica. A verdade é que os administradores sequestrados podiam manter contacto com o exterior, tinham telefones à ordem, etc.

Eis pois um «sequestro» muito especial. Sequestro bem pior e mais grave e mais de acordo com o espírito do étimo é aquele que se pratica sobre os trabalhadores empurrados para o desemprego. Mas desse Telejornal não quer falar.

A la minuta

Duas pequeninas referências, uma para definir a qualidade dos profissionais em que os responsáveis da RTP confiam, outra para se meditar bem sobre o nenhum valor que há em ser criança em Portugal.

O Durão afirma que, na Siderurgia, «a GNR intervém»...

Diálogo de Carlos Ribeiro com um menino de Lisboa:

— Costumas correr?

— Costumo...

— Aonde?

— Nas ruas...

Meninos pobres: «reis» das ruas de Portugal, como D. João II...

ROUBO DE INSTRUMENTOS EM SESIMBRA

Foram roubados em Sesimbra de dentro duma carrinha Bedford instrumentos de medida, geradores de sinais Hewlet Packard e Selective Voltmeter Cushman destinados a testes de equipamentos de microondas.

A quem tiver conhecimento do paradeiro desta aparelhagem de medida, solicita-se contacto urgentemente OMNITECNICA — Estrada de Alfragide — Amadora, pelos telefones 970615-971836-972214.

Caminhos de Ferro Portugueses/EP

AVISO AO PÚBLICO

28/82 CONCURSO

Até às 17 horas do dia 15 de Novembro de 1982, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração de uma dependência para venda de jornais, livros e revistas, na estação de Pedrouços.

A anuidade mínima a oferecer é de 12000\$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da CP, a quantia de 2000\$00, e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa de concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

- Lisboa (Cais do Sodré)
- Pedrouços
- Serviço Comercial de Passageiros
- Estação de Santa Apolónia, 1.º andar Lisboa

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, EP, Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte

Proposta para a instalação e exploração de uma dependência na estação de Pedrouços

HÁ BEBER E HÁ VIVER



Sexta-feira, 5.11 — 21.30 h

- RAO KIAO
- RICHIE COLE

Sábado, 6.11 — 21.30 h

- JACQUES PELZER
- MINGUS DYNASTY

Domingo, 7.11 — 16.00 h

- ARTHUR BLYTHE
- Chicago Blues MAGIC SLIM

BILHETES: Preço Único

Plateia, Bancada — Esc. 500\$00

ASSINATURA para os 3 concertos

válida até 2.11 — Esc. 1200\$00

LOCAIS DE VENDA:

ABEP, FRISA, ARCO IRIS

VALENTIM DE CARVALHO

CASCAIS — LIVRARIA GALILEU

INFORMAÇÕES:

CASCAIS JAZZ — TELEF. 80 42 43

12.º FESTIVAL INTERNACIONAL

Central de Cervejas

Ciclo Jazz & Cinema

Cinema NIMAS

dias 1, 2, 3 e 4 de Novembro

Às 18.30 e 23.45 horas

TV MARCELO

ATENÇÃO. ADQUIRA JÁ

O contrato de assistência TV
Por: 350\$00 ou 540\$00
Enquanto lhe reparamos o seu televisor
é colocado o outro
Tel. 659118 - 659119
SERVIÇO PERMANENTE

Hoje



Proseguem diariamente, na RTP-1, à hora do almoço, as exibições dos episódios da telenovela «Baila Comigo»

Das 13.55 às 17.30 Ciclo Preparatório TV

18.22 Tempo dos Mais Novos

19.00 Res-Pública — Marvão

19.30 Autovisão — programa dedicado ao automobilismo.

19.55 O Tempo

20.00 Telejornal — informação nacional e internacional.

20.30 Boletim Meteorológico para a Agricultura

20.40 Concurso Toma Lá Dá Cá — sessão explicativa dos novos moldes do concurso.

21.30 Primeira Página

22.45 Golo Rei — programa desportivo.

23.30 Últimas Notícias



Na RTP-2 exibição do 3.º episódio de «Nanny»

2 RTP

18.02 «Forte Apache» — intérpretes: John Wayne, Henry Fonda e Shirley Temple. Realizador: John Ford.

19.30 Pais, Pais

19.55 Desenhos Animados — «Heckle and Jokle»

20.20 «Mozart, apontamentos de uma Juventude» — 3.º episódio.

21.20 «Nanny» — 3.º episódio.

22.20 «Cabocla»

22.50 Jornal da Noite

Amanhã

1 RTP

2 RTP

8.00: Bom Dia Portugal; 9.30: Desenhos Animados; 10.00: Gente e Ideias; 10.30: Vale a Pena Ver de Novo — «Lili»; 11.30: Artistas; 12.00: «Baila Comigo»; 13.00: Jornal da Tarde; das 13.35 às 17.30: Ciclo Preparatório TV; 18.20: Tempo dos Mais Novos; 19.00: Gato Por Lebre — programa da responsabilidade da DECO; 19.30: Tur/82; 19.55: O Tempo; 20.00: Telejornal; 20.30: «Gente Fina é Outra Coisa»; 21.30: «A Balada de Hill Street»; 22.30: Últimas Notícias.

GRUNDIG
a segurança de um grande nome
seleccionou para si...

1 RTP

Concurso Toma Lá Dá Cá (20.40)

2 RTP

«Nanny» (21.20)

...e sugere para hoje...

2 RTP

«CABOCLO»

Os homens de Justino forçam Felício e a sua família a retirarem todos os pertences de casa. Emerenciana repete Luís porque não deixa de olhar para Zuca. Felício deixa as terras acompanhado da mulher e Tina, enquanto os homens de Justino riem. Belinha diz a Ritinha que não irá encontrar-se mais com Neco, pois não tem coragem de enfrentar o pai. Boanerges conversa com Luís sobre os seus planos de casar Belinha com o filho de um homem da sua confiança, pois pretende unir as fortunas e a força política. Justina chega à loja de Zaqueu e explica aos caboclos que ocupou as terras de Felício, porque eram suas por direito. Tobias diz aos pais de Zuca que pretende construir uma casa nas terras de seu pai. Boanerges manda Nastácio reunir os seus homens para tomar a casa de Felício, ocupada pelos homens do coronel Justino.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Tel. 2871

Rua Tenente Raul
Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telef. 661515/669205

teatro
do barro
alto



Curta série
de espectáculos

DE 4.ª A SÁBADO ÀS 21 HORAS, DOMINGO ÀS 16.30 HORAS.

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE OEIRAS

ANÚNCIO

Proc.º n.º 81/82 1.ª Secção 3.º Juízo

Faz-se público que foi distribuída nestes Juízo e Secção, instaurada pelo M.º P.º, Acção Especial contra João Gaspar Lourenço Antunes, solteiro, maior, residente na Calçada do Rio, n.º 16-1.º, -Esq.º, em Algas, para o efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica.

Oeiras, 20 de Outubro de 1982

O Juiz de Direito,
(José Nuno de Almeida Valadas)

O Escrivão de Direito,
(António Lopes Henriques)

roteiro cultural

Teatro

«Corda Bamba», espectáculo para a infância inspirado na novela do mesmo título da escritora brasileira Lydia Bojunga Nunes, estreia amanhã em Évora, pelas 21.30 no Teatro Garcia de Resende. É uma encenação de José Caldas, com cenários e figurinos de António Palolo e música e adereços de José Bessa. A interpretação está a cargo dos actores Alvaro Corte Real, Amélia Varejão, Ana Meira, Isabel Bilou, José Bessa, Pedro Hestnes Ferreira e Vitor Zambujo.

Por motivo de doença do actor João Guedes, o Teatro Estúdio de Lisboa viu-se obrigado a interromper a carreira da peça «A classe dominante», em cena no Vasco Santana desde Junho passado.

Livros

Realiza-se hoje, às 21.15, no Teatro da Comuna (à Praça de Espanha) a sessão de lançamento do novo livro de José Saramago, «Memorial do Convento».

Música

Hoje, às 21.30, na Igreja do

Loreto, a Orquestra Gulbenkian, sob a direcção de Claudio Scimone, tendo como solistas June Anderson e Anastasia Schepis (sopranos) e Sandra Browne (contralto), interpreta a obra de Durante, «A Cantata de Santo António». O mesmo programa será repetido amanhã, às 18.30, no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian.

Colóquios

Um colóquio sobre «Física e Arqueologia: origens do megalitismo europeu», orientado por F. Bragança Gil, realiza-se hoje, às 17 horas, no IFM-Complexo II (INIC), à Av. Prof. Gama Pinto, 2, em Lisboa.

Exposições

A exposição «Colectiva 82» é hoje inaugurada, às 19 horas, na Galeria Quadrum (R. Alberto de Oliveira-Coruchéus-Alvalade). Participam 39 artistas: Nadir Afonso, Angela, Fernando de Azevedo, Manuel Baptista, Fernando Calhau, Carlos Calvet, Graçinda Candeias, Cargaleiro, Alberto Carneiro, José Carvalho, Charrua, Vasco Costa,



«Corda Bamba», espectáculo para a infância, estreia amanhã em Évora

Dourdil, Cruz Filipe, Victor Fortes, Eurico Gonçalves, José de Guimarães, Hogan, Ana Isabel, Isabel Laginhas, Álvaro Lapa, Gil Teixeira Lopes, Menés, Graça Morais, Eduardo Nery, Nikias, Sá No-

gueira, A. Palolo, Jorge Pinheiro, Rocha Pinto, Júlio Resende, Joaquim Rodrigo, Julião Sarmento, António Sena, Jaime Silva, Nuno Siqueira, Angelo de Sousa, Salette Tavares, João Vieira, Pires

Vieira. A exposição estará patente ao público até 27 de Novembro, e poderá ser visitada todos os dias das 10 às 13 e das 15 às 19 horas (excepto aos domingos), e aos sábados das 15 às 19.

Em comemoração dos 80 anos do pintor Júlio, a Galeria S. Mamede organizou a exposição «Aquarela e Desenho-Obras Recentes». A mostra é hoje inaugurada, às 22 horas, na Galeria Ana Isabel (R. da Emenda, 111, 1.º). Este álbum contém 14 reproduções serigráficas, de uma série de peças de pequenas dimensões realizadas pelo artista nas diversas localidades onde viveu e trabalhou.

Um álbum de João Grijó dos Santos é hoje lançado, às 22 horas, na Galeria Ana Isabel (R. da Emenda, 111, 1.º). Este álbum contém 14 reproduções serigráficas, de uma série de peças de pequenas dimensões realizadas pelo artista nas diversas localidades onde viveu e trabalhou.

Os «Dias da Bulgária» vão decorrer em conformidade com a agenda de 4 a 14 de Novembro. Integrada nas comemorações, é hoje inaugurada, às 21.30, na Galeria Municipal, uma exposição sobre a República Popular Búlgara.

BARREIRO



PAULO DA COSTA BENEVIDES

MISSA DO 7.º DIA E AGRADECIMENTO

Sua mulher, filhos e demais família vêm por este meio agradecer a todos que o acompanharam à sua última morada, o seu muito querido marido, pai e parente e bem assim a quantos de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar.

Participam que no dia 5 (sexta-feira), pelas 18.30 horas, na Igreja de Santa Maria no Barreiro, será celebrada missa pelo seu eterno descanso.

Tratou a Agência Alves Rodrigues
Telef. 207 34 58

STAR

UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00: Ovo de Colombo; 19.00: Música; 20.00: Programa da noite; 20.15: «Os Miseráveis», de Victor Hugo; 21.00: A viver também se aprende; 21.30: Livre e directo; 23.00: Actualidade - travessia. Notícias intercalares às 18.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.30: Que quer ouvir?; 17.00: Os olhos férteis; 17.30: Estudos de execução transcendente; 18.05: Música portuguesa; 19.00: Para além da leitura; 19.45: Música de arco; 20.10: Eternidade; 21.00: Mesa redonda; 22.30: Canções; 22.55: Música de Beethoven; 00.07: Solos de viola dedilhada; 00.27: Divertimento em sol maior, K. 63, de Mozart; 01.00: Fecho.

Rádio Comercial (263, 290 e 397m)

17.00: Sortido fino; 20.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Mensagens bíblicas - diálogo; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: Som da frente; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Musicando; 21.00: Abandajazz; 22.00: Café concerto. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

OM e FM de Lisboa

16.00: Aqui e agora; 17.00: Jornal da mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.20: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço; 19.03: Programa da LAR; 20.00: Dé no vinte; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Pentagrama; 22.00: Diálogo e vida; 22.30: Máquinas ao vivo; 23.05: Autarquias/82; 23.55: Meditando. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 21.00 e 22.00 horas.

Onda Média de Muge e Porto

Programa igual ao de OM e FM de Lisboa, excepto nos seguintes casos: 16.00: Todos à uma; 21.00: Programas culturais; 21.30: Via Láctea.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13 569

HORIZONTAIS:

- Numeral cardinal. Índoles.
- Instrumentos musicais. Claridade.
- Segundo. Nota musical. Vigorosa. Escamece.
- Freguesia do concelho de Amarante. Paixão.
- Rugido. Letra grega.
- Morres.
- Despida. Concede.
- Senhora. Forma antiga de Sara (deserto). Alumínio (s.q.).
- Acertara casualmente.
- Levamos à sirga. Página.
- Catedrais. Corada.

VERTICAIS:

- Semelhantes. Artigo definido.
- Preparar com ópio. Roa.
- Dois em romano. Górgios.
- Grande sala. Batráquio aquático.
- Recusa. Executam.
- Medida japonesa igual a dois decímetros. Bário (s.q.). Suplica (inv).
- Catalfalco. Cabo da costa de Portugal.
- Desviar de um lugar.
- Idem. Estaleiro. Penetra em furos.
- Metal precioso de cor amarela. Enal. Preposição latina que designa movimento.
- Foras para fora. Aliança.

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9429

HORIZONTAIS:

- Post scriptum. Nome de mulher. Miriara.
- Medida de líquidos usada na Alemanha. Preposição. Igual.
- Chefe etíope. Executará.
- Economizaram.
- Freguesia do concelho e distrito de Coimbra. Inflamação da íris.
- Encoleriza. Carta de jogar.
- Gorgulhos tropicais.
- Tempo do verbo ir. Crómio (s.q.). Uma das Cíclades.
- Coisa (ant.). Lê mal.
- Magnete natural. Estive unido por aderência.
- Curamos. Pedras de moinhos.

VERTICAIS:

- O mesmo que bêtele. Mau cheiro. Caminharás.
- Rio de França e da Alemanha. Acredita.
- Nome de mulher. Emir.
- Sensatas. Miriara.
- Antes de Cristo. Querido. Figura que simboliza o povo americano.
- Suplica. Instrumento para atirar setas.
- Prefixo de negação. Quinhentos e um em romano. Tiras.
- Inventarás. Espera deferimento.
- Cidade de França. Parcela (fig).
- Revolucionário francês que foi morto no banho por Carlota Corday. Seco muito pelo calor.
- Fios metálicos. Vais para fora.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 568

HORIZONTAIS:

- PRIMEIRO Ce.
- Aura. Reis.
- Amarava.
- AC. Acataras.
- Ela. Aras.
- Dia. Grã. Ca.
- Mês. Voa. Pás.
- Op. Coa. Rios.
- Omas. NÓS.
- Fiap. CÁP.
- Assara. Ames.

VERTICAIS:

- Paras. Mo. Fa.
- Ru. DEPOIS.
- Iró. Eis. Pás.
- Ma. Ala! Cama.
- ACA. VOS.
- Imã. VOS.
- Imã. VOS.
- Imã. VOS.
- Imã. VOS.
- Imã. VOS.
- Imã. VOS.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9428

HORIZONTAIS:

- Axiaca. Arta.
- Nan. Apurais.
- Dras. AR. Sra.
- Aa. Carroças.
- Lua. Uta. Ar.
- Ampararam.
- Zela. Má.
- Selos.
- Anos. Nola.
- Ari. Anda.
- Rugoso. Róis.

VERTICAIS:

- Andaluzia.
- Xarau. Nau.
- Ina. Alborg.
- SC Ma. Sio.
- Ca. Pua.
- Apartamento.
- Urrar. Lo.
- Ar. Atolar.
- Rascar. Sano.
- Tiraram. DI.
- Asas. Marras.

Provérbio: PRIMEIRO NÓS, DEPOIS VÓS.



COTAÇÕES DAS NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	68\$30	74\$30	
ALEMANHA FED. (marco)	35\$10	36\$20	
ÁUSTRIA (xelim)	4\$90	5\$10	
BÉLGICA (franco)	1\$846	1\$846	
BRASIL (cruzeiro)	\$112	\$362	
CANADÁ (dólar - notas de 1 e 2)	73\$20	75\$20	
(notas de 5 a 1000)	73\$70	75\$70	
DINAMARCA (coroa)	10\$00	10\$40	
ESPAÑA (peseta)	\$709	\$829	
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	89\$55	91\$55	
(notas de 5 a 1000)	90\$05	92\$05	
FINLÂNDIA (marka)	16\$25	16\$85	
FRANÇA (franco)	12\$45	13\$15	
HOLANDA (florim)	32\$25	33\$25	
INGLATERRA (libra)	151\$10	155\$10	
IRLÂNDIA (libra)	119\$95	123\$95	
ITALIA (lira)	\$056	\$066	
JAPÃO (iene)	\$295	\$330	
NORUEGA (coroa)	12\$40	12\$90	
SUECIA (coroa)	12\$05	12\$65	
SUIÇA (franco)	40\$80	41\$90	
VENEZUELA (bolivar)	18\$45	19\$45	

Observações

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

cartaz de cinemas e teatros



Uma cena do filme «Atlantic City» em exibição no cinema Quarteto

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.15 e 23.15
LOUCAMENTE APAIXONADO
 - Para Todos

SALA B

Às 14.45, 17.30 e 21
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
 - N. ac. men. 13 a.
 Às 23
007, VIVE E DEIXA MORRER

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19

Às 14, 16.30, 19
A GUERRA DOS BOTOES
 Para todos

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30
 e 23.30 - Int. men. 18 a.
MONTEGRO
 Um filme de Dusan Makanejen

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
 - Int. men. 13 a.
A LICEAL, O DIABO E A
ÁGUA BENTA

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
A GUERRA DO FOGO
 13.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - Int. men. 13 a.
PELA MEDIDA GRANDE

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
DOIDO POR ELA
 2.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
ESPLendor NA RELVA
 - Int. men. 13 a.

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
 - Int. men. 18 a.
A CRIADINHA FRANCESA
 Às 24 - Int. men. 13 a.
CHAMAM-ME DÓLARES

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
 - Int. men. 18 a.
PORKY'S
 26.ª Semana
 Às 24
O JUSTICEIRO DA NOITE
 Int. men. 18 anos

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
 - N. ac. men. 18 a.
O PAI DE BRUCE LEE
 c/ Bruce Lee, Ching Chin Min
 e Chang Knei

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - Int. men. 13 a.

PERIGO NA SOMBRA

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
STAR TREK II, A IRA
DE KHAN

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30 e 18.30 - N. ac. men. 18 a.
 - N. ac. men. 18 a.
O AMIGO AMERICANO
 Às 21.30 - N. ac. men. 18 a.
A ODISSEIA DO SUBMARINO 96

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19 e 21.30
 - Int. men. 13 a.
REGRESSO À BEM-AMADA

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 21.30 - Int. men. 13 a.
FIREFOX
 Às 15.15 e 18.30 - N. ac. men. 18 a.
A ODISSEIA DO SUBMARINO 96

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - Int. men. 13 a.
OS HOMENS QUE EU AMEI
 2.ª Semana

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

Encerrado para férias em 1/6/82

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15.30 e 21.30 - N. ac. men. 13 a.
 - N. ac. men. 13 a.
INTRIGAS DE AMOR

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
 - N. ac. men. 18 a.
ESTADO DE GUERRA
 2.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15 e 21.30
 - N. ac. men. 18 a.
A FACE DO PODER
 Às 18.30 e 23.45
CICLO DE CINEMA JAZZ

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
 - N. ac. men. 18 anos
OS TOIROS DE MARY FOSTER

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

- N. ac. men. 13 a.
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
A ILHA AZUL
 4.ª Semana

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
YOL
 - Int. men. 13 a.

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
A FÚRIA DE VENCER
 - Int. men. 13 a.

SALA 3

Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
 - N. ac. men. 13 a.
ATLANTIC CITY, USA

SALA 4

Às 14, 16.30, 19, 21.15 e 23.30
 - N. ac. men. 18 a.
NOITES ESCALDANTES

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
 - N. ac. men. 18 a.
O DIA DO PERDÃO
 c/ Roger Hanin, Clid Goldsmith
 e J. L. Trintignant

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
GALAXIA

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
 - N. ac. men. 18 a.
POLTERGEIST, O FENÓMENO
 2.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.45

- N. ac. men. 13 a.
 - Para Todos
LOUCAMENTE APAIXONADO
 4.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 13.45, 17.30 e 21.15
REDS
 c/ Warren Beatty e Diane Keaton
 - N. ac. men. 13 a.
 32.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
 - Int. men. 18 a.
UM ESTRANHO PUDOR
 2.ª semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos
Junto ao n.º 68

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
 - N. ac. men. 18 a.
POLTERGEIST, O FENÓMENO
 Um filme de Steven Spielberg

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
OS DEUSES DEVEM ESTAR
LOUCOS
 - N. ac. men. 13 a.

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
 - N. ac. men. 18 a.

NOITES ESCALDANTES

4.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 18 a.
PINK FLOYDS - THE WALL
 2.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 679

Às 14.30, 18 e 21.30
UNS E... OS OUTROS
 - N. ac. men. 13 a.
 2.º Ano

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
FÚRIA DE VENCER

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - «Monte Negro», às 21.30 (18 anos)
ALFA 2 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)

ALFA 3 - «Pink Floyd - The Wall», às 21.30 (18 anos)
MUNDIAL - «Star Trek II, a Ira de Khan», às 21.30 (13 anos)

CITY CINE - «A Odisseia do Submarino 96», às 21.30 (13 anos)
POLITEAMA - «Firefox», às 21.30 (13 anos)

ROYAL - «Os Gansos Selvagens», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA - «Violência Canibal», às 21.30 (18 anos)

OLIMPIA - «Sexo Espacial» - Sessões permanentes (18 anos)
RETELO - «A Turma dos Malandros», às 21.30 (13 anos)

2000 - «O Segredo de Ninja», às 21.30 (18 anos)
CAPITÓLIO - «Modelo de Luxúria», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÊS - Stadium - «Agente Secreto 007», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «O Terrapão», às 21.15 (18 anos)

OEIRAS - Oeiras-Cine - «Praia Sangrenta», às 21.15 (18 anos)
PARADE - Royal-Cine - «Força por Força», às 21.15 (13 anos)

ESTORIL - Casino - «As Belas São Assasadas», às 17.00 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL - Palácio - «Tess», às 21.15 (13 anos)

CASCAIS - Oxford - «Rocky III», às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

COSTA DE CAPARICA - Silcine - «Os Guerreiros da Fórmula I», às 21.30 (13 anos)

ALMADA - Cine-Estúdio - «American Gigolo», às 21.30 (18 anos)
ALMADA - Incrível - «40, Idade Perigosa», às 21.15 (18 anos)

ALMADA - Academia - «O Casamento de Maria Braun», às 21.15 (18 anos)
TRAFARIA - Pavilhão Jardim - «Gar-

tas para Todo o Serviço», às 21.15 (18 anos)

SETUBAL - Júpiter - «A Enfermeira dos Generais», às 21.15 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - D. João V - «Brigada Mundana», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Cine-Plaza - «A Odisseia do Submarino 96», às 21.30 (18 anos)

AMADORA - Lido - «O Dragão Ataca», às 21.30 (18 anos)
AMADORA - Cineestúdio - «Querida Esposa», às 21.30 (13 anos)

CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «O Solteirão Amansado», às 21.30 (13 anos)

Porto

ÁGUA - «O Ladrão», às 21.30 (13 anos)
RAIONE - «O Clarim da Revolta», às 21.30 (13 anos)

ESTÚDIO - «Um Caso Estranho», às 21.30 (13 anos)
TERÇO - «A Invasão dos Violadores», às 21.30 (18 anos)

COLISEU - «Star Trek II», às 21.30 (13 anos)
BATALHA - «Firefox», às 21.45 (13 anos)

SÁ DA BANDEIRA - «Perigo Sexual», às 21.30 (18 anos)
OLIMPIA - «Cada Bala Tem um Nome», às 21.30 (13 anos)

FOCO - «The Wall», às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO - «Mercenários por Conta Própria», às 21.30 (18 anos)

JÚLIO DINIS - «As Sete Portas do Inferno», às 21.30 (18 anos)
TRINDADE - «O Fenômeno», às 21.30 (13 anos)

BEBE - «Anos de Chumbo», às 21.45 (13 anos)
OLIMPIA - «Afinal Eles São Eles», às 21.30 (18 anos)

CHAPLIN - «Música Pelo Caminho», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT - «A Odisseia do Submarino 96», às 21.30 (18 anos)

LUMIÈRE-A - «Violência Selvagem», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L - «Viva James Bond», às 21.45 (13 anos)

PEDRO CEM - «Uns e... os Outros», às 21.30 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ALVALADE: Marbel, Av. de Roma, 131-A (T. 776235); **ANJOS - CHILE**: Castro, Av. Almirante Reis, 82 (T. 821973); **CAMINHOS DE FERRO**: Vilalobos Santos, R. Cruz de Santa Apolónia, 90-92 (T. 847019); **CASTELO**: Bastos Andrade, C. Santo André, 107 (T. 860450); **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA**: Santos Silva, zona n.º 2 de Chelas, bloco III, lote 226, loja 22 (T. 386255); **CONDE BARÃO**: Açores, L. Conde Barão, 2 (T. 661330); **LAPA**: Neves, R. Bela Vista, à Lapa, 37 (T. 661251); **REGO**: G. Silva, R. Francisco T. Costa, 3-A-C (T. 771873); **RIO SECO**: Biotiff, R. D. João de Castro, 27-B (T. 638824); **ROMA - TEATRO MARIA MATOS**: São João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); **SALDA-NHA**: Cardelira, Av. Duque de Ávila, 32-C (T. 43495); **ALGÊS**: Miramar, R. Ernesto da Silva, 83 (T. 2112048); **ODI-**

teatros

Lisboa

D. MARIA II - «A História do Soldado», às 21.45 (13 anos)

ABC - «É Sempre a Viar», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

VASCO SANTANA - «A Classe Dominante», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA - «Sem Rei Nem Rock», às 20.30 e 22.45 (18 anos)

MONUMENTAL - «Pal Precisa-se», às 21.30 (13 anos)
TEATRO ABERTO - «Oçam Como Eu Respiro», às 21.30 (18 anos)

BAIRRO ALTO - «O Labirinto de Creta», às 21.00 (13 anos)
TRINDADE - «O Processo de Jesus», às 21.30 (6 anos)

Porto

CAMPO ALEGRE - «Um Cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)

VELAS: Joleni, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 910812); **PONTINHA**: Cruz Correia, E. Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO

ALCANTARA: Nogueira, R. de Alcântara, 5-A-B (T. 637563); **AVENIDA DA REPÚBLICA**: Campo Pequeno: Alcântara, Av. da República, 74-A (T. 771379); **BAIRRO ALTO**: Pinharanda, R. da Rosa, 94-96 (T. 321534); **CAMPO D'OURIQUE**: Porfírio, R. Francisco Metras, 59-B (T. 663349); **CHILE**: Bastos, R. Morais Soares, 91-D (T. 844350); **CONDE REDONDO**: Salus, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 42239); **EN-CARNAÇÃO**: Ascenso, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **LUMIAR**: São Tomé, E. do Desvio, lote 12-A (T. 790704); **PICHELEIRA**: Mariz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **PRAÇA DE LONDRES**: Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (T. 886860); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA**: Sousa, E. de Benfica, 429-431 (T. 780027); **SÃO SEBASTIÃO**: São Sebastião, L. São Sebastião da Pedreira, 4-3 (T. 548642); **BRANDOA**: Correia, E. Principal, lote 172 (T. 993148); **BURACA**: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **PRIOR VELHO**: Matos, T. Prioras (T. 2519939).

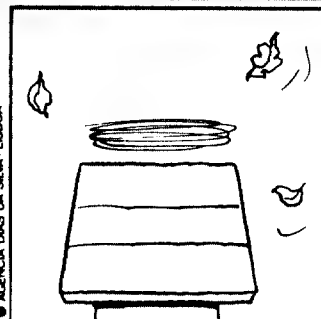
Linha de Cascais

TIRÉS: Guimarães, L. Duarte, lote A-r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHÊ**: Carvalho, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO**: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MAL**

DL

Atendimento, composição e impressão:
REDAÇÃO GRÁFICA S&L
 Administração, Redacção, Serviços Técnicos
 e Publicidade
 RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
 Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
 Publicidade: 320740
 Agências, Arquiteturas e Contabilidades
 Rua Castilho, 185-1 - 1800 LISBOA
 Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
 Porteiro: 321154
 Redacção: 320271/2/3
 Mensagens gravadas: 320229
 Endereço telefónico DIBOA
 Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
 Delegação do Porto
 Rua do Armado, 30-2 - 4000 PORTO
 Telefones: 20954/5



O TEMPO			
MARES DE HOJE			
PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.36	4,2 m	10.19	0,8 m
17 01	4,1 m	22.37	1,0 m
Dia 5			
5.21	4,1 m	11.06	1,0 m
17 50	3,9 m	23.24	1,2 m
TEMPERATURA DO AR			
AS 9 HORAS			
Viana do Castelo		14°	
Bragança		8°	
Vila Real		11°	
Porto		14°	
P. Douradas		10°	
Coimbra		16°	
C. Carvoeiro		15°	
Portalegre		14°	
Lisboa		14°	
Évora		15°	
Beja		15°	
Sagres		17°	
Faro		18°	
P. Delgada		15°	
Funchal		19°	

últimas

CARTEIRISTA ALVEJADO com um tiro pela vítima a quem foi subtraída a carteira com catorze contos na Estação do Metropolitano da Rotunda, encontra-se internado em estado grave no Hospital de S. José. Tem 25 anos e chama-se Vasco Silvestre Lopes Mega, residente na Rua de Angola em Lisboa. Fazia parte de um grupo de três indivíduos, dois dos quais se puseram em fuga, depois de o reformado dos CTT, Eduardo Costeira Bernardo, de 54 anos, ter dado pelo furto. Sacando da pistola tenta reaver a carteira com intimidação mas na luta que se trava entre os dois a bala partiu alojando-se no peito do Mega. O juiz de Instrução Criminal vai esta tarde decidir da situação de cada um dos dois detidos.

FALSO DENTISTA actuava há anos na Rua Coelho da Rocha em Campo de Ourique, um dos bairros típicos de Lisboa. Com 30 anos, Luís Baião, foi detido pela PSP quando no seu consultório devidamente equipado, procedia à extracção do dente de um cliente. Ficou admirado com o aparecimento da Polícia pois trabalhava há 8 anos, sem que alguém o incomodasse.

AMIGOS DE MONSANTO EM FESTA amanhã no Cine-Teatro da Encarnação em Lisboa, com um grande espectáculo de variedades. Objectivo de grande alcance social: angariação de fundos para o Lar da Terceira Idade a criar em Monsanto - A Aldeia mais portuguesa de Portugal.

IRANIANO PEDE ASILO POLITICO estando as autoridades portuguesas a estudar as condições e circunstâncias que levaram Seyd Hosseyn Yalaleyna a formular tal desejo. Chegou a Lisboa há duas semanas poucos dias depois apresentou-se na PSP onde formulou o pedido.

Rallye do Algarve principiou esta manhã

Com partida de Vilamoura, está a decorrer desde as 9 horas o Rallye do Algarve, prova integrada no Campeonato da Europa de Rallyes, com o coeficiente 2, e também no Campeonato Nacional. Ambas as competições têm já vencedores certos pelo que esta prova valerá apenas por si própria, uma vez que não contribui decisivamente para qualquer dos títulos.

Dos 125 concorrentes inscritos apresentaram-se apenas 101 à partida.

Santinho Mendes, vencedor do ano passado é um dos favoritos, juntamente com o inglês Malcolm Wilson, o alemão Schweizer e os portugueses Carlos Torres, Joaquim Santos, Carlos Fontainhas e Inverno Amaral.

A prova tem uma extensão de 1531 quilómetros, divididos em três etapas com cerca de 550 quilómetros num total de 30 provas classificativas.

"Rompeu-se a trégua"

Comandante da divisão "Brunete" morto esta manhã em Madrid

O atentado que vitimou esta manhã o general de divisão, Victor Lago Roman, oficial que chefiava a divisão blindada "Brunete", veio romper a trégua e adensar o clima político em Espanha. Ao escolherem como alvo o chefe militar da mais poderosa divisão do exército espanhol, os terroristas vibraram um duro golpe na sociedade castrense, que poderá tornar ainda mais difícil o diálogo entre os militares e o futuro presidente do Governo, Felipe Gonzalez.

Cerca das 7.30 horas tmG, um carro de cor negra, ostentando um galhardete com duas estrelas, de fácil identificação, passava, sem escolta, junto ao Arco do Triunfo, uma das entradas da capital espanhola. Andando em marcha lenta, devido ao intenso tráfego que àquela hora se faz sentir, o carro do general Lago Roman era um alvo fácil.

Uma motorizada, transportando dois jovens deambula por entre as compactas filas de veículos e aproxima-se pela direita. De repente, os disparos. O general, sentado no banco de trás, junto à porta direita, é atingido. A moto aumenta a velocidade, e o pára-brisa sofre agora os impactos das balas de calibre nove disparadas por uma "Parabellum" geralmente utilizada pela ETA. A toda a velocidade a moto escapa-se por entre o intenso tráfego.

Assim se consumava mais um atentado, o primeiro contra uma alta patente militar desde a vitória do PSOE nas eleições do passado dia 28 de Outubro.

De imediato, forças da polícia de viação e guardas civis montaram controlos nas estradas. Mas, até ao momento, deste atentado, ainda não reivindicado, apenas se sabe o balanço: um general morto e um soldado ligeiramente ferido.

O atentado é a conjuntura política

Esta acção contra uma alta patente do exército surge num delicado momento da vida política espanhola: o período de transição pós-eleitoral.

Ainda ontem o futuro presidente do governo de Madrid, Felipe Gonzalez, após um encontro com Calvo Sotelo, presidente em exercício do governo espanhol, referiu aos jornalistas que esperava que os "grupos violentos" tivessem qualquer tipo de racionalidade. «O clima que existe permite abrigar esperanças e abordar os problemas económicos que são muito importantes», referiu o dirigente do PSOE.

Menos de vinte e quatro horas o atentado a um militar conhecido como duro mas leal, comandante da mais importante unidade do exército espanhol e, segundo fontes por nós contactadas, a mais infiltrada por elementos golpistas, veio alterar o quadro, um pouco edílico, de que falava Felipe Gonzalez.

Em Madrid, vivia-se hoje de manhã um clima de desencanto e temor. «Rompeu-se a

trégua», disse-nos, algo emocionado, um jornalista de «El País». A mesma fonte sublinhou-nos que o atentado desta manhã era mais uma provocação contra os militares.

E, como sublinhou o nosso interlocutor, nada se sabe do «estado de espírito» nos quartéis. «Não deve ser bom», precisou.

E precisamente sobre o comportamento dos quartéis que incide agora a preocupação dos observadores e políticos espanhóis. Destes últimos, três já manifestaram o seu repúdio por mais esta acção violenta. As palavras de Calvo Sotelo, Fraga Iribarne, líder da Aliança Popular, e Tierno Galvan, o alcalde socialista de Madrid, foram unânimes na condenação do acto.

Só que, para os militares, a condenação não poderá bastar. A exigência de uma repressão ao movimento terrorista e a adopção de medidas de excepção, desvirtuadoras de qualquer regime democrático, serão de novo ouvidas em Espanha.

E, as medidas porventura defendidas pelos círculos militares direitistas, nada terão a ver com os princípios básicos para a política militar, ontem defendida pelo secretário-geral do PSOE: o artigo oitavo da constituição espanhola, que estabelece como missão das forças armadas a «garantia da soberania e a independência de Espanha, defendendo a sua integridade territorial e o ordenamento constitucional».

AR: UEDS sobre ANOP

Resposta de Alfaia não teve aplausos da AD

«Sejam capazes, numa palavra, de se demitir» — assim concluiu o deputado Lopes Cardoso, da UEDS, a interpegação ao Governo sobre política geral de Comunicação Social, cuja tónica se situou na situação problemática da ANOP, isto é, na sua eventual extinção por determinação do Executivo AD.

Lopes Cardoso diria que «se há um sector da vida colectiva que, mais do que qualquer outro, permite aquilatar do grau de democraticidade do regime, esse sector é, sem dúvida, o da Comunicação Social».

E isso porque «a liberdade de informação é sempre o alvo privilegiado dos sectores totalitários — e o controlo dos meios de Comunicação Social a meta apetecida de todos quantos, por uma via ou outra, pretendem assegurar a sua hegemonia política, cultural e económica».

Lopes Cardoso acrescentaria ainda que «o modo de agir deste Governo na Comunicação Social tem sido re-

petidamente o mesmo, com etapas claramente se demarcam no tempo».

E especificou:

«Domesticar os jornalistas, enquadrar os insubmissos entre chefes, subchefes e contrachefes, cortar aos rebeldes os meios indispensáveis ao exercício da sua profissão — são, na verdade, as sucessivas etapas que o Governo não hesita em percorrer sempre que necessário para alcançar os seus fins. Quando a primeira fase não resulta, e os jornalistas não se deixam domesticar e amedrontar, o Governo lança mão dos seus capatazes, quadros de incompetentes ou aprendizes que nas Redacções tentam tomar os jornais. Se mesmo assim as Redacções não são silenciadas, o Governo passa a outra fase: retira aos jornalistas os meios indispensáveis ao exercício da sua actividade».

E ainda:

«Os agentes da informação governamental esses não sofrem por falta de meios — porque sabem as notícias que a AD quer, quando a AD quer, como a AD quer».

Lopes Cardoso adiantaria ainda que quando o Governo não atinge os seus objectivos, entra então na última e derradeira fase, extinguindo as Redacções. «Foi — disse — o caminho percorrido pela Informação 2 da RTP — e é o percurso que o Governo quer fazer percorrer à ANOP».

José Alfaia respondeu, apelando à oposição democrática, mas verificou-se algo que o embaraçou: quando terminou o seu discurso não houve aplausos de nenhum quadrante. A própria maioria governamental se manteve silenciosa, com Alfaia um tanto confuso na tribuna.

Presentes do Governo Marcelo Rebelo de Sousa, Meneres Pimentel e Luís Barbosa.

Garantiu a Secretaria da Emigração

França continua a não exigir vistos de entrada a portugueses

As condições de entrada dos portugueses em França continuarão a ser idênticas às dos cidadãos de outros países, não se confirmando assim as notícias postas a circular esta manhã em Lisboa, a partir das quais o Governo daquele país passaria a exigir a apresentação de vistos aos portugueses bem como aos naturais dos Estados do Norte da Europa e da América Latina, segundo afirmou ao «DL» um porta-voz da Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades.

Da mesma forma um informador do Ministério dos Negócios Estrangeiros português afirmou ao nosso jornal que o executivo de Pinto Balsemão não tinha conhecimento de qualquer alteração ao acordo existente entre os dois países neste capítulo, o qual data de 1952 e determina que o

mesmo só poderá ser denunciado por qualquer das partes desde que para tal seja apresentado um pré-aviso com dois meses de antecedência. «Facto que até hoje ainda não aconteceu», frisou a mesma fonte.

As notícias relacionadas com a exigência de vistos teriam sido divulgadas, de acordo com a ANOP, pelas emissoras de rádio francesas, com base em declarações feitas na última quarta-feira pelo ministro gaulês dos Negócios Estrangeiros, Claude Cheysson, durante uma reunião tida com a Comissão representativa dos emigrantes franceses, organismo equivalente ao Conselho das Comunidades em Portugal. A eventual medida teria por objectivo um maior controlo fronteiriço para o combate à emigração clandestina e ao terrorismo internacional.

Militares na reserva esta noite num hotel de Lisboa

Uma fonte militar afirmou-nos esta manhã desconhecer uma denominada «Comissão Central dos Três Ramos das Forças Armadas» que esta noite convocou uma reunião para o auditório do Hotel Roma, destinada a analisar a «evolução da situação» e o «estudo das modalidades de acção a tomar».

A mesma fonte sublinhou-nos ainda, não existir qualquer órgão

com esta designação ou outra semelhante que seja indicado e represente a melhor via para a resolução de quaisquer problemas militares eventualmente existentes.

Presume-se que esta reunião diga respeito a um certo número de militares saneados no 25 de Abril e que ainda não viram «a sua situação resolvida».

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

- 1.º PRÉMIO — 496 — 54 000 CONTOS
- 2.º PRÉMIO — 30 610 — 18 000 CONTOS
- 3.º PRÉMIO — 2 996 — 6 000 CONTOS

Todos os 3 prémios grandes foram vendidos aos balcões da CASA DA SORTE

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA, BRAGA, PORTO, AVEIRO, COIMBRA, SETÚBAL, FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

495 — 575.100€
497 — 575.100€

PRÉMIOS DE 180 CONTOS

338; 630; 722; 2 637; 10 953; 13 389; 14 093; 15 932; 20 762; 22 801; 25 331; 26 941; 30 093; 30 632; 33 488; 34 330; 36 008; 40 249; 42 104; 45 286; 46 158; 48 284; 48 640; 49 213; 49 887; 50 448; 52 511; 54 226; 55 296; 56 139; 56 952; 60 458; 62 212; 62 825; 65 249; 68 932; 69 714; 70 438; 71 028; 71 736; 73 934; 74 695; 76 965; 77 107; 77 152.

PRÉMIOS AOS ALCARISMOS FINAIS

24.000€ — 010; 040; 065; 254; 646; 652; 716 • 933.
18.000€ — 496; 610 • 996.
9.000€ — 72 • 95.
4.200€ — 6 (terminação)

PRÉMIOS DE 9.000€ (CENTENAS)

401 a 500; 2 901 a 3 000; 30 601 a 30 700.

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 04 / 05 / 83

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

Lisboa, 04 / 11 / 82

«O Lavrador de Ilhas» de J. H. Santos Barros

Luís-de Miranda Rocha

O Lavrador de Ilhas», assim se titula um dos últimos lançamentos da SREC dos Açores na sua colecção Gaivota. É uma colectânea de escritos de J.H. Santos Barros e traz na capa a indicação de que se trata de um primeiro volume; na página sete, a indicação de que os escritos datam de 1977 a 1980. Subtítulo do conjunto: «A Literatura Açoriana Hoje».

É preciso assinalar, antes de mais, a importância deste livro — e para dar uma ideia talvez baste dizer que nunca até agora nos Açores se tinha publicado trabalho de tal teor, ou, pelo menos, com as dimensões e as proporções com que este se apresenta.

Reúnem-se aqui os escritos ensaísticos e críticos, de comentário ou simplesmente recensivos, sobre temas, autores e livros açorianos, pre-textos e referências os mais deles dos anos recentes — embora as atenções se alarguem a nomes do princípio deste século ou do século passado (Roberto de Mesquita e Antero de Quental) e até do século XVI (Gaspar Frutuoso). Todavia, é da produção literária açoriana dos últimos anos que fundamentalmente se trata. Só que a reflexão sobre os textos dos últimos anos faz-se com recurso constante à tradição remontante ao passado, bem como, certamente, com apoio de referências culturais continentais e europeias tanto da tradição como da actualidade.

Disse «produção literária» e não «literatura açoriana», e, no entanto, deve assinalar-se desde já que o autor usa de preferência a segunda expressão, superando (ou passando à margem de) a questão de saber se existe (ou há) ou não uma literatura açoriana. Esta questão não é recente, mas a história dela tem alguns momentos mortos mais ou menos demorados, e mais ou menos longos e largos períodos de silêncio, resumindo-se a sua bibliografia afinal a uma dezena, uma dúzia ou uma dezena e meia, ou pouco mais, de opúsculos, prefácios e escritos dispersos por jornais e revistas. Nos últimos anos reacendeu-se e terá vivido (ou, de preferência, está a viver) uma das suas fases mais participadas, e, além disso (ou

em consequência disso) —, mas, antes disso, resultado do aparecimento de condições favoráveis —, uma das suas fases mais fecundas e consequentes.

Referências importantes deste período são, para já, o reaparecimento de suplementos literários, o lançamento de revistas, a publicação de livros, muitos deles nos Açores, embora também em Lisboa, em Coimbra e no Porto, e na emigração (nomeadamente nos Estados Unidos). Uma enunciação de títulos e nomes não caberia aqui. Registe-se porém, pelo seu significado, a saída de antologias, duas de poesia e uma de conto. E registe-se também a duração (num caso, de três anos, já) dos

Continua na pág. 4



Sabra soneto branco

Pedro Alvim

Meu hoje foi de teclas letra a letra
na máquina certa debruçado,
os ombros descaídos de atento
à chave dum soneto d'oiro só.

Um café só bebi que me não soube
ao ritual sequer de o preparar:
dir-se-ia na boca amargo sangue
das coisas pelo mundo descarnadas.

De Sabra são os mortos: corpos caem
do rosto da TV sobre o meu rosto
e os dedos me dizem qu'estou pálido.

E no vácuo de teclas que se faz
já a chave não busco, que o oiio
se volve em lençol de luto branco.

AS COISAS NATURAIS — VIII

Ernesto Sampaio

OS salários mais baixos da Europa, milhão e meio de emigrantes, milhares de desempregados, de gente que sobrevive a «ganchos», a «golpes», a horas extraordinárias, pensões e reformas de miséria, alugueres de rapina, vilas e aldeias que desaparecem, campos despovoados, saúde só para quem tem dinheiro, escola em crise, tudo isto depois de três guerras...

O Palha d'Aço pensava em seu pai, na tristeza de vê-lo bado, misérrimo, alheado de tudo, com os cigarros contados, a ruminar a sua morte, a sua

pobre morte indefesa, e imaginava os piaçabas pilões, o autoclismo gigantesco que seria preciso descarregar sobre esta «democracia».

Aquela noite opaca e sufocante tinha de acabar, ou ficarmos para sempre incapazes de enfrentar a vida, perdidos nas picadas desertas do passado, quanto tudo em nós apela ao voo sem amarras, como uma gaivota por cima do mar.

Mas o Palha d'Aço não era Ícaro. Já não tinha vontade de voltar à demanda daquele algures que exige infinitas viagens. Debatia-se numa trama confusa, como um cego que recupera a vista e não suporta o terror, o

desgosto da miséria e fealdade que o rodeiam, e hesita se há-de voltar a encerrar-se nas trevas, outra vez cego pelo sol do deserto.

O que ele perguntava era como é que havia de reencontrar, num mundo de imagens e falsificações, o contacto verdadeiro com o real, preservando na evocação dos lugares, dos seres e das suas histórias a parte de inacabamento e de mistério que lhes cabia, na qualidade única de cada uma das suas horas.

A força de odiar as coisas, acaba-se por invejar a sua força silenciosa, a autonomia que irradiam, como se a mineralização fosse a única escapatória possí-

vel ao inferno quotidiano, à cólera devastadora acesa por uma «civilização» cuja ideologia exclusiva é o fabrico em série e a venda de não importa o quê...

Agora, no silêncio da casa, parecia-lhe ter saído de um dia como uma caverna. As notícias lá de fora eram cada vez mais vagas: «Sabes, amigo, é preciso cumprir o horário com uma disciplina quase militar» dissera-lhe o Adão, caviloso, e triste.

Hmá quantos anos o não via! Lembrava-se dele como de um sigilo reverente, um andar em bicos de pés, um afã de abrir sem ruído portas e gavetas, e ao fim de tantos anos quebrava aquelas liturgias do silêncio com uma conversa incompreensível sobre escritórios, práticas, emulações com colegas, diligências meticulosas para contentar chefes e superiores.

«Tudo isso protege os meus dias e confere-lhes uma natural dignidade e liberdade», esclarecia, com uma afabilidade tranqüila. «Assim o dia corre sereno e ligeiro, na certeza de que não cometo erros nem gestos irreflectidos».

Estava louco: «Em tudo quanto faço — marcar o relógio de ponto, por exemplo — sinto-me perfeitamente imerso na minha satisfatória e humana medida, e alegra-me a ideia de poder envolver esta maneira. O pior são os domingos... Jornadas terribles mas ainda não perdi a esperança de me sentir tão livre e natural nos dias de folga quanto me sinto nos de trabalho».

«Ao despertar, há anos que o domingo se me apresenta como um buraco na vida. Não ir para o escritório, não ter um horário preciso a cumprir, capaz de preencher todo o meu dia, a espantosa condição de me ver livre,



Max Ernst, Lições Obscuras

Continua na pág. 2

Homenagem a Jorge Amado

Aproveitando a presença de Jorge Amado entre nós, Francisco Lyon de Castro, director de Publicações Europa-América, amigo de longa data do escritor e seu editor em Portugal, resolveu promover uma sessão de homenagem ao grande autor baiano, o escritor de língua portuguesa que maior audiência tem em todo o mundo, pela passagem do seu 70.º aniversário natalício e dos seus 50 anos de vida literária.

Assim, realiza-se hoje um cocktail no Hotel Tivoli para o qual se conta já com a presença das mais altas individualidades da vida oficial, amigos do escritor, individualidades do mundo cultural português, elementos da imprensa, rádio e TV. Nesta altura, serão apresentados o último livro de Jorge Amado «O Menino Grapiúna», uma autobiografia publicada recentemente no Brasil, e a obra «Jorge Amado, o Homem e a Obra - Presença em Portugal», documento biobibliográfico ilustrado com dezenas de fotografias e valorizado pelo texto de Álvaro Salema.



Limiar da Terra

não toques na névoa:
queimarás
meu rosto

não guardes a claridade
das ocultas ervas:
apagarás
meu corpo

secaram as rosas
nas veias;
desancadeio
sem pestades
por o desalento
do inverno

nao recuperes
o linho
das palavras
(rude; boa
tecelagem);
matarás
meu canto

JOSÉ MANUEL MENDES

UMA TELA ESCATOLÓGICA ou os restos e os risos de uma pintura

Fernando Guerreiro

ESTE é um dos quadros sobre o qual mais intimamente escrevo.

A sua leitura, de planos muito diferentes é possível: como representação, jogo da cor ou ironia (plágio) do fictivo.

Preocupar-me-ei, sobretudo, com o modo como aos meus olhos, como **corte**, o quadro funciona.

E o que salta de imediato aos nossos olhos? O nu da mulher, em primeiro plano, difere a banalidade da cena contemporânea ou clássica (que evoca a tela de Giorgione), impedindo que o quadro (como a mulher) seja recoberto por uma única imagem. Este efeito, o curto-circuito que o **corpo** provoca, impede que na tela se processe uma mera reprodução ou recondução de um antigo sentido, pelo que o corpo, com o seu peso próprio (representativo e retórico), impõe o significante como uma superfície

de quebra ou em que se **desajusta** um sentido. Significante que, a partir de si mesmo (do seu funcionamento e da sua reserva a um sentido convencional ou lúbrico) gera outro (informe, deslocado, **segundo**).

É conhecido que Manet, por provocação ou gozo da luxúria, neste quadro refere outra mais imprópria pintura («O Concerto campestre», de Giorgione). O efeito irónico da crítica meta-retórica do representado (e do fictivo) é portanto **duplo**: banalização («mundanização» seria mais correcto...) da mitologia figurativa clássica e transgressão da sua cópia tradicionalista (pela inscrição, nessa «cena de época», de um **nu** só num quadro mitológico ou alegórico possível). Uso produtivo, como em Ducasse, do **plágio** como efeito de diferenciação do estilo...

Primeira consequência: este efeito de **corte** no «representado» (meta-crítico e irónico)



solta, com o seu nível de significância e de materialidade próprios, o significante do quadro (neste caso cristalizado na forma feminina, entre os dois homens, num primeiro plano, despida).

Atente-se agora (é fácil encontrar reproduções a **cor** desta pintura) em como o jogo das cores acompanha de perto, isto é não expressa mas **reescreve** este efeito de corte fictivo. Na verdade, se o efeito (tradicional) da perspectiva obedece a um escalonamento de tons brancos de verde que se perdem (ponto de fuga do olhar) no «horizonte» (no infinito) existe na tela um segundo movimento pictórico, que com o primeiro não coincide e antes o contraria: um movimento que se processa dos distantes tons castanhos/verdes, menos densos, para outros mais escuros — um movimento do fundo para a superfície que, pelo próprio efeito de arco e de enlace dos ramos das últimas árvores, conflui nas roupas negras dos dois homens.

Este é um primeiro nível de escalonamento do significante pictórico (um modo tradicional de

sugerir o ponto de fuga longínquo para depois, num efeito de surpresa ou óptico-corte, puxar de novo o olhar do espectador para o primeiro plano da tela — em que se encontram as figuras).

Só que aqui o corpo nu da mulher, no primeiro plano do quadro, efectua uma mudança radical de registo no seu sentido. É o **branco** que se opõe, como contraste (corte), ao quadro, como conjunto.

O **plágio** irónico é assim o principal nível de transgressão, reescrita, das grandes unidades clássicas e do figurativo: isto é, o **valor diferencial** que o autor tira de velhos esquemas retóricos (a função do nu da mulher nos mecanismos de representação tradicionais, ou o recurso ao efeito de perspectiva, que de novo se abate sobre o primeiro plano do quadro...).

É sobre esta **redução** significativa de anteriores unidades retóricas do significado (e simbólicas) que depois se articula todo o trabalho de pormenor, de diferenciação e de dispersão significativa da pintura: o próprio uso da

AS COISAS NATURAIS — VIII

Continuação da pag. 1

disponível em todos os meus gestos: tudo isto me provoca um vazio irado. Saio da cama como um sonâmbulo, fecho-me na casa de banho tempos sem fim. Fumando. De boca empastada, lábios viscosos. Aspiro o fumo do cigarro entre o sono e a vigília, escutando os rumores que vêm do outro lado da porta: a minha mulher, os meus filhos, o domingo. Prisioneiro de tudo e de todos: das portas, das paredes, dos meus familiares. Fugir; escapar à casa, ao vazio dominical, mas não consigo inventar desculpas e pretextos, e ando como um fantasma de sala em sala, de ânimo rancoroso, na esperança de que este dia vai passar depressa, e a noite virá rápida, a meia-noite, a hora de cancelar este nome de domingo. Nada disto me conforta; pelo contrário: entre este momento e o fim do dia, há toda uma pequena eternidade que nunca saberei como preencher.

Ouvia isto e não sabia que responder. Depois da náusea, só faltava a retórica. Cada qual inventa a cegueira e a surdez mais a seu jeito, num mundo onde reina o importante, onde a ciência, através de uma sábia vulga-

rização, consegue inculcar em qualquer bandido troca-tintas a ideia de ser alguém só pelo facto de pertencer ao género humano. Não valia a pena explicar ao Adão que não passava de uma criancinha cercada, mastigada, digerida por um universo pouco substancial, feito de distâncias a percorrer, reflexos condicionados e preconceitos, onde o homem evolui lentamente. Muito lentamente.

Entretanto, a noite avançava sobre a terra e antecipava o seu reinado naquele terceiro andar à Estrela, já envolvido pela penumbra. O Palha d'Aço fitou o pedaço de céu recortado na janela aberta sobre o jardim, e a telúrica melancolia do anoitecer outonal atravessou-lhe a alma velozmente, despertando-lhe a ânsia louca de se evadir nos grandes e silenciosos espaços que se abriam naquele céu duro e frio como um cristal.

Um homem pode matar-se. Qual seria o melhor tempo para morrer? E pode bailar no meio dum salão, como a cidade baila entre um milhão de luzes acesas, e como bailava a Terra no espaço imenso.

E depois? Depois: os perfis bravios de uma vasta desolação,

o palpar do mistério à flor da terra, vozes, apelos na lonjura, o silêncio subitamente perturbado por uma pedrada no charco e logo reconstruído, mais espesso e fundo do que nunca, silhuetas que se cruzam e desaparecem, tudo ligado por um laço maldito, como as almas dos defuntos ainda amarradas à terra, oscilando dscabeladamente ao vento implacável que as sacode e extinguindo-se de repente no ar mal se lhes reza uma curta oração.

A caminho, sem repouso, entre as ruínas do mundo. Sombra discreta em viagem para o pior. Uma boleia no buldozer do humanismo? Não, obrigado, prefiro ir a pé. Os matadouros são feéricos, espectaculares. Nunca se emparedou, empalou, esmagou, queimou com tanta perfeição. Réprobos, banidos, deportados, satélites, radares, mísseis, castigos, ossadas — eia! Por aqui chega-se à intimidade dos nervos, ao fino do fino do pavor, nhanrrghnannr!

«Tudo poderia ter sido diferente» — pensava. Mas a verdade é que todos o automóveis pareciam saídos dum sonho e começava a não ver ninguém. Já em-

palideciam as estrelas e se azulava de luz gélida a madrugada. A sombra cinzenta dos prédios, o relevo confuso das árvores, a lenta ressurreição das cores, todo esse velho mundo que despertava uma vez mais ante os seus olhos adquiria àquela hora um ar cansado, um gosto a coisa morta. Passaros madrugadores, ocultos nos telhados da rua, gemiam notas desgarradas, como se também chorassem a fadiga do mundo. Então fechou a janela, correu as cortinas, apagou a luz e deitou-se, ansioso de silêncio e esquecimento, de um sono vital sem visões.

Nota do autor — Resolvi publicar aqui «As Coisas Naturais», já que se me afigava assaz irrealista nos tempos correntes, a sua publicação em livro (nunca fiz, aliás, qualquer diligência nesse sentido). Que ideia absurda! O folhetim já vai no 8.º episódio e nem a quinta parte do texto veio ainda a lume! Bom, isso era o menos. O mais é que me saúdam com um «lá tenho lido os seus artigos...». ARTIGOS?! Eu ainda devia estar mais desafiado que o Palha d'Aço para me lembrar de pôr a pele de um homem no jornal. Portanto, acabou-se. Adeus, até ao meu regresso.

DEPOIS DO PRÉMIO NOBEL

Garcia Marquez funda jornal na Colômbia

O escritor e jornalista Gabriel Garcia Marquez anunciou na capital do México que vai fundar um diário na Colômbia.

Em vésperas de ser condecorado pelo governo mexicano com a «Ordem Mexicana da Água Azteca», o escritor afirmou que a democracia mexicana «vai no bom caminho» e classificou as multinacionais como «ordenadoras» de divisas na América Latina.

O célebre autor de «Cem Anos de Solidão» avistou-se com o presidente mexicano eleito, Miguel de la Madrid, ao qual entregou uma ampla investigação sobre corporações multinacionais, efectuada pelo Instituto Latino-Americano de Estudos Transnacionais (ILET), de que é membro.

No seu encontro com o presidente eleito do México Garcia Marquez encontrava-se acompanhado do ex-ministro dos Negócios Estrangeiros chileno e presidente da agência «Inter Press Service» (IPS), Gabriel Valdes, e Juan Somavia, dirigentes do «ILET», com sede no México.

Referindo-se às multinacionais, Garcia Marquez, agora galardoado com o Prémio Nobel da Literatura, indicou que a América Latina deveria prescindir delas pois que utilizam mão-de-obra barata para «captar» divisas através dos seus lucros e porque se tornaram «num factor de descapitalização» da região.

Admitiu que embora os países latino-americanos não estejam em condições de competir tecnologicamente com os desenvolvidos, «podemos no entanto ter uma dignidade e independência suficientes, e, bem assim, o poder decorrente das nossas matérias-primas, além da nossa capacidade de trabalho».

Interrogado acerca do México, onde vive há 21 anos, Garcia Marquez definiu o seu sistema institucional como «uma democracia imperfeita, como tudo quanto é humano», mas assegurou que «vai no bom caminho», sobretudo depois que procedeu à nacionalização da banca e começou a controlar os câmbios por determinação do governo a 1 de Setembro passado.

O escritor colombiano que tem dois filhos mexicanos, indicou que escolheu o México como país de residência, porque o considerava «um oásis, com um futuro extraordinário» e uma nação à qual atribuiu «grandes possibilidades de liderança na América Latina, sobretudo nos últimos anos».

«É um país cheio de virtudes que às vezes os estrangeiros reconhecem mais que os mexicanos» — acrescentou.

Garcia Marquez informou que vai fundar proximamente um jornal em Bogotá (Colômbia), dirigido por ele próprio e que terá — disse — uma linha nacionalista.

Esclareceu, contudo, que não se mudará do México, onde foi correspondente estrangeiro até 1967, altura em que publicou «Cem Anos de Solidão», que o transformou num escritor célebre.

cor ou do dejecto no prado a aleg(oria) escatológica.

Não é de estranhar, portanto, como se a tela fosse uma dessas folhas, com tinta, que pelo meio se divide... —, que o azul do horizonte reapareça de novo, no bordo do prado (espaço), como um manto ou toalha (num tom mais nítido e opaco).

Pano, em que podemos encontrar diversos restos alimentares desta cena fictiva...

Porque se a figura da mulher nua se opõe de um modo paradigmático à outra figura que colhe flores num segundo plano do quadro (figura em tudo tradicional e por uma túnica vestida), não poderemos também escrever que os desperdícios que recolhe o manto azul não passam, afinal, de um escatológico signo de toda a teologia do representativo? Duplamente reescrita e transgredida, por um acto de pintura assim tão nu e explícito?...

A história local em reedições da Imprensa Nacional

Prosseguindo a sua meritória actividade editorial a Imprensa Nacional - Casa da Moeda acaba de publicar, em reimpressões fac-similadas, duas obras há muito esgotadas, a «Memória Histórica da Notável Vila de Niza» de José Diniz da Graça Motta e Moura e «Amieira do Antigo Priorado do Crato» de Tude Martins de Sousa e Francisco Vieira Rasquillo.

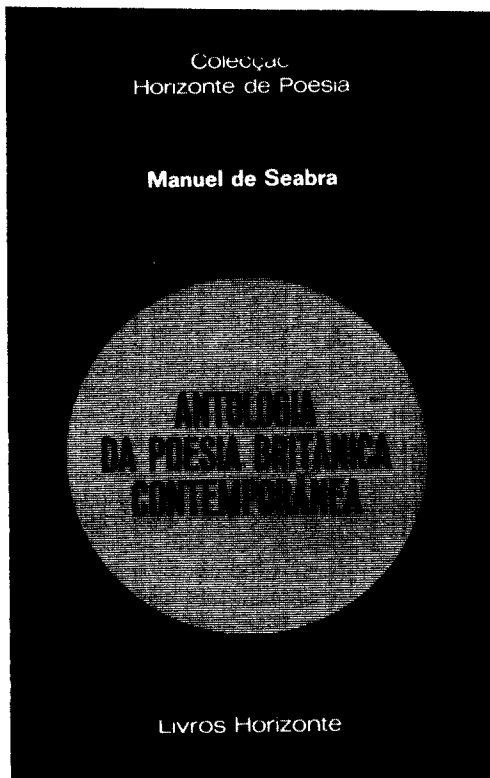
A obra de José Diniz da Graça Motta e Moura tinha sido publicada em 1877 e o texto fora concluído em Janeiro de 1855. O prefaciador da primeira edição exprimiu o voto: «Oxalá que todas as cidades, vilas e povoados possuíssem uma história assim, e que esta memória passe aos vindouros de muitos séculos além, para que todos os nizeses presentes e futuros nela aprendam a história da sua terra, que é tão antiga como interessante.» A obra compõe-se de quatro capítulos:

I — Descrição do termo de Niza, sua cultura, produção, pastagens e arvoredos; II — Descrição dos rios e ribeiras, fontes, serras e minerais do termo de Niza; III — Descrição política de Niza; IV — Dos varões célebres e homens notáveis de Niza.

Obra de colaboração reunindo notas de história e de etnografia, «Amieira, do Antigo Priorado do Crato» de Tude Martins de Sousa e Francisco Vieira Rasquillo, foi publicada em 1936 e apresentada, modestamente, como «subsídios para uma monografia». A obra abrange quatro partes: Amieira na História; Amieira na Economia e na Etnografia; Amieira na Religião, na Arte e na Assistência. Em «apêndice» o testamento de Pedro Vaz Caldeira.

Lamenta-se que a reimpressão fac-similada não se preste a uma boa reprodução das numerosas ilustrações.

AS LETRAS EM DIA • AS LET



MANUEL DE SEABRA, em Livros Horizonte, acaba de lançar «Antologia da Poesia Britânica Contemporânea». Da nota à guisa de introdução de Seabra: «Com esta antologia pretendemos preencher a grande lacuna que existe sobre o conhecimento da poesia britânica contemporânea. O leitor verificará que não há uma grande uniformidade: não há tendências dominantes, linhas concentrantes. Cada poeta é ele próprio. Continua no entanto a dominar formalmente um obstinado tradicionalismo, mas tal não obsta a que sejam tratados temas bem do nosso tempo: a cidade moderna, a libertação e a opressão, o mistério do amor, a solidão, a tecnologia, a política e a guerra». A tradução dos poemas é de Manuel Seabra.

O CÍRCULO DE LEITORES publicou mais dois títulos de autores portugueses: «Antigas e Novas Andanças do Demónio», de Jorge de Sena, e «Retrato do Biógrafo», de António M. Freire Valente. «Andanças» é o primeiro Sena no catálogo daquele conhecido clube do livro. Quanto ao «Retrato», trata-se de uma estrofe e de um texto que concorrera ao Prémio do Círculo — que o júri distinguiu ao nível de recomendar a publicação. Freire Valente tem mais títulos premiados, mas é o Círculo que o lança pela primeira vez. O caso não é sem precedentes: Teresa Veiga com «Jacobina e outras histórias» e Horácio Tavares de Carvalho com «Inquerito Póstumo», por exemplo, foi também naquele clube do livro que publicaram os seus primeiros (e até agora únicos) livros. Nem por não ser sem precedentes, porém deixa de ser assinalável. No mais recente boletim do Círculo vem uma breve entrevista com o autor, que tem 26 anos e é licenciado em Direito, trabalhando actualmente na magistratura judicial. Fica-se também a saber que «Retrato» é um primeiro romance e que mais dois, pelo menos, estão na gaveta, para onde voltaram depois de terem concorrido a prémios da SEC-APE — onde foram distinguidos — mas em vão, quanto a saídas editoriais. Diz ainda Freire Valente que está a escrever mais um romance, «O Mundo de Juan Pascoelli», e que, seguidamente, fará uma pausa para «aferir o novo rumo que devo dar às minhas obras».

ANTÓNIO OSÓRIO — «Décima Aurora», novo título do autor, foi lançada pela Regra do Jogo na sua colecção «In-Verso». É o quarto livro de poesia do autor de «Raiz Afetiva» (72), «A Ignorância da Morte» (78), e «O Lugar do Amor» (81). O volume arquiva, à semelhança do que se passava com os precedentes, sequências (três) de poemas: «Andar nas Nuvens», «Ofício» e «Outra Face». Há um prefácio de Joaquim Manuel Magalhães, uma «entrevista apócrifa» do/ como o autor, e desenhos, extra-texto, de Mário Botas.

ANTÓNIO NOBRE — A revista «Brotéria» publicou em separata um estudo de José Bento: «Notas para uma edição crítica do Só de António Nobre». O estudo tinha saído na revista em número correspondente ao mês de Julho de 1981 e aponta, logo desde o título, para a necessidade de uma edição do «Só» com o rigor e o aparato que nunca teve e que a sua importância mais do que justifica.

«OBRIGADO, CHAPLIN!», de Azevedo Pereira, em edição do autor, é um singelo livro de poemas em torno da figura daquele cineasta e actor. Prefácio de Viale Moutinho, do qual transcrevemos o seguinte período: «Por todos estes versos assoma a esperança e acontece um certo tom de self made poet...»

CAMILO PESSANHA — Na Biblioteca Breve do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa acaba de sair um estudo da italiana Barbara Spaggiari sobre Camilo Pessanha: «O Simbolismo de Camilo Pessanha». «Camilo Pessanha é o único verdadeiro simbolista na literatura portuguesa e, em valor absoluto, um dos maiores intérpretes do Simbolismo europeu» — diz a autora. Barbara Spaggiari é professora na Universidade de Florença e tem, anunciada, uma tradução de «Clepsidra» em italiano. Assinala-se que este estudo agora editado pelo ICLP é o segundo sobre o mesmo autor publicado de há dois anos a esta parte, depois de «O Simbolismo de Camilo Pessanha», de António Falcão de Oliveira Rodrigues, chancelado pela Ática. E, em falando-se de livros, o registo deve alargar-se a uma recente reedição de «A Clepsidra de Camilo Pessanha», um trabalho de Ester de Lemos com cerca de vinte anos de idade mas ainda das peças mais importantes da bibliografia passiva do poeta.

PEDRO TAMEN — Outro lançamento recente do Círculo de Leitores: «Princípio de Sol», de Pedro Tamen. É uma antologia — setenta poemas, seleccionados da obra já vasta do autor —, mais algumas traduções, duas das quais até agora inéditas: «Cântico do Irmão Sol» de Francisco de Assis, e «Cântico dos Cânticos», de Salomão.

Por lapso técnico, um poema de Maria Teresa Horta inserto numa das últimas edições de «DL ler/escrever», saiu apenas assinado com os nomes de Maria Teresa. Aqui rectificamos o lapso, transcrevendo na íntegra o poema de Maria Teresa Horta, de título «Tangerina». El-lo: «Nem o sinal mais leve da alegria/ o clitoris/ as virilhas/ o arrear sedento/ dos músculos da vagina/ Ao leme do meu/ gosto/ conduzo o orgasmo/ a ancorar no porto/ no topo/ naquilo que é suposto/ ser/ a tangerina do corpo».

O escritor António Modesto Navarro publicou mais um livro da temática transmontana, habitual na sua bibliografia, e a que deu o título de «Regresso Ausente».

O livro, subintitulado «Um Corte na Escuridão Transmontana», foi dado à estampa pela editora «Na-Orion».

Dividido em três partes — Ausente em parte incerta, Casas novas e Sinais de libertação — «Regresso Ausente» reúne textos e histórias que tomam como fundo Trás-os-Montes e «falam» das suas gentes e de alguns dos seus principais problemas.

«Regresso Ausente», lê-se na contracapa, é um livro que abre Trás-os-Montes, não só o Trás-os-Montes que é belo e telúrico mas também o da emigração, do sofrimento, dos sonhos de liberdade e de mudança, mudança realizada pelos que emigram e trabalham.

«O Lavrador de Ilhas»

Continuação da pág. 1

suplementos ou páginas literárias. Revistas — é lamentável o desaparecimento de uma, «de cultura açoriana», «A Memória da Água Viva», mas a escassa periodicidade (praticamente anual) de «Aresta» não invalida que dela se faça registo (assim como de «Arquipélago», apesar, neste caso, de certo academismo, ou formalismo académico, ou inércia, ou silêncio, ou discrição na assumpção pública, pelo menos). Livros — uma relação, fundamental que fosse, seria numerosa: de «Sapateia Açoriana», de Vitorino Nemésio a muito recentes revelações no campo da poesia, passando por afirmações ou reafirmações de autores identificados e assumidamente açorianos como Dias de Melo, Emanuel Félix, Alamo Oliveira, o próprio J.H. Santos Barros, sem esquecer um caso especial como Cristóvão Aguiar, e tantos outros.

Nos desenvolvimentos mais recentes da situação um texto assume importância específica: um prefácio de Pedro da Silveira a uma antologia de poesia açoriana publicada em Lisboa, defendendo como dado adquirido a existência de uma literatura açoriana. Para Pedro da Silveira, a existência de uma literatura açoriana é inquestionável, como a existência de outras realidades açorianas — um homem açoriano, uma história açoriana, uma tradição e uma cultura açorianas — distintas das reinóis. Na altura (1977) estavam demasido vivos ainda muitos efeitos do Verão de 75 e a posição de Pedro da Silveira foi identificada com o separatismo, aquém e além da discutibilidade da sua posição e dos argumentos que a sustentavam. Tal posição já não parecerá hoje tão «escandalosa» (termo nosso) como aqui há cinco anos. E o próprio Santos Barros, que na altura reagiu com alguma indignação verbal (apoiada mais numa profissão de fé política) nem aparecerá mais tão empenhado como então a combatê-la. E, relegadas para plano secundário as razões mais caracterizadamente dependentes da conjuntura política, ter-se-á mesmo vindo a aproximar de alguns pontos de identidade e convergência para os quais

Pedro da Silveira também hoje se inclinaria, talvez. De que Pedro da Silveira pense hoje estas coisas diferentemente de 77 não sabemos. De Barros sabemos pelo menos o que neste livro se nos diz — não propriamente de como a perspectiva e os horizontes de reflexão do autor têm evoluído (porque, se têm evoluído, nem por isso se têm alterado), e mais de um empenhamento sistemático no ideário da «açorianidade» como fundo, envolvente, sustento e apoio teórico da noção e do conceito da literatura açoriana.

Antes de mais, para Santos Barros, existe uma «literatura açoriana», mas não no mesmo plano em que se fala de uma literatura portuguesa; também não, obviamente, no mesmo plano em que se poderia (se pudesse, aliás) falar de uma literatura minhota, transmontana, beiralta, alentejana, ou algarvia. Quer isto dizer que a literatura açoriana não é uma literatura nacional, mas também não é uma literatura regional. Não é regional — ou pelo menos, aspira a ser algo mais do que isso: sabendo-se embora que em muitos casos pode não ser mais do que isso, sabe-se também que em não poucos casos esse plano tem sido largamente superado. Mas é aceitável a defesa de uma literatura açoriana como literatura regional (que não regionalista) — se essa noção contar com algumas idiosincrasias distintivas. Uma teórica valorizadora destas idiosincrasias vamos encontrá-la na chamada «açorianidade». As hipóteses mais originais e interessantes a explorar é nesta estrita e vasta área que se situam. Santos Barros coloca-se aí quando defende «a existência de uma literatura açoriana, expressão consagrada pela tradição» e «a especificidade da escrita açoriana», aceitando sem reservas «a existência do homem açoriano e de uma literatura que ultrapassa o mero particularismo localista», e afirmando que a questão de saber se existe ou há ou não uma literatura açoriana «pra mim, é uma questão secundária, se encarada pelo ângulo do puro academismo», porque «responder que sim, e vigorosamente, tem sido uma prática natural que não obedece a precon-

ceitos de nenhuma espécie».

Preconceitos? — O da qualidade, da exigência de qualidade, por exemplo. Manifesta-se muito na observação de que o mais do que se vem fazendo no campo da literatura e no âmbito dos Açores não tem aquele mínimo de qualidade exigível para se poder falar destas coisas um pouco para além da seriedade somente, com convicção e empenho também. Santos Barros diz que a literatura açoriana «existe em quantidade, e qualidade», considerando por certo o sempre relativo proporcional destes processos. Os escritores açorianos não são muitos, são muito menos do que os continentais por exemplo. Mas a população radicada nos Açores é menos do que trinta vezes menos a população no continente. Os livros de qualidade digamos assim de autores açorianos são poucos no mesmo confronto, mas as razões também não podem ser muito diversas.

Outro preconceito — ou noção prévia — que prevalece e perdura nas objeções que se levantam à existência de uma literatura açoriana: a sua indistinação estrutural dentro da literatura portuguesa. «Literatura açoriana» seria uma expressão sem outro conteúdo para além de um indicativo de origem ou proveniência dos seus autores, e, principalmente, para além de um determinado âmbito temático localizado. A tal objeção poder-se-ia responder com outra: a da literatura cabo-verdiana, por exemplo. Também a literatura cabo-verdiana não se distingue da portuguesa mais do que a açoriana. A decisiva distinção confunde-se hoje com o estatuto internacional de Cabo Verde como Estado independente, enquanto os Açores são uma região autónoma. Antes disso, pode também dizer-se que Cabo Verde é África, mas não é mais África do que os Açores são Europa. Antes disso ainda, trata-se de dois arquipélagos, duas comunidades insulares.

Há — a propósito — as chamadas literaturas islenhas. Não temos porém destas literaturas (para além dos dois casos citados, numa área de referências mais próximas) um conhecimento mínimo que nos permita falar delas

generalizadamente. E, já agora, duvida-se de que o conhecimento delas esteja alguma coisa difundido entre nós, no chamado continente, ou nos Açores. Aceitaremos antes uma designação como «literaturas periféricas», compreendendo estas desde logo as das nacionalidades linguísticas como o galego, o catalão, por exemplo, e para não sairmos de Espanha, no âmbito da Europa. A literatura açoriana pode dar-se a designação de «literatura periférica», se pensarmos no contexto europeu. Mas o seu carácter islenico ou insular, também — desloca-lhe muitas das referências e das propensões da Europa para outros continentes, outro continente, aliás, a América, e os Estados Unidos, designadamente. Esta deslocação, porém, não será decisiva, e o principal atractivo será ainda a Europa, e, na Europa, Portugal. Daí que se tenha de reconhecer pelo menos grande pertinência a uma proposta teórica como aquela que avança com a literatura açoriana inserida num determinado sistema, o galaico-português, ou lusso-atlântico, onde terão lugar as literaturas da Galiza, de Portugal, dos Açores, de Cabo Verde, do Brasil, e, eventualmente, de Angola (não estando Moçambique fora de questão). Nenhuma destas hipóteses diversamente graduadas parece desprezível, bem pelo contrário: são hipóteses fecundas sobre as quais os estudiosos devem trabalhar interessadamente. O campo, no caso açoriano de que aqui se trata, se não é de abundante riqueza, também não se pode dizer que seja árido. Santos Barros, por exemplo (ou pelo menos), tem tido, nos últimos anos, para uma atividade incessante no domínio subsidiário da para-teorização, inúmeros pretextos e apoios concretos em matéria de escrita, textos, revistas, livros, autores, obras. Este livro de mais de duas centenas de páginas aí está para o demonstrar.

O livro — desviámo-nos dele, mas era talvez necessário para deixar sugerido que isso de literatura açoriana é alguma coisa em que importa atentar, tanto pela tradição que existe, apesar das descontinuidades, (no

processo global insular) e das deserções (nos tocantes pessoais, de autores que se desligam do referente ou da matriz insular), como pela actualidade de que há notícias a chegarem, não falando das perspectivas de futuro que a custo se estão abrindo, e nas próprias ilhas, ou, pelo menos, nos seus principais centros.

Mas é preciso reparar um pouco no livro e dizer alguma coisa do que nele se fala, aquém e além dos problemas de ordem técnica cuja discussão ele se propõe reanudar.

Os contributos mais intencionais para esta discussão estão numa primeira parte, começando pelo retomar crítico, hoje, de sugestões (e também propostas) apresentadas vai para trinta anos um pouco timidamente (mas lembremo-nos da repressão, desde logo da censura) por Edúino Borges Garcia, e desenvolvendo-se alargadamente nos textos subsequentes até um «balanço precário» de 80, em princípios de 81. Os textos desta primeira parte são cerca de dezena e meia, e em todos se expõem as preocupações fundamentais do autor. O facto de estes textos terem sido escritos e publicados um pouco avulsamente antes do livro — que, creio, os reproduz tal como saíram, de parte pequenas correcções de mínimo pormenor — explica que, nas cem páginas que eles perfazem impressos, não haja tanto a exposição sistemática de um ideário pessoal, e mais a afirmação e a reafirmação de pontos de vista e opiniões que por vezes hão-de parecer repetitivas, e nem sempre numa coerência fora de algumas dúvidas, perplexidades, contradições. Especialmente interessantes — sem prejuízo do interesse que os restantes devem merecer — serão os dedicados aos «problemas do escritor açoriano (que, aliás, e segundo o autor, não são diversos dos do escritor português do continente), um outro fazendo um relance crítico e interpretativo pela literatura açoriana nos anos 70, e os intitulados «Para um conceito açoriano de literatura», «crítico Regional e Nova Literatura Açoriana», e «Sobre Açorianidade Literária». Dizer isto assim é talvez inú-

til. Registe-se apenas que é nestes capítulos que Santos Barros «ataca» mais empenhada, decidida e sobretudo fundamentada o principal da questão, as questões principais, ou os pontos mais importantes do questionário à volta da literatura açoriana.

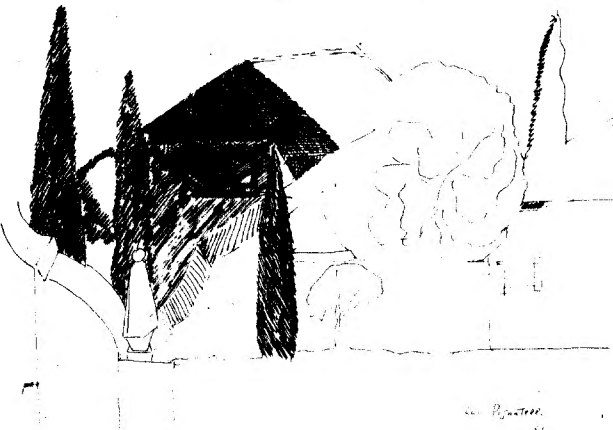
Numa segunda parte é de obras e autores que se trata: de João de Melo a Vasco Pereira da Costa, passando por Teófilo, Antero, Almeida Firmo, Carlos Faria, Vitorino Nemésio, Dias de Melo, Alamo Oliveira, e outros. E numa terceira parte arquivam-se textos de vários teóricos, todos porém arqueando a açorianidade e o seu ideário, com extensões referenciais diversas.

Se é preciso salientar o interesse, o significado e a importância deste livro, não o é menos anotar ainda a expectativa que aqui se abre quanto a trabalhos futuros no âmbito em que ele se propõe. E tanto da parte de Santos Barros como da parte de outros. É que qualquer literatura — e principalmente uma literatura como a açoriana (subalterna, digamos assim, se a designação não é imprópria, tributária de outra literatura em que está integrada e de onde pretende autonomizar-se em termos assentados definidos quanto às razões, às possibilidades e aos objectivos dessa autonomização) não pode dispensar as componentes crítica e auto-crítica que têm de acompanhar de perto todos os seus movimentos nesse sentido, até lhe fixarem ou instituírem esse sentido (ou os sentidos que para aí apontarem).

Por outras palavras, a prática (digamos, criativa) literária precisa, como apoio indispensável, da prática crítica que sobre ela se exerça e que ela seja capaz de suscitar e estimular continuamente. Mais: precisa de que essa prática crítica seja também, e com igual intensidade, prática teórica ou para-teórica, teorizante ou para-teorizante. Ou, ainda: a crítica e a teoria literárias fazem parte do mesmo processo — se bem que a inadverteência persista em atribuir à chamada criação uma posição de hegemonia, impedida de que a teoria e a crítica aí tenham lugar.

Luis de Miranda Rocha

SOBRE
A POEIRA



Invade tudo em tudo se estaleta
estalactite morta em mil fios de sombra
nos livros nos móveis nas cortinas
nas pálpebras que de manhã e vagarosas
se abrem para que dia ou noite

tudo recobre manto de tristeza
igual a um outono torvo
filha disseminada pelo atraso do vento
na ramagens como frio e sombrio pólen

cai de onde de que infértis plantas
de que sótãos desabridos de que pontes
que ninguém nunca atravessou

é uma música funérea um incenso
como um enterro de mãe
como um adeus opaco.

2 Outubro 82

JOSÉ CARLOS GONZÁLEZ

(do livro em preparação:
OS IDOS E AS CALENDAS)